



- **Origens lendárias da Maçonaria inglesa como forma de resistência à legislação trabalhista do Rei Eduardo III (VIEGAS).**
- **O Regime (e o Rito) Escocês Retificado (RER): senão um novo, um olhar complementar (PINHEIRO).**
- **Selos postais e cartões telefônicos como recursos didáticos de divulgação da Maçonaria no Brasil (DE MENEZES).**
- **A Arte Maçônica no Período Especulativo: um estudo sobre os frontispícios das Constituições de Anderson (1723) e Ahiman Rezon (1764) (SOUZA).**
- **O seminário de Olinda e a participação de Padres-Maçons na Revolução de 1817 (DE SOUSA).**
- **As ressignificações da #maçonaria no Twitter... (MOTA).**



"A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria"

Missão:

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.

Dados Catalográficos:

ISSN 2318-0129

Julho a dezembro de 2022

Volume 09.

Número 01.

Periodicidade:

Semestral

Conselho Editorial:

Kenny Ismail

Max Stabile Mendes

Nihad Faissal Bassis

Rafhael Guimarães

Conselho Científico:

Vide in website:

<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

Contatos:

Editor-Chefe: Kenny Ismail

contato@cienciaemaconaria.com.br

Suporte Técnico: Nihad Bassis

nihadbassis@yahoo.com.br

Portal - www.cienciaemaconaria.com.br

Realização:

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

Aviso:

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.



Imagem da Capa:

Frontispício da Constituição de Anderson (1723).

Autor: John Pine.

Fonte: <https://www.1723constitutions.com/1723-constitutions/the-frontispiece/>

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.9, n.1 (2022)
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2022.

Semestral
ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060
CDU: 061.236.61



Sumário

Palavra do Editor	5-6
ORIGENS LENDÁRIAS DA MAÇONARIA INGLESA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À LEGISLAÇÃO TRABALHISTA DO REI EDUARDO III (VIEGAS)	7-16
O REGIME (E O RITO) ESCOCÊS RETIFICADO (RER): SENÃO UM NOVO, UM OLHAR COMPLEMENTAR (PINHEIRO)	17-32
SELOS POSTAIS E CARTÕES TELEFÔNICOS COMO RECURSOS DIDÁTICOS DE DIVULGAÇÃO DA MAÇONARIA NO BRASIL (DE MENEZES)	33-45
A ARTE MAÇÔNICA NO PERÍODO ESPECULATIVO: UM ESTUDO SOBRE OS FRONTISPÍCIOS DAS CONSTITUIÇÕES DE ANDERSON (1723) E AHIMAN REZON (1764) (SOUZA)	47-53
O SEMINÁRIO DE OLINDA E A PARTICIPAÇÃO DE PADRES-MAÇONS NA REVOLUÇÃO DE 1817 (DE SOUSA)	55-62
AS RESSIGNIFICAÇÕES DA #MAÇONARIA NO TWITTER: DE DIREITA CONSERVADORA, CONSPIRATÓRIA E CONFLITUOSA COM A FÉ CRISTÃ? (MOTA)	63-70
SOBRE A REVISTA	71



Palavra do Editor

Prezados leitores,

A Revista Ciência & Maçonaria, apesar de ser bem qualificada (B2 em Ensino pela Qualis CAPES), e presente em importantes diretórios e indexadores internacionais, como DOAJ, ROAD e Latindex, não ficou alheia aos efeitos da pandemia de COVID-19, tendo sofrido, tanto em 2020 como em 2021, com o caos no cotidiano de nossos avaliadores e membros do conselho editorial; e assistido o ensino e a pesquisa serem os primeiros alvos de cortes orçamentários, tanto no setor público como no privado.

Contudo, o ano de 2022 mostrou-se como o ano da superação, em que as pessoas aparentemente desejaram ir além do retorno à normalidade, buscando ajudar o próximo e a melhorar seus conhecimentos e comportamentos.

Não posso desconsiderar a variável da emoção que pode ter alterado minha percepção, ao longo desses nove anos de Ciência & Maçonaria frente aos efeitos da Pandemia. Contudo, sinto-me à vontade para relatar um fato livre dessa variável, que foi o aumento no volume de submissões à nossa revista.

Ainda não é o bastante para retomarmos as publicações semestrais, visto que o aumento de quantidade não significa, necessariamente, aumento de qualidade. Entretanto, o aumento de qualidade trouxe, em números absolutos, mais artigos de qualidade, conforme relato de nossos próprios avaliadores.

Com isso, fico feliz em afirmar que conseguimos manter o elevado nível deste periódico, com artigos inéditos e relevantes, resultantes do trabalho profundo de excelentes pesquisadores, mesmo em um mar ainda revolto do meio aca-

dêmico brasileiro, e também do maçônico.

Os artigos desta edição enfrentam interessantes cenários, que vão desde a Inglaterra da Idade Média, até o Brasil de 2022, passando pelo Iluminismo francês, do século XVIII, e pela Revolução Pernambucana, no início do século XIX.

A leitura nos evidencia que não é apenas a literatura fictícia e fantasiosa que nos permite viajar em pensamentos e nos surpreende com seus acontecimentos. Muitas vezes, a vida real é tão fantástica quanto, bastando nos aprofundarmos em nossa própria história para nos deleitarmos em fatos extraordinários.

E o melhor de tudo, por meio de um periódico 100% gratuito e que, mesmo sem qualquer financiamento público ou privado, vem sobrevivendo há quase uma década, graças à doação de tempo e recursos dos próprios membros de seu conselho editorial.

A imagem escolhida para a capa desta edição é do frontispício da Constituição de Anderson, de 1723. A escolha não foi por acaso, visto que, agora, em 2023, comemora-se 300 anos da publicação de sua primeira edição, tendo essa constituição grande importância histórica (e não legal) para a instituição maçônica. Sua arte é analisada em um dos artigos desta edição, do pesquisador Fernando Souza.

Enquanto o passado da Maçonaria enquanto instituição é abraçado nesse artigo, é o presente que serve de objeto de pesquisa de Diego Mota, que dedicou-se a analisar a imagem da Maçonaria no twitter, em um dia de inverno de 2022.

Viegas não fica para trás, ao propor uma relação entre os manuscritos maçônicos e a polí-

tica trabalhista imposta aos trabalhadores ingleses no período pós-Peste Negra.

E, enquanto Pinheiro dedicou-se à análise de narrativas relacionadas ao Rito Escocês Retificado, Kleber Cavalcante nos apresenta os padres-maçons de Olinda, no período pré-Revolução Pernambucana.

Por fim, não podemos deixar de mencionar o trabalho do pesquisador Claubert Wagner sobre selos postais e cartões telefônicos com temática maçônica, publicados no Brasil ao longo dos anos, e que serviram de divulgação institucional à sociedade em geral.

Assim, a Revista Ciência & Maçonaria mantém o cumprimento de sua finalidade: publicar produção acadêmico-científica multidisciplinar de qualidade, tendo a Maçonaria como objeto de pesquisa, de forma ampla e gratuita.

Boa leitura a todos!

Fraterna e Sinceramente,

Kenny Ismail

Editor-Chefe

ORIGENS LENDÁRIAS DA MAÇONARIA INGLESA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA À LEGISLAÇÃO TRABALHISTA DO REI EDUARDO III

(LEGENDARY ORIGINS OF ENGLISH FREEMASONRY AS A FORM OF RESISTANCE TO THE LABOR LEGISLATION OF KING EDWARD III)

Luiz Marcelo Viegas ¹

Resumo

Na Europa do século XIV, os maçons levavam consigo manuscritos que continham a suposta história de origem da maçonaria operativa. Os mais antigos desses manuscritos são o Manuscrito Halliwell, datado de aproximadamente 1390, e o Manuscrito Cooke, de 1410. Nosso estudo comparativo da história da origem da maçonaria presentes nesses manuscritos com o *Ordinance of Laborers* de 1349 e o *Statute of Laborers* de 1351 objetiva identificar uma provável forma de resistência desses profissionais da construção às restrições impostas aos trabalhadores após a Peste Negra de 1348-49.

Palavras-chaves: Idade Média; Inglaterra; Maçonaria; Resistência.

Abstract

In 14th century Europe, Freemasons took with them manuscripts that contained the supposed origin story of Operative Freemasonry. The oldest of these manuscripts are the Halliwell Manuscript, dating from approximately 1390, and the Cooke Manuscript, from 1410. Our comparative study of the history of the origin of Freemasonry present in these manuscripts with the Ordinance of Laborers of 1349 and the Statute of Laborers of 1351 aims to identify a probable form of resistance of these construction professionals to the restrictions imposed on workers after the Black Death of 1348-49.

Keywords: England; Masonry; Middle Age; Resistance.

¹ Graduado em Administração pela PUC-MG (2017). cursando Licenciatura em História pela PUC-MG e Especialização em História Antiga e Medieval pela UERJ. Especialista em Maçonologia pela Uninter (2019).

E-mail: luizmarceloviegas@hotmail.com

1. Introdução

No século XIV, a Europa ocidental foi atingida por uma série de infortúnios: diversas crises de fome e surgimento de pragas - a mais mortal delas a Peste Negra -, além da ocorrência de guerras, como a Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França. Tais acontecimentos ocorreram após um grande ciclo de prosperidade, onde se observou, por exemplo, o desenvolvimento de novas técnicas agrícolas que vieram proporcionar um substancial aumento na produção de alimentos, a consequente elevação demográfica na região, o re florescimento dos centros urbanos e a construção das grandes catedrais, objetos de enorme admiração mesmo nos dias atuais.

Segundo o cronista Raul Glaber essa parte do mundo foi palco, a partir do século XI, da multiplicação das igrejas: cada cidade queria ter a sua, de preferência maior e mais suntuosa do que a da cidade vizinha. Iniciando na Itália e na França, essas edificações irão se espalhar pelo continente, com o surgimento de novas técnicas e modelos arquitetônicos. Na Paris do século XII, o abade Suger apresenta ao mundo a nova igreja de Saint Denis, reconstruída no estilo gótico.² A partir de então, a "mais régia das igrejas", como foi classificada pelo historiador francês Georges Duby (1979, p. 104), passaria a ser o modelo seguido na construção das catedrais pela Europa, prevalecendo sobre o estilo românico até então vigente.

A tecnologia do uso de pedras na construção é levada para a Inglaterra a partir da contratação, pela Igreja e por senhores que tinham posses para tal, de pedreiros vindos do continente. Conhecidos como maçons,³ esses construtores, responsáveis pela edificação de castelos, muralhas e catedrais cada vez mais altas, ainda hoje atraem a atenção de historiadores e do público em geral, em virtude dos supostos segredos que carregavam e da própria origem do ofício.

Os centros urbanos ingleses, assim como outras cidades da Europa ocidental, são o local onde, a partir do século XIII, mercadores, artesãos, ferreiros, sapateiros, entre outros profissionais, iniciam a formação de suas respectivas corporações de ofício, também

conhecidas como guildas. Nelas, eram definidas as regras de comercialização dos produtos, o "controle de qualidade" da produção, as formas de contratação de aprendizes, entre outros detalhes relacionados a cada uma das profissões, além da garantia de ajuda mútua em caso de necessidade, principalmente financeira. Porém, a exceção se dá no caso dos maçons, para os quais não havia uma corporação específica, seja pelo caráter peregrino que tinha esse trabalhador, sempre em trânsito em busca de trabalho, ou pelo reduzido número que as cidades tinham de profissionais iniciados nesse ofício.

Contudo, sabemos que, ao menos a partir da última década dos anos 1300, alguns desses construtores levavam consigo uma espécie de pergaminho em que estava presente, além de suas obrigações, seus estatutos e a história de origem do seu ofício, chamado de maçonaria. Desses documentos, conhecidos como as Old Charges, os mais antigos são o Manuscrito Halliwell ou Poema Regius, datado de aproximadamente 1390, e o Manuscrito Cooke, de 1410.

Analisaremos nesse artigo, além dos dois manuscritos, a legislação trabalhista do reinado de Eduardo III: a *Ordinance of Laborers* de 1349 e o *Statute of Laborers* de 1351. O capítulo I do estatuto promulgado pelo parlamento inglês em 1425, durante o reinado de Henrique VI, também será comentado.

As duas primeiras leis, a *Ordinance of Laborers* e o *Statute of Laborers*, foram a resposta do rei e do parlamento inglês ao caos que se instaurou após a Peste Negra de 1348-49. A grande mortandade provocada pela Peste devastou a população na ilha, reduzindo drasticamente a mão-de-obra disponível, provocando aumento substancial no preço dos alimentos e no valor dos salários cobrados pelos trabalhadores que sobreviveram à praga. A *Ordinance of Laborers* visava regular os pagamentos pelos serviços de diversos profissionais, como também estipular as penalidades para quem viesse a infringir a lei; o *Statute of Laborers* de 1351 foi a confirmação pelo Parlamento inglês da *Ordinance* de 1349. Já o capítulo I do estatuto de 1425 trata especificamente da situação dos maçons, condenando e reforçando a proibição da realização de assembleias por parte dos membros do

² Nome dado pelos renascentistas italianos àquele estilo arquitetônico medieval, o qual achavam bárbaro, sendo assim relacionado aos godos.

³ "Sobre a origem do termo maçom poucas são as dúvidas: ele vem do francês medieval (maçon ou masson) e designa um trabalhador de construção. No francês moderno maçom significa pedreiro, mas essa acepção não deve ser aceita para o período medieval, em que se referia àquele que trabalhava com pedras e, por extensão, em construções de grande vulto, e mesmo aos escultores, não se aplicando aos que lidavam com cal e tijolo." (SILVA, 1975, p. 112).

ofício.

O estudo comparativo entre a história da origem da maçonaria presente nos dois manuscritos e as leis de 1349 e 1351 objetiva identificar a suposta forma de resistência dos maçons às restrições impostas aos trabalhadores após a Peste Negra que atingiu a Inglaterra ao fim da primeira metade do século XIV. Já o capítulo I do estatuto de 1425 seria a tentativa da coroa inglesa de controlar o comportamento dos maçons, uma vez que continuavam em desobediência ao que havia sido estipulado anteriormente.

Para a compreensão dessas relações sociais na Inglaterra do século XIV, o artigo irá abordar a Peste Negra e suas consequências; além de assinalar os pontos dos manuscritos Halliwell e Cooke que, possivelmente, sejam o caminho adotado pelos maçons para não se submeterem à legislação trabalhista de Eduardo III, preservando sua autonomia na definição dos salários e diferenciando-se dos demais trabalhadores.

2. Do ano 1000 à crise do século XIV

Na virada do ano 1000, com o fim das invasões bárbaras e a instalação da Paz de Deus, a Europa ocidental é palco de crescimento na economia, aumento da população e da atividade construtora, principalmente de igrejas. Segundo o cronista Raul Glaber,

Ao aproximar-se o terceiro ano que se seguiu ao ano mil, viu-se por toda a terra, mas sobretudo na Itália e Gália, renovar-se as basílicas das igrejas; ainda que a maioria, assaz bem construídas, disso não necessitassem, uma rivalidade conduzia cada comunidade cristã a possuir uma mais suntuosa do que as outras. Era como se o próprio mundo se tivesse sacudido e, despojando sua velhice, tivesse se revestido por toda parte com um manto branco de igrejas (Histórias, L. V, cap. 5 apud SILVA, 1975, p. 125).

Diferentemente do que ocorria no continente, na Inglaterra não havia o costume da utilização de pedras nas edificações. Os principais materiais utilizados eram a madeira e a argila, sendo responsáveis pelas obras os carpinteiros e pintores, e não, como seria de se supor, os pedreiros. Acredita-se que a técnica de construção com a utilização de pedras foi introduzida

na ilha pela Igreja (KNOOP; JONES, 1947), que importava mão-de-obra especializada, provavelmente da França, mão-de-obra esta que veio a transmitir seu conhecimento para alguns nativos. Após a conquista normanda, não só as igrejas, mas também muralhas, pontes e castelos passam a ser erigidos empregando a técnica do uso de pedras, com o setor de construção tornando-se a “primeira indústria” do período medieval, estimulando a economia através da

[...] produção de grandes matérias-primas (pedra, madeira, ferro), o desenvolvimento de técnicas e a fabricação de ferramentas para extração, transporte, a construção de materiais de tamanho e peso consideráveis, o recrutamento de mão-de-obra, o financiamento de obras, tudo isto feito em canteiros de obras (e não apenas em catedrais). mas também inúmeras igrejas de todos os tamanhos, edifícios para uso econômico: pontes, celeiros, corredores e casas ricas cada vez mais construídas de pedra (SILVA, 1975, p. 124).

Todavia, apesar do florescimento dos centros urbanos, a maioria da população inglesa ainda permanecia no meio rural no século XIV, sendo que “em algumas áreas 95% da população vivia no campo” (LEGUAY, 2008, p. 103, tradução nossa). Segundo Michael Prestwich (2005), dos 600 centros urbanos, algo em torno de 100 a 150 localidades poderiam ser consideradas como cidades. Os demais 500 a 450, não passavam de vilas ou pequenos vilarejos. Com exceção de Londres (80.000 habitantes), York, Norwich, Bristol (entre 10.000 e 20.000 habitantes), a maioria delas não chegava a ultrapassar 2.000 habitantes.

Essas localidades, independente do tamanho, tinham em comum a existência das corporações de ofício (guildas), responsáveis por organizar a estrutura econômica local. Segundo Knoop e Jones (1947), o nome “corporação de ofício” é uma invenção dos economistas do século XIX que pretendiam, assim, diferenciar a organização que se preocupava exclusivamente com a regulamentação de um comércio ou ofício específico, de uma outra existente no período medieval: a corporação mercantil, que reunia diversos profissionais e se dedicava sua atenção para o comércio da cidade como um todo.

As guildas eram organizações protecionistas e reguladoras, e tinham por objetivo “manter os pa-

drões e garantir que não houvesse ameaça de estranhos ao seu sustento. A competição era estritamente limitada; os padrões de aprendizagem foram firmemente estabelecidos” (PRESTWICH, 2005, p. 486, tradução nossa). Surgidas, provavelmente, durante o século XIII, eram divididas de acordo com o ofício: havia as guildas dos sapateiros, dos açougueiros, dos mercadores, etc.

Porém, com exceção da cidade de Londres, não há indícios da existência de guildas de maçons em outros centros urbanos da Inglaterra. Tal fato pode ser explicado por dois fatores: o pequeno número de pedreiros nas cidades; e, o caráter peregrino que a profissão exigia, fazendo com que esses profissionais estivessem sempre se movendo em busca de trabalho.

Outro dado que demonstra a provável inexistência de uma corporação que agregasse os maçons é a diversidade de salários antes de 1349:

No Castelo de Caernarvon em 1304, havia 53 pedreiros na folha de pagamento recebendo 17 taxas de pagamento diferentes; em outubro de 1316, havia 24 pedreiros recebendo 12 diferentes taxas de pagamento. Na Abadia Real de Vale e no Castelo de Windsor, a diversidade era quase tão grande: na primeira, no verão de 1280, 51 pedreiros eram empregados em 13 taxas diferentes; no último, em 1344, 76 maçons eram empregados em 13 taxas diferentes (KNOOP; JONES, 1947, p. 13, tradução nossa).

A prosperidade alcançada pela Europa desde a virada do milênio, começa a declinar a partir da segunda metade do século XIII quando, a queda na produção agrícola e a fome, iniciaram um ciclo vicioso de perdas de vidas em áreas menos favorecidas. Na Inglaterra, as péssimas colheitas de 1314-17, com a consequente escassez de alimentos, resultou na morte de aproximadamente 15% da população. Já em 1348 a ilha é atingida pela epidemia da Peste Negra, que dizimou cerca de 45% dos seus habitantes (PRESTWICH, 2005). A fome, a Peste Negra e as guerras, resultaram na redução acentuada dos níveis populacionais das cidades, o que levou automaticamente à redução da mão-de-obra especializada disponível e a consequente elevação dos salários cobrados.

O custo crescente da mão de obra foi generalizado. Em Londres, por exemplo, um grupo de empregados de padeiros foi acusado de concordar que não trabalhariam mais a menos que recebessem duas ou três vezes o salário anterior. Houve uma conspiração semelhante entre os ajudantes dos sapateiros (PRESTWICH, 2005, p. 548, tradução nossa).

No caso dos maçons, a edificação das grandes catedrais já vinha sofrendo uma queda considerável nos finais do século XIII. A partir da Peste Negra a situação se deteriora. Nem mesmo o crescimento, observado nesse período, das construções civis (palácios, mansões e edifícios públicos), mais suntuosas do que as construções antes da Peste, não compensam os ganhos que obtinham anteriormente (SILVA, 1975).

3. A legislação trabalhista no reinado de Eduardo III

A escassez de profissionais no mercado fez com que não só os maçons, mas também outras profissões se tornassem ainda mais fechadas, com suas respectivas guildas exercendo forte controle sobre quem poderia exercer o ofício.

De uma forma geral, observou-se um cenário de conflitos sociais, políticos e econômicos em decorrência do caos que se seguiu à Peste Negra.

[...]movimentos comprovam a atmosfera de mal-estar profundo e generalizado, explicável pelo fato de às tendências à depressão se somar uma crise aguda de mão-de-obra decorrente da mortalidade provocada pela epidemia e suas numerosas reincidências, daí resultando oscilações bruscas nos preços e uma alta violenta dos salários, ocasionando protestos gerais aos quais os poderes públicos procuraram atender através de uma série de medidas legislativas visando ao controle de preços e salários, além de determinações de combate à ociosidade e de regulamentação das relações entre empregadores e assalariados, objetivando melhor distribuir a mão-de-obra disponível (SILVA, 1975, p. 129).

3.1. Ordinance of Labourers

Buscando reduzir os danos advindos em decorrência da Peste e trazer alguma ordem nas relações de trabalho, o rei Eduardo III promulga a Ordinance of Labourers em 1349, limitando os tetos salariais aos valores pagos no período anterior à pandemia.

A seguir, destacamos alguns pontos dessa lei:

O rei ao xerife de Kent, cumprimentando. Porque uma grande parte do povo, e especialmente de trabalhadores e servos, morreu tarde da peste, muitos vendo a necessidade de senhores e grande escassez de servos, não servirão a menos que recebam salários excessivos, e alguns preferem mendigar na ociosidade, do que no trabalho para ganhar a vida; nós, considerando as graves incomodidades, que da falta especialmente de lavradores e tais trabalhadores podem vir a seguir, temos deliberado e tratado com os **prelados e os nobres, e homens eruditos** que nos ajudam, de seu conselho mútuo ordenado:

Que todo homem e mulher de nosso reino da Inglaterra, [...] não servindo a qualquer outro, se ele em serviço conveniente, sua propriedade considerada, for obrigada a servir, ele será obrigado a servir a ele que assim o solicitar; e receba apenas o salário, [...] que costumava ser dado nos lugares onde ele deve servir, no vigésimo ano de nosso reinado da Inglaterra, ou cinco ou seis outros anos comuns imediatamente antes [...] e se tal homem ou mulher, sendo assim obrigado a servir, não o faz, sendo testemunhado por dois homens de bem perante o xerife ou os policiais da cidade onde o fato ocorrer, ele será imediatamente levado por eles ou qualquer um deles, e entregue à prisão mais próxima, para ali permanecer sob custódia, até que ele encontre garantia para servir na forma acima mencionada.

[...]

Item, que nenhum homem pague, ou prometa pagar a qualquer servo, mais em salários [...] do que era costume [...]

[...] Item, se os senhores das cidades ou feudos presumirem em qualquer ponto vir contra este decreto presente, seja por eles, ou por seus servos, então a ação será feita contra eles nos condados [...] se alguém

antes desta presente ordenação tiver feito convênio com alguém para servir por mais salários, ele não será obrigado, por causa do mesmo convênio, a pagar mais do que em qualquer outro momento era o costume de pagar a tal pessoa [...]

Item, que [...], carpinteiros, **pedreiros de alvenaria [...]** e **outros artesãos e trabalhadores**, não devem tomar para o seu trabalho [...] acima do que estava destinado a ser pago a tais pessoas no referido vigésimo ano, e outros anos comuns anteriores [...]

[...]

Nós lhe ordenamos, prescrevendo com firmeza, que todas as instalações nas cidades, bairros, vilas mercantis, portos marítimos e outros lugares em seu reduto, onde você achar conveniente, tanto dentro das liberdades como fora, você faça ser publicamente proclamado, e para ser observado e devidamente executado como acima mencionado; e isso de forma alguma omite, visto que você nos considera e o bem comum de nosso reino, e se salvaria de maneira inofensiva. Testemunhe o rei em Westminster, no dia 18 de junho. Pelo próprio rei e por todo o conselho.

Como mandados são dirigidos aos xerifes em toda a Inglaterra.

O rei ao reverendo padre em Cristo W. pela mesma graça, bispo de Winchester [...] rogamus-lhe que as instalações em cada uma das igrejas e outros lugares de sua diocese, que você deve pense conveniente, você faça com que seja publicado; informados os pastores, vigários, ministros de tais igrejas e outros abaixo de você, para exortar e convidar seus paroquianos por meio de advertências salutares, para trabalhar e observar as ordenanças acima mencionadas, como a presente necessidade exige: e que você faça da mesma forma moderar o estipendiário os capelães da vossa diocese, que, como se diz, agora também se recusam a servir sem um salário excessivo; e obrigá-los a servir pelo salário habitual, como lhes convém, sob pena de suspensão e interdição. [...] (The Ordinance of Labourers. In: GREAT BRITAIN. The House of Commons of Great Britain, The statutes of the realm, vol. I, 1965, p. 307-308, tradução nossa; grifo nosso).

No documento original, em latim, a *Ordinance* se refere aos construtores como *cementarii*, e na tradução do documento para o inglês são mencionados como *masons* (maçons). Porém, para Victor Deodato da Silva (1975), a palavra latina se indica “pedreiros de alvenaria” e não os profissionais que trabalham com construções em pedra. Contudo, pode-se entender que estejam inclusos na expressão genérica “outros artesãos e trabalhadores”.

Importante para nossa análise também é a menção a *prelados*, nobres e homens eruditos, como sendo aqueles que auxiliam o rei na resolução do problema. Veremos que, nos manuscritos, os maçons irão procurar se vincular a esses grupos.

3.2. Statutes of Labourers

Em 1351, o Parlamento inglês confirma, através dos *Statutes of Labourers*, o que havia sido previsto na *Ordinance*. Porém, desta feita os maçons são citados diretamente no item que trata da limitação do salário a ser pago aos mestres maçons e outros membros do ofício da construção. Vejamos alguns trechos dessa lei:

[...] contra a malícia dos servos, que estavam ociosos, e não dispostos a servir após a pestilência, sem receber salários excessivos [...] nosso senhor o rei, e pelo consentimento dos prelados, nobres e outros de seu conselho, que tal tipo de servos, tanto homens quanto mulheres, devem ser obrigados a servir, recebendo salário e salários, acostumados em lugares onde deveriam servir no vigésimo ano do reinado do rei que agora é, ou cinco ou seis anos antes; e que os mesmos servos que se recusam a servir dessa maneira devem ser punidos com a prisão de seus corpos, como no referido estatuto está mais claramente contido [...] e agora, na medida em que é dado ao rei entender no presente parlamento, pela petição da comunidade, que os ditos servos não tendo em conta o dito decreto, mas para sua comodidade e singular cobiça, se retirem para servir os senhores e outros, a menos que tenham [...] salários ao dobro ou triplo do que costumavam tomar no referido vigésimo ano, e antes, para grande prejuízo dos senhores, e empobrecimento de todos os ditos comuns, dos quais a dita comunidade reza o remédio: portanto, no referido parlamento, **pelo**

consentimento dos ditos prelados, condes, barões e outros senhores, e da mesma comunidade ali reunidos, para refrear a malícia dos servos, sejam ordenados e estabelecidos as coisas subscritas:

[...]

Item, que carpinteiros, maçons e ladrilheiros, e outros trabalhadores de casas, não devem receber mais por dia de seu trabalho, mas da maneira como era de costume, ou seja: um mestre carpinteiro 3 pence, outro 2 pence; e **o mestre maçom 4 pence, outros maçons 3 pence e seus ajudantes 1 pence** [...] (*The Statutes of Labourers*. In: GREAT BRITAIN. *The House of Commons of Great Britain, The statutes of the realm*, vol. I, 1963, p. 311-312, tradução nossa; grifo nosso).

Para Victor Deodato da Silva (1975) essas medidas tiveram um grande reflexo no comportamento dos maçons, que passam a procurar uma forma de defender seus interesses comuns, uma vez que não possuíam uma entidade corporativa que até então os representasse. A partir de então passa-se a observar uma uniformidade “nas diferentes operações de construção em várias partes do país” (KNOOP; JONES, 1947, p. 16, tradução nossa), em claro contraste ao que foi descrito anteriormente, quando tratamos sobre a diversidade de salários pagos a esses profissionais mesmo quando trabalhando em um mesmo local.

3.3. Os manuscritos Halliwell e Cooke

De acordo com G. P. Jones (2008), os maçons ingleses podem ter formado uma organização no século XIV e cita os documentos da época, relacionados ao ofício, que se referem a uma assembleia a que eram obrigados a comparecer. Tais documentos fazem parte de uma série de manuscritos que hoje conhecemos como *Old Charges*, relacionados à maçonaria operativa inglesa, sendo os mais antigos o Manuscrito Halliwell e o Manuscrito Cooke.

3.3.1. Manuscrito Halliwell

Datado de 1390, o Halliwell é o mais antigo entre os manuscritos que compõem as *Old Charges* e, assim como os demais, tinha sua circulação provavelmente restrita aos membros do ofício.

Foi publicado pela primeira vez em 1840 por James O. Halliweel, e daí vem o seu nome. Adquirido pelo rei Charles II, fez parte da biblioteca real até 1859, quando então foi doado pelo rei inglês ao Museu Britânico. É um poema em octossílabos e, segundo Ferré (2003), provavelmente escrito por um clérigo com grandes conhecimentos sobre a maçonaria daquele período.

Seu texto divide-se em seis partes: a história lendária do ofício; seus estatutos; a lenda dos Quatro Coroados; uma história sobre a torre de Babel; um trecho sobre as sete artes liberais; e, o código de moral a ser seguido pelos maçons. O fato de ser um poema possivelmente facilitaria a sua memorização e transmissão oral para outros membros que não fossem letrados.

Nossa análise terá como foco a história lendária. Ela narra, entre outros pontos, como o rei Æthelstan, no século X, supostamente protetor do ofício, teria autorizado a realização das assembleias anuais da ordem. A lenda ainda relaciona os maçons à nobreza, diferenciando seu ofício dos demais.

A seguir, destacamos algumas passagens dessa história:

Aquele que quiser ler e pesquisar
Pode encontrar, contada em um livro antigo,
A história de grandes senhores e belas damas
 Que tinham um grande número de filhos muito sensatos,
 Mas nenhum dinheiro para cria-los,
 Na cidade nos campos e na floresta.
Fizeram uma assembleia.
 Por amor de seus filhos para decidir
 Como ganhariam a vida
 Sem preocupação nem angústia com o futuro
 De seus numerosos descendentes que iriam nascer
 Quando eles mesmos fossem apenas cinzas.
Eles iam buscar os grandes sábios
Para que lhes fossem ensinados bons ofícios.
 Nós rezamos, por amor a nosso Senhor,
Para que nossos filhos façam belos e bons trabalhos
 Para ganharem a vida,
 Sem dificuldade, mas sim com honestidade e
 sem medo do dia de amanhã

Naquele tempo, por meio da geometria,
Esse honesto ofício que é a maçonaria

Foi concebido
E organizado por uma nobre assembleia de sábios.
Esses sábios, conforme o desejo dos senhores, inventaram a geometria
E a denominaram maçonaria
Para que ela se tornasse o mais belo dos ofícios
 [...]

O ofício da maçonaria teve seu início
Quando o sábio Euclides em sua grande sabedoria
Fundou o ofício nas terras do Egito.
 Foi em terras do Egito que ele transmitiu
 Seu ensinamento.
 Isso durou um longo tempo
 Até que o ofício viesse para nosso país.
O ofício chegou na Inglaterra
Quando reinava o rei Athelstan.
 [...]

O bom senhor amava o ofício
E empenhava-se para fortalecê-lo,
 Pois ele havia observado uma certa fraqueza
Ele ordenou, portanto, que se buscasse no país
Os maçons de ofício
 Que foram até ele
 Para corrigir essas imperfeições de seus conselhos
Reuniram-se homens de diferentes classes,
Duques, condes, barões,
Cavaleiros, escudeiros e muitos outros,
Do mesmo modo, os burgueses da cidade.
Todos estavam lá, conforme sua classe,
Para definir os estatutos dos maçons.
 Eles uniram seus espíritos e desempenharam
 bem sua tarefa.
 [...]

Ordenou-se que anualmente
Uma assembleia seja realizada
 Para verificar os erros
 Do ofício no país.
 Todos os anos ou a cada três anos,
 Conforme o caso, será assim
No local por eles escolhido.
 Data e local serão fixados, assim como
 A localização exata.
Todos os homens do ofício assistirão a ela,
Assim como os senhores,
 Para corrigir o ofício.
 Todos aqueles que pertençam ao ofício
 Deverão jurar manter puros
Os estatutos do ofício
Tal como foram redigidos pelo rei Athelstan.

Esses estatutos, por mim encontrados,
Devem ser respeitados no território,
Fiéis à realeza que devo a minha
Dignidade.
Em cada assembleia
Venham sentar-se junto de seu rei,
A fim de encontrar nele a graça
Para que ela permaneça em vocês.
Eu confirmo os estatutos do rei Athelstan
Que ditou para o ofício. (Manuscrito Halliwell.
In: FERRÉ, Jean. A história da franco-maçonaria
(1248-1782), 2003, p. 40-41, 53, grifo nosso).

A partir da análise dos pontos destacados em negrito, é possível identificar, logo na primeira estrofe, a intenção do autor do texto em elaborar uma origem antiga ao ofício, associá-lo às classes nobres e mencionar a realização de assembleia. Logo em seguida, deixa claro que a maçonaria, que foi organizada por sábios, é o mais belo e honesto dos ofícios, colocando-o acima dos demais. Na terceira estrofe, ao narrar a chegada do ofício na Inglaterra, o autor imediatamente o relaciona ao rei Æthelstan, apresentando-o como protetor do ofício e informando que os estatutos da ordem foram escritos com a participação do rei, da nobreza e da burguesia. Na última estrofe, escreve que a realização das assembleias, para resolver os problemas relacionados aos maçons, fora "ordenada" pelo rei Æthelstan e dela ele participaria junto de todos os membros do ofício.

3.3.2. Manuscrito Cooke

Provavelmente escrito por diversos autores, o Cooke é datado de 1410. De acordo com Ferré (2003), seus autores eram bastante cultos e na redação do texto buscaram mostrar a maçonaria como um ofício nobre e que os construtores não eram em nada inferiores aos sábios.

Além da história lendária, o manuscrito traz o estatuto do ofício e as obrigações de seus membros.

Destacamos a seguir os trechos mais importantes da história lendária para nossa análise:

[...]
É importante que saibam
Que entre todos os ofícios da Terra,
Os ofícios do homem,
A maçonaria tem a melhor reputação,
E que a parte mais bela desse ofício
É a geometria,
[...]

Pois ela [a geometria] foi a primeira ciência.
[...]
Jabel, o filho mais velho [de Lamec],
Inventou a geometria
E a maçonaria
[...]
Caim era seu Mestre Maçom,
[...]
Cam [filho de Noé] queria construir
A torre da Babilônia
Por isso ele ensinou
A seus operários
O ofício da maçonaria.
[...]
Leis foram impostas
Nossos ancestrais
Dentre **os maçons possuíam**
Essas **regras** para eles escritas,
E nós temos agora as nossas,
[...]
[Euclides] Deu-lhe esse nome e a **ensinou**
Aos filhos dos senhores [do Egito]
[...]
E não de outra forma, pois eram
Todos do ofício e todos
De linhagem nobre,
Filhos de senhores.
[...]
Essa arte, excelente
[...] foi importada para a França
[...]
Carlos II [...] tornou-se
Rei da França
[...]
Esse rei Carlos
Foi maçom
Antes de ser rei.
[...]
Ele estimava os maçons, os valorizava,
E lhes deu Deveres
E outros costumes de sua invenção
Que ainda são praticados na França.
Ele lhes disse
Para realizarem assembleias
Uma vez por ano
[...]
Para que Mestres e Companheiros
Pudessem resolver qualquer problema.
Então chegou
Santo Adhabelle **na Inglaterra.**
Ele fez vir **Santo Albano**
[...]
Santo Albano **amava os maçons**
E lhes deu Deveres e Costumes
Na Inglaterra.

Graças a ele,

Eles [os maçons] receberam o salário

De seu trabalho.

Depois dele [Santo Albano] veio um excelente rei

Da Inglaterra chamado

Athelstan. Seu filho mais jovem

Amava muito

A geometria [a maçonaria]

[...]

Ele [o filho de Athelstan] [...] aprendeu o ofício

E seus princípios. [...]

Ele era Mestre. Ele amava a maçonaria

E os maçons. Por isso ele próprio tornou-se maçom

E lhes deu Deveres

E costumes que ainda existem

Na Inglaterra

E em muitas outras regiões.

Foi ele [o filho de Athelstan] que ordenou que lhes [aos maçons] fosse dado

Um pagamento razoável.

E obteve do rei a possibilidade para que

Realisassem assembleias quando

Julgassem oportunas

Para discutir

Deveres, usos e o ofício.

[...]

Refiro-me ao reino de Athelstan,

Que foi rei da Inglaterra,

Quando senhores desse país

Entraram em acordo para lutar contra

Os defeitos que haviam maculado o ofício.

Estabeleceram uma regra,

Todos entre si: uma vez por

Ano, ou a cada três anos, conforme a necessidade,

O rei, os senhores do país,

A comunidade das províncias e das

Regiões, poderiam solicitar

Que fossem realizadas assembleias,

Reunindo os Mestres Maçons e os Companheiros

[...]

Pois todo empregador é senhor

Daquele que é pago por ele por um serviço

Ou um trabalho (Manuscrito Cooke. In: FERRÉ, Jean. A história da franco-maçonaria (1248-1782), 2003, p. 64-84, grifo nosso).

nhecedores e propagadores da arte de construção maçônica. As regras que regem o trabalho dos maçons foram estabelecidas já na Antiguidade e, quando, o ofício chega na Inglaterra é acolhido e protegido pelo filho do rei Æthelstan, com regras estabelecidas, entre elas o direito de realização de assembleias e de receber o salário pelo serviço prestado.

3.4. Os Estatutos de 1425

No ano de 1425, no reinado de Henrique VI, é promulgado o estatuto que, em seu primeiro item, tratava especificamente das assembleias realizadas pelos maçons:

Os maçons não devem se confederar em capítulos e assembleias.

PRIMEIRO, ao passo que pelas **congregações e confederações anuais feitas pelos maçons em seus capítulos gerais e assembleias, o bom curso e efeito dos estatutos dos trabalhadores sejam abertamente violados e quebrados**, em subversão da lei, e para grande dano de todos os bens comuns; (2) nosso referido senhor, o Rei, desejando, neste caso, fornecer remédio pelo conselho e consentimento supracitado, e a pedido especial dos referidos comuns, ordenou e estabeleceu, que tais capítulos e congregações não sejam daqui em diante mantidos, (3) se forem condenados, serão julgados por criminosos. (4) E que todos os outros maçons que vierem a tais capítulos e congregações sejam punidos com a prisão de seus corpos, e sejam multados e resgatados à vontade do rei (The Statutes of Labourers. In: GREAT BRITAIN. The House of Commons of Great Britain, The statutes of the realm, vol. II, 1963, p. 228, tradução nossa; grifo nosso).

4. Considerações finais

Para o historiador inglês Andrew Prescott, a lenda presente no Manuscrito Halliwell, assim como em outros documentos pertencentes às Old Charges, é obra de jovens maçons que buscavam dar legitimidade às assembleias que realizavam. Nessas reuniões reivindicavam a uniformidade e melhora nos salários, além de buscar fortalecer a noção de uma corporação em que todos fossem vistos como iguais, combatendo a estratificação dentro do ofício, algo que se observava

Assim como vimos no Manuscrito Halliwell, o texto do Cooke procura dar um caráter de antiguidade ao ofício da maçonaria, desta feita citando, entre outros, personagens do Antigo Testamento como co-

crecente desde o fim da Peste Negra.

A ideia de relacionar a chegada do ofício na Inglaterra a Santo Albano, ao rei Æthelstan e a seu filho, apresentar as regras, que, supostamente, permitiam a realização de assembleias e o direito ao recebimento de um salário justo, como tendo sido definidas por nobres e senhores, buscava dar um caráter "oficial" à maçonaria, identificando os maçons como sendo de linhagem nobre e seu ofício como o mais antigo e honesto entre todos.

Talvez, o desfecho da grande rebelião camponesa de 1381, em que os líderes acabaram sendo executados, tenha indicado que o conflito direto contra as autoridades não seria o melhor caminho para que seus objetivos fossem. Além disso, as especificidades do ofício favoreciam a adoção de um modelo de resistência diferente da rebelião

[...]a atitude de resistência esteve longe de ser generalizada e que foi sobretudo característica do setor das construções, o que, aliás, é compreensível, já que as suas peculiaridades anteriormente referidas (maior mobilidade, facultando evitar regiões onde o zelo das autoridades fosse muito rigoroso; frouxo enquadramento nos quadros corporativos, sendo que as guildas se constituíam em instrumento de controle por parte dos poderes públicos, sobretudo na Inglaterra; longa tradição de comunicações à distância, dando margem a que medidas na defesa do interesse do grupo fossem colocadas em prática inter-regionalmente) facilitavam sua adoção. (SILVA, 1975, p. 132).

Ao que nos parece, o uso das histórias de origem do ofício como mecanismos de resistência às restrições impostas pela legislação trabalhista de Eduardo III, acabou sendo uma escolha acertada. Nesse sentido, o capítulo I dos Statutes de 1425, promulgado no reinado de Henrique VI, pode ser um indicador desse sucesso, uma vez que ele condena especificamente os maçons pela realização de assembleias, consideradas clandestinas, onde se discutiam assuntos relacionados ao ofício. A necessidade de promulgação de uma lei de condenação específica mostra que a maçonaria passou a ser um movimento organizado e perene na defesa dos interesses de seus membros.

5. Referências

- DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: a arte e a sociedade (940-1420)*. Tradução José Saramago. Lisboa: Estampa, 1979.
- FERRÉ, Jean. *A história da franco-maçonaria (1248-1782)*. Tradução Eni Tenório dos Santos. São Paulo: Madras, 2003.
- GREAT BRITAIN. The House of Commons of Great Britain. *The statutes of the realm*. Printed by command of his majesty King George the Third, in pursuance of an address of the House of Commons of Great Britain. From original records and authentic manuscripts. Vol. I. Reprinted. London: Dawsons of the Pall Mall, 1963. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000017915496&view=1up&seq=8&skin=2021>. Acesso em: 16 set. 2021.
- GREAT BRITAIN. The House of Commons of Great Britain. *The statutes of the realm*. Printed by command of his majesty King George the Third, in pursuance of an address of the House of Commons of Great Britain. From original records and authentic manuscripts. Vol. II. Reprinted. London: Dawsons of the Pall Mall, 1963. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000017915526&view=1up&seq=7&skin=2021>. Acesso em: 16 set. 2021.
- JONES, G. P. Building in Stone in Medieval Western Europe. In: POSTAN, M. M.; MILLER, Edward (ed.). *The Cambridge Economic History of Europe*, Vol. II, Trade and industry in the Middle Ages. 2 ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987. ch. XI, p. 763-787.
- KNOOP, Douglas; JONES, G. P. *The Genesis of Freemasonry*. Manchester: Manchester University Press, 1947. E-Book.
- LEGUAY, Jean-Pierre. Urban life. In: JONES, Michael (ed.). *The New Cambridge Medieval History*, Vol. VI, c. 1300 – c. 1415. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2006. ch. 6, p. 102-123.
- MACEDO, José Rivair. *Movimentos populares na Idade Média*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- PRESCOTT, Andrew. A history of British Freemasonry 1425-2000. In: *CRFF Working Paper Series* No. 1. Sheffield: CRFF, University of Sheffield, [2008?]
- PRESTWICH, Michael. *Plantagenet England: 1225-1360*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- SILVA, Victor Deodato da. Construções e construtores na Baixa Idade Média: em torno da Maçonaria Operativa. *Revista de História*. v. 52, n. 103, p. 109-135, 1975. Vol. 1. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/133146>. Acesso em: 20 jul. 2021.

O REGIME (E O RITO) ESCOCÊS RETIFICADO (RER): senão um novo, um olhar complementar

(THE RECTIFIED SCOTTISH REGIME (AND RITE):
if not a new one, a complementary look)

Ivan Antônio Pinheiro ¹

Resumo

O texto é um ensaio bibliográfico-crítico-analítico que tem objetivo questionar o status de verdade conferido a determinadas afirmações no contexto do Regime (Rito) Escocês Retificado, como é o caso, entre outras, de que o RER não pretende retificar o REAA, bem como que os Rituais atualmente utilizados são os mesmos desde que o RER foi concebido e estruturado nos Conventos de Lyon (1778) e Wilhelmsbad (1782). Em defesa da abordagem que sugere o autor demonstra que, se reconhecida, abriria novas e inusitadas perspectivas de estudo que favoreceriam não só o melhor entendimento do RER, como a sua (re)valorização a partir dos aspectos que o tornam singular no universo maçônico.

Palavras-chaves: Maçonaria; ritos maçônicos; Rito Escocês Retificado.

Abstract

The text is a bibliographic-critical-analytical essay that aims to question the truth status given to certain statements in the context of the Rectified Scottish Regime (Rite), as is the case, among others, that the RER does not intend to rectify the REAA, as well as that the Rituals currently used are the same since the RER was conceived and structured in the Convents of Lyon (1778) and Wilhelmsbad (1782). In defense of the approach suggested by the author, he demonstrates that, if recognized, it would open up new and unusual perspectives of study that would favor not only a better understanding of the RER, but also its (re)valuation from the aspects that make it unique in the Masonic universe.

Keywords: Freemasonry; masonic rites; Rectified Scottish Rite.

¹ Graduado em Estatística pela ENCE (1979); graduado em Economia pela UCAM / FCPERJ (1980); Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (1989), Mestre (1994) e Doutor (2000) em Administração pela UFRGS. É professor associado do Departamento de Ciências Administrativas da UFRGS. E-mail: ivan.pinheiro@ufrgs.br

1. Introdução

A julgar pelo título, o leitor é capaz de imaginar que “vem heresia por aí”, afinal, como admitir um novo olhar por sobre uma instituição já centenária, para alguns, milenar, portanto lastreada em pura tradição? Sim, à primeira vista há uma contradição, mas esta não resiste, como demonstrarei, a um olhar histórico-crítico capaz de trazer luz à cegueira dos apaixonados, como há muitos no RER em particular e na Maçonaria em geral, onde a taxonomia bibliográfica já os reúne em um grupo: os românticos, cuja visão só se explica pelo conforto (vaidade, necessidade?) da identificação com os heróis da saga, alguns já entronizados, e destes, até o mal realizado é justificado em nome de um suposto bem.

Destarte, “um novo olhar” pretende questionar alguns pontos admitidos como já pacificados, mas sem qualquer pretensão de estabelecer uma nova ou mesmo verdade alternativa, mas antes a de despertar e provocar outra tradição, que de tão antiga hoje parece em desuso, quase esquecida: a reflexão crítica. E não faço a crítica pela crítica, tão somente exploro uma das mais caras faculdades humanas – o conhecimento pela cognição – que tem, na Maçonaria, um campo fecundo para o seu exercício, e tenho mesmo dúvidas se o seu desenvolvimento (pela via da reflexão crítica) não é um dos principais desideratos da Ordem.

A motivação inicial para este texto surgiu da solicitação, por parte do Deputado Mestre, de um trabalho que destacasse, no RER, a herança da Estrita Observância Templária. Mas tão logo iniciei as leituras que poderiam dar sustentação ao trabalho, foi crescendo a percepção que alimento desde as primeiras leituras sobre o RER: ao contrário do que habitualmente é afirmado, o RER pretendia, sim, retificar; não o Rito Escocês Antigo e Aceito (REEA), pois este ainda não existia, mas a Maçonaria em geral e, se se quiser manter a correspondência com a designação mais próxima, não o REAA, mas a sua matriz que, à época, já estava constituída: o Rito de Heredom. Mas a questão, como aos poucos se mostrará, é mais ampla. Essas reflexões preliminares já haviam me levado a publicar o texto que dá título à primeira seção deste artigo, cujo conteúdo foi então, agora, resgatado e atualizado. Ademais, as leituras me levaram a perceber elementos que até então não só não haviam me chamado a devida atenção, como, de acordo com o ma-

istream da literatura-RER apontam, senão em sentido contrário, diverso ao que ora apresento. Daí porque ora, reunidos, os apresento como “um novo olhar” sobre o RER.

O texto, então, reúne questionamentos e reflexões sobre as seguintes “verdades” que denomino estabelecidas porque reproduzidas à exaustão e sem questionamentos, ressalvas ou senões pelo autores: 1) que o RER não pretende retificar o REAA; 2) que os Rituais são os mesmos desde que o RER foi concebido e estruturado nos Conventos de Lyon (1778) e Wilhelmsbad (1782); 3) o que eu tenho percebido como sendo uma das maiores preocupações dos autores retificados, explicar que o RER combina elementos de 3 (três) fontes: o “Escocismo Francês”, a Maçonaria dos Elus Cohen e, a Maçonaria da Estrita Observância Templária; e, finalmente 4) chamar a atenção para um traço da personalidade de Jean Baptiste Willermoz (JBW) que, reconhecido e elogiado como mentor intelectual do RER, raramente tem destacada a sua habilidade como político e questionadas determinadas iniciativas. Em esforço para melhor organizar a pauta os temas foram distribuídos em seções específicas, mas reconhece-se que algumas, sem prejuízo, também poderiam ser incluídas em outras, mas também por isso, o texto por vezes parece se repetir – o que foi feito em reforço aos argumentos –, o que remete ao convite para apreciação da totalidade da obra.

Não poderia, de pronto, deixar de reconhecer que este texto não teria sido possível não fossem as matérias do blog Primeiro Discípulo, único veículo, no Brasil,² que atualmente publica regularmente conteúdo genuinamente RER para além do simples historicismo. Além das análises e considerações próprias, o blog apresenta traduções, do Francês, mas também do Espanhol, o que não é de somenos importância, sobretudo em um país culturalmente monolíngue.

2. Rito Escocês ... Retificado. Afinal, retifica o quê?

De regra, em qualquer evento RER que reúna praticantes de outros Ritos, uma das primeiras preocupações do apresentador é esclarecer, afinal, qual o significado da expressão “retificado”. A preocupação é procedente, sobretudo no Brasil, aonde o Rito Escocês Antigo e Aceito (REEA) é o mais praticado. Afinal, retificar, como verbo transitivo direto corresponde a:

Tornar reto; alinhar: retificar o traçado de

² Exceto, é claro, a página do Grande Priorado Retificado do Brasil: <https://gprbcbs.org/>.

uma estrada.

Deixar exato, correto; corrigir: retificar um cálculo.

Realizar a retificação, o conserto de; consertar: retificar um carro usado.

Dispor de maneira harmônica; arrumar: retificava a estante;³

uma referência ao Mons Magorum invisibilis (monte dos magos invisíveis), descrito em um dos documentos rosacruz e explicados por Thomas Vaughan (1621-1666), que foi o tradutor do Fama Fraternitatis para o inglês. É denominada de Montanha da Iniciação e mostra a influência recebida pelo sistema de Altos Graus do hermetismo e rosacruçianismo.

e como verbo pronominal: “Comportar-se de modo certo, correto: ele me ofendeu, mas se retificou”. Ou seja, a expressão “retificado” sugere que tudo o que lhe antecede no texto ... não é exato, não é correto, não é harmônico, ... daí que necessita ser corrigido, retificado. É pois uma questão que de pronto merece ser esclarecida para evitar constrangimentos. E mesmo para os que não são praticantes do REAA, a situação pode se revelar embaraçosa, pois um Rito que se apresenta como retificado, pela própria denominação sugere (inadvertidamente ou não) uma posição de superioridade frente, pelo menos, ao que retificou.

O Maçom Retificado já conhece o esclarecimento que se segue, habitualmente apresentado sob dois argumentos: 1) o da anterioridade, pois o RER é anterior ao REAA, portanto este não poderia ser retificado por aquele; e, 2) a questão templária (vide Cavaleiro Ramsey), esta sim, o efetivo objeto da retificação expressa na designação do Rito. Esse é o esclarecimento oficial, by the book, repetido à exaustão em circunstâncias análogas à apresentada.

Embora tudo seja processo, pois sempre há o antes (acontecimentos relacionados) e o depois cujos prazos são indefinidos, o período de referência do surgimento do RER habitualmente citado está compreendido entre 1778-82, anos em que ocorreram os chamados Conventos fundadores - o de Lyon e o de Wilhelmsbad, respectivamente.

Ademais, é amplamente citado na literatura maçônica que o REAA tem as suas raízes no Rito de Heredom, Ismail (2020, p. 25), entre outros (ROCHA, 2021) afirma que “Os 25 graus do Rito de Heredom e sua difusão nos Estados Unidos é que deram origem ao REAA”. Por oportuno, Muniz (2016, p. 56) esclarece:

A princípio todos os “graus superiores” eram chamados de “Graus de Perfeição e daí veio o nome de “Rito de Perfeição” ou “Rito de Heredom”. O nome Heredom é

E em “Rito de Heredom” (2021) pode ser lido que:

A palavra “Heredom” é um tanto enigmática, dando margem à imaginação, quanto a sua origem [...] Segundo René Guénon, em matéria intitulada “Heredom”, publicada no site da “Madras Editora” [...] É assim que em 1196, fundou-se na Escócia a “Ordem dos Cavaleiros do Oriente”, cujos membros tinham como ornamento uma cruz entrelaçada por quatro rosas. Essa Ordem foi trazida da Terra Santa no ano de 1188 da Era Cristã, da qual o rei Eduardo I da Inglaterra (1239-1307), veio a fazer parte dela. Um século após a fundação da Ordem dos Cavaleiros do Oriente, ou seja, por volta do ano de 1300, em seguida a última Cruzada em que, também, tomara parte o rei de uma Ordem estabelecida no Monte Moriá, na Palestina (lugar escolhido por Salomão para a construção de seu Templo), fundaram um Capítulo dessa mesma Ordem, fixando-lhe a sede dos Hébridas e, mais tarde, em Kilwinning, denominando essa Ordem de “Ordem de Heredom” [...] Com a supressão da Ordem dos Templários, muitos se refugiaram na Escócia e alistando-se sob a bandeira do rei escocês Robert Bruce I, foram decisivos em diversas batalhas, em especial, em 1314, na vitória na Batalha de Bannockburn. Em 24 de junho de 1334, em agradecimento, o rei criou a Ordem do Cardo. No ano seguinte, esta Ordem se fundiu à Ordem de Heredom. A influência Templária era sentida na Ordem do Cardo, com a acolhida de seus graus, que passaram, junto aos graus de cavalaria, a serem conferidos no Grande Capítulo Real de Heredom, dando origem à criação de graus que formaram, mais tarde, o Rito de Heredom.

³ Fonte: <https://www.dicio.com.br/retificar/>. Acesso em: 03.11.20.

Há pois, estabelecido na literatura, um nexos histórico no qual muito provavelmente acontecimentos verídicos são combinados à ficção (criação enaltecida, a saga do herói): Cruzadas-Ordens de Cavaleiros Religiosos-Escócia-Templários-Kilwinning-Heredom-REAA.

Ao Rito de Heredom foram acrescentados mais 8 (oito) Graus até chegar aos atuais 33 do REAA, embora a ordenação (denominação e conteúdo) neste não siga, rigorosamente, à daquele. Ismail (2020, p. 27) cita Ribeiro que, por sua vez, recorre a Pike:

Os oito novos graus têm sua origem em outros ritos praticados na França por volta de 1765. Os graus de Chefe do Tabernáculo (230), Príncipe do Tabernáculo (240), Cavaleiro da Serpente de Bronze (250) e Escocês Trinitário (260) pertencem a uma mesma série em que o último denota a origem. O mesmo ocorre com o 270, Grande Comandante do Templo. O 290, Grande Escocês de Santo André, encontraria sua origem no grau supremo da Ordem da Estrela Flamejante, de 1766. Quanto aos dois últimos graus anexados, Grande Inspetor Inquisidor Comandante (310) e Soberano Grande Inspetor Geral (330), sua origem francesa seria encontrada no seio da Mère Loge Écossaise du Contrat Social, da qual Grasse-Tilly era membro antes de partir para a América.

Em outros (MUNIZ, 2016), mas também em Ismail (2020, p. 25) pode ser lido que

[...] em 1756, surgiu o "Conselho dos Cavaleiros do Oriente", dirigido por maçons da classe média (burgueses), com o intuito de organizar os Altos Graus do rito. Já os maçons de classe mais alta e da nobreza [...] criaram o "Supremo Conselho de Imperadores do Oriente e do Ocidente, em 1758 [...] [este] conseguiu prevalecer [...] se tornando a legítima "incubadora" do Rito de Heredom, aparentemente concluído no formato de 25 graus no início dos anos 60 daquele século, e inventando a patente de [Stephen] Morin que garantiu a exportação do rito para o novo continente (ISMAIL, 2020, p. 25).

Embora por inúmeras vezes já se tenha referido à expressão "Rito", é importante que seja conceituada com maior rigor, o que ora se faz a partir do que pode ser lido em Rito de Heredom (2021):

Em nossa Ordem, o termo Rito recebe uma configuração mais particular. Rito na Maçonaria, segundo o "Dicionário Enciclopédico Maçônico do REAA" [...] "(...) é um conjunto de regras sobre as quais são praticadas as cerimônias, onde são transmitidas as informações, orientações e as práticas, e instruções simbólicas, realizadas através de lendas, sinais, toques e palavras (...)". "(...) Foi na França, no início do século XVIII, que o termo "Rito" começou a ser usado, não apenas como um grupo de cerimônias relacionadas, mas como Graus associados sob um controle e administração comum". Já no Dicionário Completo Maçonaria [...] "A palavra "Rito", na Maçonaria, tem dois sentidos diferentes. Quando se escreve com letra maiúscula, é um conjunto de graus maçons, formando um todo coerente para designar um Rito particular da Maçonaria (REAA, Adonhiramita, York, etc.). A palavra "rito", escrita com letra minúscula, é um conjunto de regras que fixam o desenvolvimento e as formas de trabalho em Loja, os diversos cerimoniais, como rito do despojar dos metais, o desenvolvimento dos trabalhos de uma Loja, etc."

A proliferação de Ritos e Graus, iniciada no séc. XVIII, veio para acomodar as duas grandes cosmovisões no seio da Maçonaria que também passava por profundas transformações, de Operativa à Especulativa com a presença crescente dos "aceitos": grosso modo por ora designadas como científica e metafísica - a primeira produto da Modernidade e do Iluminismo; a segunda, do renascimento das ciências ocultas (magia, cabala, astrologia, hermetismo, etc.) concomitante à ciência moderna (experimental, dedutiva, lógica, racional, etc.) (YATES, 1990; ROSSI, 1992). Movimento esse (a proliferação de Ritos) que experimentou crescimento exponencial com a difusão e grande acolhida à tese do Cavaleiro Andrey M. Ramsay.

A cronologia revela que à época do desenvolvimento do RER (1778-1782) a espinha dorsal do REAA, os 25 Graus e a organização interna do Rito de

Heredom, já estava constituída, assim como os demais Graus, dispersos ou não, já se encontravam presentes em outros Ritos. A título de exemplo, a Jerusalém Celeste, figura-chave no RER, correspondia ao 190 Grau (Grande Pontífice) no Rito de Heredom que, transposto para o REAA, manteve o mesmo ordenamento e ganhou denominação complementar: Grande Pontífice ou Sublime Escocês.

Não é razoável crer que JBW não tivesse conhecimento desse embate geral que se verificava no seio do universo maçônico, assim como da principal questão que opunha os Antigos aos Modernos: adoção de um Rito confessional (católico) em linha com as Old Charges defendida pelos Antigos vs a religião natural (secular deísta com abertura ao ateísmo) adotada pelos Modernos de 1717.

Portanto, se entre 1778-1782 porque o REAA ainda não havia sido criado, o que só acontecerá no início do séc. XIX, não poderia mesmo haver proposta no sentido à sua retificação, não obstante, uma das principais críticas - o grau de vingança⁴ -, e contra a qual já se debatia JBW, já estava inserida no Rito de Heredom:

Uma suposta herança desse “jacobismo” nos graus escoceses estaria preservado no famoso grau de vingança do REAA, o 300 grau, de Cavaleiro da Águia Branca e Preta, que era o penúltimo grau (240) do Rito de Heredom. Nele, pode-se encontrar o fruto de Ramsey e o sonho dos jacobitas: os maçons vingando a morte do último Grã-Mestre dos Templários, Jacques de Molay, traído pelo Estado e pela Igreja. Seria uma alegoria para uma almejada vingança da morte do rei Carlos I, morto [1649] a mando do Parlamento, e de Jaime II, destronado por intolerância religiosa (ISMAIL, 2020, p. 24).

S.M.J., estão criadas as condições de admissibilidade, pelo menos a título de hipótese, do intento de o RER, na sua gênese pretender, sim, retificar o que, entretanto, só mais tarde viria a ser denominado de REAA. Ademais, há ainda outros fatos que, no mínimo, despertam a curiosidade do investigador:

- primeiro, nunca foi segredo que o intento de Martinez de Pasqually (MP) era fazer dos Elus Cohen uma ponta de lança para reformar a franco-maçonaria. E é possível que isso tenha mesmo entusiasmado JBW, do qual se diz que era conhecedor e praticante de inúmeros Ritos, razão pela qual já revelava desapontamento, senão com a Ordem, com alguns dos rumos em curso;
- segundo, de acordo com Ursin (2014, p. 60), “Em 06 de maio de 1772, ele [Martinez de Pasqually] embarca para São Domingos [hoje Haiti] para “recolher uma herança” e morre em Porto Príncipe, em setembro de 1774”; por fim,
- de acordo com Ismail (2021, p. 46):

Em 1763, Stephen Morin, portando sua patente que lhe outorgava autoridade para estabelecer o Rito de Heredom no continente americano, concedeu outra patente a Henry Andrew Francken. Começando por Santo Domingo, Jamaica e, provavelmente, Louisiana, em 1767 o Rito de Heredom já estava sendo concedido em New York e de lá rapidamente se espalhou por todo o país, com dezenas de Grandes Inspectores disputando irmãos candidatos, sem divisões de territórios, e concedendo outros graus franceses ou até mesmo inventando novos graus para atrair mais clientes. Um verdadeiro caos.

Ou seja, quando MP, cuja influência sobre JBW é conhecida, chegou a São Domingos, o Rito de Heredom já estava estabelecido. Ademais, desde 1770 ele vinha trabalhando em um dos textos fundantes do RER, o “Tratado da Reintegração dos Seres - em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina” (PASQUALLY, 2008). Durante o período que esteve em São Domingos MP e JBW mantiveram intensa correspondência, por meio da qual, inclusive, o primeiro repreende o segundo em razão dos desvios (pela aproximação com a EOT) frente à doutrina da retificação. Teria MP comentado com JBW sobre o cenário maçônico, certamente contrário à sua visão mas que lhe era dado a conhecer na ilha? E, desgostoso, orientado JBW a redobrar os esforços no sentido à expansão dos Elus Cohen que, lembre-se, possu-

⁴ A bem da verdade, no REAA há outros graus que sugerem, entre outras atitudes, comportamentos e valores, também a vingança. Pessoalmente considero exagerada a ênfase conferida à vingança, trata-se, no caso, de uma leitura enviesada, pois essa (a vingança) é mesmo criticada. Uma leitura mais imparcial e ampliada observa que a luta (da Ordem) é em favor da liberdade e contra qualquer forma de tirania e opressão, independentemente se provenientes do aparelho estatal, da sociedade civil ou do clero.

ia o intuito retificador?

Da série de textos de Pierre Noel,⁵ mas também de outros traduzidos e comentados pelo blog Primeiro Discípulo, pode se extrair que: se inicialmente JBW nutria uma entusiasmada admiração por MP, o que hoje o faria ser considerado um “seguidor”, passado algum tempo a convivência fez com aquela diminuisse, chegando mesmo ao desapontamento, e para tal não faltaram motivos: da falta do cumprimento de promessas e entregas (comportamento evasivo e displicente de MP) à excessiva ênfase nas práticas teúrgicas (inacessíveis à JBW), passando, inclusive, como visto acima, por constrangimento público determinado à distância - por carta e desde Santo Domingo. A citação a seguir, também extraída do blog, “dá o clima” entre ambos bem como o do entorno:

Porém, se a Ordem Cohen estava mergulhada em caos, por sua vez o estado da Franco-Maçonaria na França também não era nada bom, podemos dizer que era deplorável, consequência da desordem gerada pelo conflito em seus Graus Escoceses, que se reforçou por ocasião da morte do Conde de Clermont em 1771, sucedido por Louis Philippe, Duque de Chartres e de Orleans.⁶

Empreendedor, pragmático (caso contrário não teria logrado sucesso como homem de negócios) e católico fervoroso, aos poucos JBW foi buscando novos caminhos, de um lado, a proximidade com o Barão Karl Gotthelf von Hund e a sua Estrita Observância Templária (para JBW um exemplo de organização e disciplina) e, de outro, após o falecimento de MP, o empreendimento que veio a ser conhecido como as Lições (reunidas nos Cadernos) de Lyon, levado a cabo de 1774-76 e que contou ainda com a participação de Saint-Martin e outros.

Parece-me claro que, sim, aos poucos JBW foi elaborando o projeto para uma nova Ordem que pretendia retificar as falhas (ou o que entendia como tal)

tanto da Maçonaria Elus Cohen, como da Estrita Observância Templária que, se de um lado exibia a organização e a estrutura que faltavam à primeira, de outro apresentava a fragilidade da defesa intransigente, de von Hund, de que a Maçonaria era a legítima herdeira do legado templário, inclusive, do acervo patrimonial. Cabe lembrar que JBW e outros (a exemplo de R. Salzmänn e dos irmãos Türckheim) já trabalhavam na reforma da EOT desde a morte de von Hund em 1776.

Assim, é provável que a crítica de JBW à EOT não se limitasse à questão templária, eis que os lionenses a consideravam muito pobre, apreciação que dois séculos após também será reconhecida por Jean-François Var (notório estudioso do RER) quando refere aos Rituais da EOT, julgados rudimentares e desprovidos de qualquer valor iniciático verdadeiro: “[...] De gestualidade, um moralismo banal, nada mais [...]”.⁷ De tal modo que, se no primeiro momento JBW viu nos Elus Cohen e em MP uma alternativa (esperança?) ao seu desapontamento com os rumos da Ordem em geral, no momento subsequente passou a vislumbrar fazer “de dois, um”, mas não poderia, é claro, abandonar as raízes operativas (escocesas - francesas) da Maçonaria, daí então, o “três em um”.

Finalmente, observo um ponto incompreensivelmente não explorado na literatura: tanto a EOT quanto os Elus Cohen, no mais alto nível eram comandados por “superiores incógnitos (também apon-tados como “desconhecidos”)”. Esse traço comum teria positivamente atraído JBW ou ele teria identificado aí, como católico, mais uma oportunidade (além da questão templária) à espera de retificação? Nessa linha, ao invés e no lugar dos “superiores incógnitos/desconhecidos”, Deus e a hierarquia celeste. Em ambas, em contraste com o Iluminismo objetivo e racional que dominava as demais Ordens, já estava estabelecido um ambiente místico, terreno fértil aos seus propósitos de criar uma maçonaria especulativa de caráter eminentemente cristão. De outro lado, quando pressionado por JBW (pelos atrasos, pela ausência de esclarecimentos, etc.), MP responsabilizava os tais Superiores ... o que, sobretudo, desagradava o primeiro.

⁵ O primeiro pode ser lido em: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-primeira-parte>. Acesso em: 03.06.22.

⁶ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/jean-baptiste-willermoz-na-escola-de-martinez-de-pasqually-g%C3%A2nese-do-regime-escoc%C3%AAs-retificado>. Acesso em: 03.06.22.

⁷ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-primeira-parte>. Acesso em: 04.06.22.

Em síntese: s.m.j., à luz da cronologia dos acontecimentos é razoável admitir que o objetivo de JBW foi sim criar uma nova Ordem capaz de cumprir o papel de retificadora, inclusive das que como tal já se consideravam, como é o caso da EOT e também da Maçonaria Elus Cohen.

Ora, qual a vantagem de, agora, promover essa leitura revisionista? Algumas, conforme aos poucos se tornará mais claro à medida que se desenvolvam os próximos tópicos.

Uma das principais é chamar a atenção para os aspectos que distinguem o RER dos demais Regimes e Ritos, pois as diferenças, por exemplo, tornam legítimo o seguinte questionamento: o RER deve fazer parte da institucionalidade maçônica contemporânea, que submete os Graus Simbólicos (Lojas Azuis) a uma Potência e os Altos Graus (por alguns denominados Filosóficos, mas também Superiores) a outra completamente autônoma e independente da primeira? Ou, para maior fidedignidade à concepção original - notadamente a ideia de Regime -, deveria se constituir como uma Ordem à parte? A separação em dois Corpos Administrativos, em especial no caso do Grau de Mestre Escocês de Santo André, circunstancialmente não pode comprometer a formação que tem a sua origem nas Lojas Azuis? Finalmente, há que se refletir e ponderar se em nome da regularidade pontos essenciais não têm sido sacrificados e que, no limite, podem levar ao conhecido Paradoxo do Navio de Teseu. A questão que me parece central é: qual a organização e a estrutura que se revelam mais adequadas para que ele, o Regime, cumpra os mais altos propósitos idealizados pelos pais fundadores?

A abordagem histórica (com linhas do tempo) é predominante na literatura maçônica, e o RER no Brasil não foge à regra, quando então são apontadas as suas três raízes; vide, por exemplo, duas das publicações mais recentes: Poretz et alli (2022) e Souza e Paulo (2022). Por vezes, segue-se um ou outro comentário sobre os traços legados pelos respectivos DNA mitocondriais, mas nada que revele a importância e a singularidade do RER no contexto mais amplo - passado, presente e futuro -, sendo antes apresentados como curiosidades históricas. O reconhecimento do propósito retificador do RER, independentemente da alusão (que neste caso ilude porque restringe) ao REAA (Heredom), mas à Maçonaria em geral, forçosamente conduziria à exploração das seguintes questões de pesquisa:

- por que estes, e também por que não outros, tra-

ços específicos foram os escolhidos (por JBW e os demais mentores do RER) a partir de cada DNA?

- e como estes traços se combinam, se complementam, reciprocamente se atribuem significados e mutuamente se reforçam no sentido à constituição de um novo todo (Regime/Rito) diferenciado dos demais?

Ao invés de dirigir o foco exclusivamente para a sua história, são essas as questões me parecem centrais para o estudo e, por conseguinte, o entendimento do Rito.

Visto por esse prisma, penso que a personalidade exclusiva do RER seria, pela via do contraste, mais destacada, sem a pretensão de ser melhor que os demais, mas teria sublinhadas as suas singularidades, o que, per se, constituiria não apenas um norte, mas estabeleceria diretrizes mais bem definidas para o estudo, a análise e a interpretação simbólica (lato sensu) que hoje se perde em meio à amplitude que é tão característica do REAA.

Destarte, o reconhecimento da diferenciação - produto do intento retificador da realidade à época vigente -, viria ao encontro, por exemplo, do que é afirmado nas Considerações Introdutórias ao Ritual do Aprendiz (GOB, 2018, p. 16-17):

Primeira característica importante do RER, sem dúvida, é a unicidade estilística e autoral de seus rituais (os graus foram escritos pelas mesmas pessoas no mesmo período). Esses rituais permaneceram preservados praticamente sem alterações, por mais de 200 anos [...] Uma segunda característica que torna o RER singular é a existência de uma doutrina própria, de forte caráter cristão, que não encontra semelhança em outros ritos [...]

Se salientadas as singularidades do RER, o que inclui o seu propósito retificador (parcial, é claro) frente ao REAA, é de se imaginar que estas implicariam em um novo posicionamento frente à bibliografia, tornando-se claro, por exemplo, que o acervo disponível ao maçom retificado, ao contrário, é muito maior, a começar pela Bíblia, notadamente o Novo Testamento, e as suas incontáveis exegeses, mas também, para não me estender em demasia, toda a literatura identificada como "patrística" e a dos demais Doutores da Igreja estendendo-se ao largo período da es-

colástica. A literatura-REAA é aplicável, quando muito, a uma das raízes do RER - o escocismo -; assim, para alcançar a sua maior e mais elevada expressão o estudioso deve recorrer às demais fontes conforme a matéria objeto de estudo.

Finalmente, em carta datada de 10/10/1810, Willermoz diz ao Príncipe Charles de Hesse:

Vossa Alteza se recorda, sem dúvida, que o tempo que os deputados do convento geral haviam acordado para duração dessa assembleia foi insuficiente para aperfeiçoar a multidão dos trabalhos projetados, ocupando-se então daqueles que eram mais importantes; e continuando em seguida limitando-se a esboçar **a reforma dos graus simbólicos e os da Ordem Interior** [...] (grifo nosso).⁸

Portanto, inequívoco e de “viva voz”, o ímpeto reformador-retificador do autor e da sua obra.

3. “Esses rituais permaneceram preservados, praticamente sem alterações, por mais de 200 anos”

O leitor atento observou que o título desta seção corresponde a um destaque de uma das citações anteriores. A rigor a frase não é livre de dúvidas em razão do tempo verbal empregado - permaneceram -, que sugere ter havido alterações a partir de um determinado momento. Qual seria a data de referência? Se for o ponto médio entre 1778-1782, significa então que aquelas foram introduzidas a partir do final do séc. XX ..., mas introduzidas aonde, no ritual de qual Grau? Contudo, sejam quais forem, para os fins que seguem essas supostas alterações mais recentes são de somenos importância pois, de regra, o entendimento disseminado na literatura é o apresentado, entre outros, por Souza e Paulo (2022, p. 15):

Mas diferentemente do que aconteceu a todos os Ritos e Regimes contemporâneos, **o RER nunca sofreu as alterações que os outros sofreram** ao longo das décadas [...] Daí nasce sua originalidade nos tempos atuais, não de uma originalidade de nascença, mas de uma fidelidade ao desenho inicial de seus fundadores (grifo

nosso).

No que tange ao foco deste texto, como demonstrarei, ambas as citações (a do GOB e a de Souza e Paulo) não correspondem à realidade dos fatos, e o olhar a partir de outra perspectiva também descortina não só um novo entendimento, como uma postura diferenciada sobre diversos aspectos e ensinamentos do RER. De outro lado, como argumentei em Pinheiro (2021), tendo a discordar, na citação acima, quando os autores afirmam que a “[...] originalidade nos tempos atuais, não de uma originalidade de nascença [...]”, pois defendo o contrário: no contexto da época, e ainda hoje, ao propor a retificação dos termos dados, o RER é, sim, original, desde nascença - o único ponto que me afasta de uma afirmação mais categórica é o desconhecimento de todos os demais (dezenas) Ritos.

Um simples perscrutar histórico já levantaria dúvidas quanto à possibilidade de uma construção dessa natureza, eminentemente sociocultural, ser mantida na integralidade durante tanto tempo, sobretudo face às adversidades ocorridas no Velho Mundo, a começar pela gênese do RER em meio à Revolução Francesa. E quase 1,5 século após, duas guerras que envolveram praticamente todo o Velho Mundo, antecedidas da ascensão e disseminação de uma ideologia que, quando não persegue ostensivamente, se revela contrária e desestimula qualquer prática pública que aluda às crenças metafísicas. Não que esses fatos, per se, introduzam alterações nos escritos originais, mas ao criarem obstáculos ao livre (público) exercício de determinadas práticas, a exemplo da abertura de Lojas maçônicas, favorecem o surgimento de idiossincrasias em meio aos Ritos originais que, embora pontuais, criadas e disseminadas nas catacumbas, alimentam a pretensão da universalidade, como se cada uma fosse a única e verdadeira portadora das tradições.

Não obstante, abandono a visão generalizante e, para demonstrar o que afirmei, retorno a Pierre Noel em tradução livre no blog Primeiro Discípulo conforme os endereçamentos que seguem às citações.

Na descrição da ritualística do Terceiro Grau P. Noel afirma:

⁸ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-quinta-parte-parte-final>. Acesso em: 07.06.22.

As nove tochas, dispostas como no grau de Aprendiz não se acendem senão quando o candidato está deitado no caixão. Introduzido a loja de costas (andando para trás) descobre o mausoléu antes de iniciar as nove viagens, “reduzidas a três”, no curso das quais **escuta três máximas das quais existem várias versões** [...] (grifo nosso).⁹

para outorgar seu acordo final (o que jamais ocorreu).¹¹

Ora, se existem várias versões ... não se pode afirmar que o Ritual é único, universal, e não imagino que aqui o autor esteja aludindo à problemática habitual às traduções. Admitir as diferenças suscitaria pesquisas no sentido a responder: quando e em que circunstâncias surgiram tais versões? São diferenças de somenos importância ou, de algum modo, implicam em ressignificações de maior relevância? Ou ainda, ao contrário, se foram ajustadas ao contexto (histórico-regional) para reforçar a mensagem central?

“Finalmente resolveu-se não utilizar o título sugerido por Willermoz, reconhecendo porém que as lojas de Viena e de Berlim tinham o direito de conservá-lo caso desejasse”.¹⁰ Ora, s.m.j., trata-se de mais uma evidência de que, se não existem (e não posso afirmar porque desconheço todas as trajetórias) foram criadas as oportunidades para a existência de variações entre os Rituais hoje em uso. O episódio, ocorrido durante o Convento de Wilhelmsbad, também chama a atenção para atitudes e estratégias utilizadas para solucionar situações de impasse: transigir, conciliar e abrir exceções.

Duas questões merecedoras de atenção e que em alguma medida talvez dignas, senão de uma retificação histórica, de adendos quando comentadas.

A primeira:

Depois da leitura do catecismo do terceiro grau, os delegados se pronunciaram acerca do conjunto dos três graus. Após uma última súplica de Charles de Hesse, os rituais foram adotados, sob reserva de ratificação posterior pelas lojas do Regime, dando-se as Províncias até o final de 1783

Ora, como visto, é lugar comum afirmar-se que o RER foi gestado nos e entre os dois Conventos citados. Na prática, como era de se esperar, porque habitual, as primeiras reflexões antecederam, e talvez de muito, o primeiro Convento. De outro lado, dizer que o RER desde que foi discutido e aprovado (nos dois Conventos) não tenha sofrido alterações, não corresponde à realidade dos fatos pois, conforme se vê, a aprovação definitiva jamais ocorreu.

Qualquer afirmação categórica além de não excluir as demais corre o risco de ser esvaziada à luz do surgimento de novas evidências documentais; todavia, mantida a coerência, não podem ser afastadas enquanto conjecturas e produtos da reflexão desapaixada. Mas algo é certo: não se pode afirmar, livre de críticas, que os Graus simbólicos foram aprovados e desde então não sofreram alterações; no máximo pode ser dito que o projeto de JBW et alii foi hegemônico, provavelmente pelos seus méritos, porque efetivamente é original, mas não se pode excluir que tenha sido favorecido pelo adormecimento histórico que acometeu o Regime, eis que desde então ficou livre de debates, críticas e aprimoramentos por aqueles que, tendo-o colocado em prática, submetido a testes, poderiam tê-lo feito.

A segunda:

Willermoz apresentou o rascunho de um projeto para servir de base ao “Ritual do quarto Grau”, o que deu origem a uma discussão acirrada [...] apresentou o primeiro esboço do novo escocismo; O Quarto Grau de nossa Maçonaria retificada: sobre a qual se fazem várias observações. (*op. cit.*)

O ocorrido por ocasião do delineamento do Quarto Grau, conforme se verifica, guarda analogia com o que se passou com os demais graus simbólicos; nas palavras de P. Noel: “Uma conclusão aqui se

⁹ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-segunda-parte>. Acesso:06.06.22.

¹⁰ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-terceira-parte>. Acesso em: 06.06.22.

¹¹ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-terceira-parte>. Acesso em: 06.06.22.

impõe: coube a Willermoz a tarefa de redigir a versão definitiva do Quarto Grau" (op. cit.). Em síntese: tampouco o último Grau do Simbolismo - o de Transição -, quiçá o mais importante e polêmico, foi concluso no Convento de Wilhelmsbad, no máximo pode ser dito que ali foram abertas as discussões que, sabe-se, foram acirradas, certamente pelas controvérsias que envolviam o projeto de JBW. Desse modo, cabem aqui as mesmas perguntas já formuladas.

Assim, a valer a tese da inalterabilidade, o RER, tal como hoje em uso, nunca foi uma unanimidade e tampouco expressão da maioria dos presentes ao Convento de Wilhelmsbad. Mas não apenas os Rituais tiveram a apreciação obstaculizada, outros documentos relativos à organização e às regras de funcionamento da Ordem também não foram apreciados e conclusivamente aprovados.

Com efeito, as citações a seguir deixam à evidência que as definições sobre os Rituais se estenderam para além de Wilhelmsbad:

Em 5 de maio de 1785, o Diretório de Auvernia decidiu que o nome do Aprendiz agora seria Phaleg, após as revelações do "Agente Desconhecido", sendo Tubalcain um metalúrgico, sua iniciação só poderia ser "impura", O aprendiz deve ser despojado de seus metais. Phaleg, descendente de Sem, abençoado por Noé, foi "quem primeiro instituiu a Maçonaria e o primeiro a ter uma loja" [...]. A redação final dos rituais se deu entre novembro de 1787 e abril de 1788, tempo em que Louis-Claude de Saint Martin viveu em Lyon.¹²

Mas não apenas isso ... como pode, JBW, católico fervoroso, certamente profundo conhecedor das Escrituras, ter "deixado passar" a questão de Tubalcain/Phaleg? Ademais, a descendência de Noé, assim como as suas obras, inclusive a Torre, já havia, décadas antes, sido exaltada nas Constituições de Anderson (ANDERSON, 2012).

4. As raízes: o Escocismo, Os Elus Cohen e a Estrita Observância Templária

Em primeiro lugar, como todo processo, o desenvolvimento do RER se deu a partir de etapas hoje

já bem identificadas; assim, como mencionado, é provável que a gênese intelectual do RER esteja ligada às reflexões sobre a EOT que se seguiram às mortes dos Barões Weiller (emissário de von Hund para a introdução da EOT em França) e, logo após, a do próprio von Hund, portanto bem antes do Convento das Gálias (Lyon). Mas pode ter acontecido ainda antes, por ocasião da decepção de JBW com MP e a Maçonaria Elus Cohen. É quando tem início, então, o amálgama - o enxerto das suas três raízes. Mais concretamente, é provável que a doutrina e a ritualística sejam produtos dos "Cadernos de Lyon", amadurecidos no Convento de 1778, mais discutidos e parcialmente consolidados em 1782. Em que pese a relevância de JBW, a própria duração do processo, longa, revela que o RER não foi uma iniciativa pessoal e exclusiva, resposta a uma circunstância ocasional e específica, mas antes um produto amadurecido e moldado a várias mãos em razão das similaridades, largamente citadas na literatura, de pensamentos, crenças, valores e atitudes existentes entre JBW, o Príncipe Charles de Hesse-Cassel, o Duque Brunswick e Jean de Turckheim, entre outros, sem esquecer as notáveis contribuições de Saint Martin.

Além disso, pela própria natureza das raízes, que em si já são produtos miscigenados, não é clara a identificação precisa se este ou aquele elemento da doutrina e da liturgia (do RER) são provenientes exclusivamente ou não desta ou daquela origem (Rito). E não é demais lembrar: os elementos que compunham determinado Rito à época de JBW, não necessariamente são (e provavelmente não são) os mesmos ainda que hoje o Rito carregue a mesma denominação. Quanto ao escocismo (expressão largamente utilizada), as palavras de Mata (2020) deixam claro que o terreno sobre o qual nos deslocamos é escorregadio:

Os conceitos "Maçonaria Escocesa", "Escocismo" ou "Escocês", são muito vagos e impossíveis de definir, exceto pela particular gênese formal/ritual que refere a Mason Word [...] (p. 60).

Quando nos perguntamos sobre a verdadeira natureza do termo "Escocês", esta palavra pode ter múltiplos significados e, por vezes, é difícil aplicar uma definição precisa de acordo com os usos que lhe

¹² Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-quinta-parte-parte-final>. Acesso em: 09.06.22.

foram feitos [...] três significados [...] Primeiro, "escocês" seria o nome de um dos mais antigos altos graus, que passou por numerosas variantes ao longo dos anos [...] Um segundo sentido, por extensão, levaria a converter em sinônimos de altos graus [...] Finalmente, na década de 1760, um corpo maçônico chamado "Madre Logia Escocesa" apareceu em Marselha [...] Esta denominação manifesta a legitimidade pretendida por aquela loja mãe para todos os graus [...] (p. 63-4).

Segundo Roger Dachez, o termo "escocês" parece simplesmente traduzir que, entre os primeiros maçons na França e na Inglaterra, a memória do importante papel da Escócia na maturação final do sistema especulativo maçônico permaneceu. As palavras escocês, escocismo, chegaram a significar tudo o que a maçonaria designou como eminente, eleito, particularmente digno de respeito e honra, sem ter a ver com uma origem própria relacionada com a própria Escócia [...] Cronologicamente, "Escocês" supõe-se, em primeiro lugar, ser um nome dos mais antigos graus mais altos. Foi em Paris, a 11 de dezembro de 1743, que encontramos o primeiro testemunho da existência do termo [...] (p. 64).

No início do século XIX, a corrente animada pela Loja Mãe Escocesa fundiu-se com o Rito Escocês Antigo e Aceito, uma versão francesa da maçonaria dos Antigos, trazida das Antilhas e dos Estados Unidos da América pelos maçons refugiados de Santo Domingo (p. 66).

De pronto é possível estabelecer uma conexão: o desenvolvimento do escocismo, no velho continente, parece estar ligado à chegada, em 1715, da Casa Stuart (escoceses católicos) na França; com ela veio o Mason Word - Rito (já praticado na Inglaterra) sucessor das Antigas Obrigações que, aos poucos e a partir de várias incorporações, deu origem aos demais Ritos, muitos já extintos, até chegar aos contemporâneos. Estaria nas citações acima o esclarecimento para designação das Lojas que reúnem os primeiros (do 40 ao 140 - chamados Inefáveis) dentre os Altos Graus no REAA, serem denominadas de Lojas de Perfeição? Lembrando que o REAA, com 33 Graus, tem como matriz o Rito de Heredom (25 Graus), proveni-

ente da Escócia.

Antes de avançar nas considerações próprias a este texto cabe ainda um esclarecimento, pois uma das questões mais frequentes no estudo da Maçonaria diz respeito à identificação do Rito Primordial - aquele que deu origem a todos os demais. Grosso modo há três posicionamentos:

- esta é uma questão de menor importância porque sem solução, como tudo está relacionado com algo que lhe antecede, a busca pelo Rito Primordial só conduziria a uma recorrência ao infinito, às origens da humanidade como, por exemplo, pode ser visto no preâmbulo histórico que antecede as Constituições (ANDERSON, 2012);
- não há termos de comparação e tampouco linhas inequívocas de sucessão entre os modos como eram recepcionados os maçons pelas Corporações - e Gould (2017) mostra que eram bastante diversos - na fase Operativa e desta para a fase Especulativa;
- assim, aqueles (modos) devem ser reconhecidos mais e antes como práticas (usos e costumes locais) do que Ritos como anteriormente definidos neste texto que, então, passam a existir (como termo de referência) a partir de 1717, notadamente com a introdução da Lenda de Hiram e do Grau de Mestre Maçom.

Joaquim V. Mata, pesquisador espanhol, Grau 33 no REAA, citado acima, defende que o Mason Word seria o Rito de transição, originário na Escócia protestante calvinista em resposta aos Estatutos do católico W. Shaw, foi levado à Inglaterra e, pelos Stuarts, à França, desde onde influenciou, com maior ou menor força todos os demais Ritos.

Sob o título "Os Reordenamentos Depois de Wilhelmsbad",¹³ seguido do sugestivo subtítulo "A Meia Verdade de Willermoz", tem início a apresentação da quinta e última parte de P. Noel.

O convento, longe de ter o êxito esperado, serviu na verdade para dar o toque final a vida da Estrita Observância. As lojas alemãs se opuseram a aceitação da reforma de Lyon [...] Os franceses, ao contrário, desejavam completar o trabalho começado. Na celebre carta que dirigiria a Charles de Hesse em 10 de outubro de 1810, Willermoz

¹³ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-quinta-parte-parte-final>. Acesso em: 10.06.22.

moz explica em termos cuidadosamente escolhidos que só revelam o que ele queria dizer a seu distante correspondente:

Vossa Alteza se recorda, sem dúvida, que o tempo que os deputados do convento geral haviam acordado para duração dessa assembleia foi insuficiente para aperfeiçoar a multidão dos trabalhos projetados, ocupando-se então daqueles que eram mais importantes; e continuando em seguida limitando-se a esboçar a reforma dos graus simbólicos e os da Ordem Interior. O esboço dos três primeiros, considerados o suficiente para satisfazer a impaciência das lojas e capítulos, bem como para os fazer conhecer o verdadeiro espírito que havia dirigido esse trabalho, foi impresso e distribuído aos deputados. Uma comissão especial formada pelos irmãos de Auvérnia e de Borgonha, tidos como os mais instruídos, foi encarregada de fazer - de forma mais minuciosa - a revisão e a redação definitiva com a faculdade de se colocar em contato com irmãos de Lyon e Estrasburgo que julgassem mais capazes de ajudar (sic) a aperfeiçoar esse imenso e importante trabalho. A redação definitiva adotada pelas três grandes Províncias francesas e da Itália foi apresentada ao Eminentíssimo Grão Mestre Geral que a aprovou em 1789. Depois foram publicadas nos capítulos da França.

Mas isso era apenas metade da verdade. Segundo as moções, os graus azuis haviam sido finalizados em Wilhelmsbad, estando incompleto somente o quarto grau e os graus da Ordem Interior. Os Cavaleiros de Auvérnia e de Borgonha não fizeram parte de nenhuma comissão de rituais e Willermoz havia excedido as prerrogativas do mandato recebido continuando com o trabalho sobre os graus azuis. Então, Brunswick em 1787 aprovou a versão que o lionês lhe propôs mas jamais [sic ?] teve conhecimento da redação final dos graus, o que viria a ocorrer apenas no ano seguinte.

A redação final dos rituais se deu entre novembro de 1787 e abril de 1788, tempo em que Louis-Claude de Saint Martin viveu em Lyon.

Os textos-fontes, da primeira à quinta e última parte da tradução de P. Noel, possuem ainda diversos

elementos que seriam merecedores de serem transcritos; todavia, para não cansar o leitor, mas sobretudo para convidá-lo à leitura dos "originais", deixo-os por ora à margem. Ademais, as citações já trazidas são suficientes aos objetivos declarados, bem como ao encaminhamento das próximas seções.

Pelas informações até o momento trazidas ao texto penso já ter ficado claro que:

- se as raízes do RER - a Maçonaria Retificada de Dresden (EOT) e os Elus Cohen - foram adubadas com o ânimo retificador, é(era) de se esperar que o seu fruto - o RER - carregue(asse) no DNA a mesma índole;
- como é natural a todo produto resultante de um longo processo, o RER sofreu inúmeras alterações, notadamente após o Convento de referência - Wilhelmsbad, 1782 - tendo-se estendido a redação final dos livros rituais por mais de uma década após. Chamo a atenção para um destaque extraído da citação anterior: "Seja como for, a última versão dos Rituais Azuis enviada em 1802 ao Venerável Mestre [...]", isto é, após o surgimento oficial do REAA, em 1801;
- são notáveis, no RER, as impressões digitais da EOT, assim como dos Elus Cohen, mas não podem ser deixadas à margem as contribuições de outros Ritos, a exemplo do Sueco e do Francês (também chamado Moderno); finalmente,
- em que pese a relevância de JBW, o RER não teria logrado sucesso não fosse a ação coordenada e o apoio intelectual e político de outros personagens, circunstância que será mais explorada na próxima seção.

5. A Dimensão política de Jean Baptiste Willermoz

É habitual encontrar, na literatura, loas à JBW pela sua obra, quer no universo maçônico, mas também pela sua vida privada repleta de iniciativas benéficas. Nada, diria, demasiado em exagero, pois é próprio à Maçonaria tecer alargados elogios, até mesmo quando é difícil reconhecer tamanho merecimento; compõem o que se poderia denominar de cultura institucional. Mas se não há excesso, certamente há parcialidade, pois as apreciações tendem a destacar somente os aspectos positivos, quase "santificando-o". Entretanto, e cabe lembrar, o objetivo deste texto é chamar a atenção para "um outro olhar". Assim,

s.m.j., as citações já trazidas autorizam questionar: teria Willermoz se aproximado do princípio maquiavélico de que “os fins justificam os meios”? Não se pretende, é claro, desconstruir JBW, e tampouco deneigrar a sua imagem, mas antes e tão somente, restituí-lhe a humanidade - um homem normal, demasiado humano, com vícios e virtudes, idealista e denodado convicto da nobreza de ideais que desejava ver disseminados e postos a serviço e para o bem dos seus semelhantes.

Em primeiro lugar, já foi comentado que JBW “utilizou” a EOT, mas o inverso também parece ter sido verdadeiro: provavelmente o Barão von Hund (também convicto dos seus ideais) tendo percebido o espírito empreendedor, a liderança e a habilidade política de JBW, deste também se “utilizou” para estender a EOT em território francês.

Um dos aforismos mais difundidos na política nacional, atribuído a Ulysses Guimarães, conhecida raposa no cenário brasileiro, recomenda que não se entre em reunião sem que tenha, antes, tudo resolvido. Assim, antes mesmo da realização do Convento de Wilhelmsbad, JBW já estabelecera aos seus idealizadores, o Duque de Brunswick e o Príncipe Charles de Hesse-Cassel, como condição essencial (para o êxito da Reforma e a nova Ordem então em gestação) abandonar o que P. Noel denomina de “ficção dos templários”.

O Convento de Wilhelmsbad foi palco da continuação dos embates iniciados desde o ocorrido nas Gálias: de um lado os lioneses em defesa de um projeto (produto dos Cadernos de Lyon + revisão da questão templária na EOT) e, de outro, os alemães contrários à redução do escopo (status) da EOT. De um lado os cristãos católicos, do outro os protestantes, ainda que a própria Alemanha estivesse dividida. Era de se esperar um ambiente tenso e disputas acirradas.

Um delegado alemão, von Kortum, desejava destacar que a tríple natureza do homem, ainda que ensinada “por muitos dos antigos doutores da Igreja”, não era mais que especulação filosófica e que, para um cristão, bastava saber que “sua alma sepa-

rada do corpo era imortal”. Willermoz respondeu que essa doutrina estava conforme a Santa Escritura e era citada por São Paulo de forma explícita: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (1. Ts. 5:23). Não obstante essa oposição, o Convento decide que a instrução deveria ser aprovada “salva retificatione” (sob reserva de ratificação) [...] Chefdebien, delegado da Terceira Província (Occitania), adversário declarado de Willermoz desde que esse lhe negara acesso a Grande Profissão, declara não haver necessidade de uma classe intermediária dado que “O Novo Testamento começa no ponto exato onde termina o Antigo Testamento”. Finalmente ficou resolvido que o quarto grau seria considerado como “simbólico” e formaria uma classe intermediária entre a maçonaria e a Ordem Interior, sendo seu objeto essencial a ressurreição de Hiram e a reconstrução do Templo.¹⁴

É provável que se não fosse a habilidade política e a capacidade de convencimento de Willermoz, o Projeto não teria chegado até onde chegou pois, com efeito:

O trabalho do Convento ultrapassou a questão de seus rituais. A origem da Ordem, seus verdadeiros fins e sua organização foram o objeto principal das discussões nas sessões (que ocorreram com debates muito intensos e por vezes assumindo um certo caráter tempestuoso).¹⁵

De outro lado, quando necessário ou conveniente, ele também soube contornar para superar os obstáculos que o separavam dos objetivos. Finalmente, a citação a seguir que já poderia ter sido incluída em mais de uma das seções anteriores, foi deixada para o final porque ela também suscita reflexões acerca da dimensão política de JBW:

¹⁴ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-terceira-parte>. Acesso em: 10.10.22.

¹⁵ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-terceira-parte>. Acesso em: 06.06.22.

5.1. O Grau de Mestre Escocês de Santo André

Esse último, dito simbólico, não havia ainda sido incluído por Willermoz até o ano de 1809, quando já estava com 79 anos e muito solitário:

Anteriormente anunciei a Vossa Alteza, que o trabalho de redação para terminar o quarto grau foi em 1789 ... forçosamente suspenso. Vinte anos se passaram, mas no ano passado depois da grande enfermidade que me afetou, vendo que estava praticamente só eu restava de todos aqueles que participaram na obra, assustei-me por perceber o perigo que corria e senti vivamente as consequências desagradáveis que se dariam caso essa lacuna no Regime Retificado não fosse preenchida antes de minha morte, assim comprometo-me a fazer isso [...]

Nessa carta dirigida a Charles de Hesse, o Patriarca Lionés recordava que o Convento não havia lançado, senão, as bases para o quarto grau, com o quadro da Nova Jerusalém e do Monte Sião tendo o Cordeiro Triunfante em seu cume. Por outro lado, abstém-se de relatar que os “discursos” e a “introdução final” são obras inteiras de suas mãos e que constituem uma introdução à doutrina de Martinez e um excelente prelúdio aos ensinamentos da (Grande) Profissão, que nunca foi prevista (planejada), e com razão, pelos Deputados do Convento... De fato, esses textos explicitaram, por fim, a filiação espiritual do conjunto total da obra.¹⁶

É provável que desde o início o Grau de Mestre Escocês de Santo André ocupasse um lugar central no Projeto de JBW; por que, então, não lhe teria antes dedicado maior tempo e atenção? Talvez, em 1778, nas Gálias, ainda não tivesse tido tempo suficiente, não estivesse suficientemente amadurecido, mas e em 1782, já em Wilhelmsbad? E por que não nos anos logo a seguir, quando tudo indica teria trabalhado de forma isolada em razão das dificuldades de comunicação e deslocamento? Teria o caráter radicalmente inovador do Projeto vis-à-vis os demais Ritos demasiadamente preocupados com os Altos Graus e questões mais seculares, sido o motivo para JBW tê-lo afastado dos debates, notadamente com os

(nobres) membros alemães? Negligência com um dos filhos diletos? Difícil de crer. Seja qual tenha sido a motivação, do início ao fim os Rituais simbólicos consumiram quase 25 anos. E note-se: “fim”, aqui, corresponde sim, tão somente à expressão e à vontade exclusiva de JBW, o que afasta, em definitivo, o período de referência (1778-1782) historicamente reproduzido. Fico a pensar: e se ele (JBW) não tivesse se dado conta e ficado assustado com a possibilidade da sua morte e o risco das suas implicações para o RER? E isso após ter vivido a experiência junto aos Elus Cohen e a obra inacabada de MP. Deixo ao livre juízo do leitor.

Aos olhos do apaixonado e benevolente, as atitudes de JBW frente às mais diversas circunstâncias e contingências (p ex, a Revolução) nas quais se deram as discussões sobre o RER, tudo pode ser mais do que justificado, pode (deve?) mesmo ser enaltecido. Já um olhar mais isento e crítico, próprio dos investigadores, não encontra dificuldades para não só levantar questionamentos como também para arguir aspectos éticos.

6. Considerações finais

A motivação para as leituras que deram origem a este texto foi uma demanda do Deputado Mestre da Loja de MESA Victor Meirelles acerca do legado da EOT presente no RER. Entretanto, à medida que as leituras avançavam o problema inicial de pesquisa foi perdendo expressão, não abandonado, mas diluído frente à emergência de outras questões julgadas igualmente ou talvez mesmo mais relevantes porque, em síntese, autorizam a crítica, pelo menos a título de hipótese, a determinados cânones encontrados na literatura-RER e já enumerados na Introdução.

A crítica, vista como um novo olhar oportuniza ampliar e também consolidar os conhecimentos, enquanto que “seguir a manada” pouco acrescenta. Assim, ao invés de uma apresentação fechada à Loja, com o habitual recurso ao Microsoft PowerPoint®, ofereço um ensaio crítico e analítico com as devidas fontes para todos aqueles que desejarem se aprofundar no tema e/ou contestar as ideias ora defendidas.

O estudo do RER, no Brasil, precisa dar um salto qualitativo, ir além dos marcos históricos constitutivos, bem como da análise e interpretação dos símbolos isoladamente. Entretanto, antes, penso que

¹⁶ Fonte: <https://maconariacrista.wixsite.com/ritoretificado/post/da-estrita-observ%C3%A2ncia-ao-rito-escoc%C3%AAs-retificado-quinta-parte-parte-final>. Acesso em: 10.06.22.

a realidade dos fatos precisa ser (re)estabelecida como ponto de partida, para então, e desde aí, alçar voo para o nível de espiritualidade e religiosidade não confessional que distinguem o RER. Há os que, mesmo sem bases sólidas, tudo defendem em nome da fé, mas essa também pode ser atingida (auxiliada) pela razão.

Parece-me inequívoco que JBW possuía um Projeto de Rito, se desde o início completamente concebido e estruturado, não é tão certo, o mais provável é que a partir do delineamento preliminar das linhas gerais, elas foram pouco a pouco redesenhadas e acomodadas em meio aos debates e às condições de possibilidades. Natural, também, que para concretizar o seu projeto tivesse lançado mão aos elementos (constituintes de outros Ritos) à época disponíveis, e a estes acrescentado algumas inovações (a exemplo do triângulo com o dístico et tenebrae eam non comprehenderunt), pois o intuito era colocar ordem no caos – e neste ponto se assemelha ao REAA. Com algum esforço esse inventário pode ser encontrado na literatura, a começar pelo texto de P. Noel tantas vezes citado, mas também em Verval (1987).

Todavia, há importantes lacunas à espera de preenchimento. Por exemplo: por que, no RER, houve a mudança na posição das tochas, tendo sido abandonada a tradição francesa em favor da escocesa? Qual o significado dessa mudança no contexto do RER? Ainda: por que os painéis dos Graus, antes atrás, foram colocados à frente do altar? Isso encerra algum significado de maior expressão ou é meramente um recurso para chamar a atenção ou mesmo tem apenas propósitos decorativos? Por que, sendo a Maçonaria tão pródiga no trato dos símbolos, os animais que figuravam em um dos painéis da EOT foram eliminados e, em seu lugar, nominadas as virtudes correspondentes? Essa é apenas uma pequena amostra de algumas entre as inúmeras questões que demandam estudos para identificar as razões de ser e estar, de cada peça, no mosaico que constitui o Regime.

De outro lado, vislumbra-se um caminho alternativo mas também complementar e quiçá identificado como apofático, sobretudo para ressaltar o caráter retificador do RER: por que JBW teria escolhido determinadas peças e não outras?

7. Referências

ANDERSON, James. *As Constituições de Anderson* (texto original). Trad. e comentado e anotado por Valton S.

- von Tempski-Silka, Mestre Maçom. Curitiba: Juruá, 2012.
- BURBRIDGE, R. Marc et alli. *Gestão de Negociação - como conseguir o que se quer sem ceder o que não se deve*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- GOB. Considerações Introdutórias. In: *Ritual - ritualística e procedimentos do Rito Escocês Retificado*, 10 Grau, Aprendiz Maçom. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2018, p. 15-30.
- GOULD, Robert F. *História Concisa da Maçonaria*. Trad. de José Filardo, 2017.
- ISMAIL, Kennyo. *Ordem sobre o Caos*. Brasília: No Esquadro, 2020.
- ISMAIL, Kennyo. O Impacto de um Rito Sobre Outro: três cruzamentos entre o REAA e o Rito Moderno. *Revista Ciência & Maçonaria*, Brasília-DF, Vol. 8, Núm. 1, p. 45-52, jul.-dez., 2021.
- LUCCA, Osmar N. A Maçonaria e Deus. *Edições Universum*, Ed. 27, p. 9-44, 2009. Porto Alegre: GLMERGS, Loja de Estudos e Pesquisas Universum 147.
- MATA, Joaquim V. *Palavra de Maçom - a origem da franco-maçonaria especulativa*. Barcelona-Espanha: Arte-Real Comunicación W&GA, 2020. Versão Digital.
- MUNIZ, André O. A. *Curso Elementar de Maçonologia*. São Paulo: Richard Veiga, 2016.
- PASQUALLY, Martines. *Tratado da Reintegração dos Seres - em sua primeira propriedade, virtude e potência espiritual divina*. Organização e apresentação de Robert Amadou. 2ª Ed. Curitiba-PR: AMORC - Ordem Rosacruz, 2008.
- PINHEIRO, Ivan A. Rito Escocês ... Retificado. Afinal, retifica o Quê? *A Trolha*, n. 420, outubro, 2021, p. 28-35. Londrina, PR. Disponível também em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/65897497/revista-a-trolha-edicao-420-outubro-2021-educacao-o-ideal-da-maconaria?password=ideal>.
- _____. Textos RER - I. Compartilhado nas redes sociais. Disponível em: ivan.pinheiro@ufrgs.br. 2020a.
- _____. Textos RER - II. Compartilhado nas redes sociais. Disponível em: ivan.pinheiro@ufrgs.br. 2020b.
- _____. Mestres Simbólicos. Compartilhado nas redes sociais. Disponível em: ivan.pinheiro@ufrgs.br. 2020c.
- PURETZ, Elizeu et alli. As Três Origens Históricas do RER ou Sistema Escocês Retificado: Maçonaria Francesa, Estrita Observância Templária e a Ordem dos Cavaleiros Ellus Cohens do Universo. Londrina-PR, *A Trolha*, Ed. 427, maio, 2022, p. 37-40.
- RITO DE HEREDOM, O. *Informativo Virtual Astréa News*,

nº 121, jan. 21, p. 3-9.

ROCHA, Luiz G. da. *Pequena História dos Ritos Maçônicos*. Londrina-PR: A Trolha, 2021.

ROSSI, Paolo. *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1992.

SOUZA, Alexandre F.; PAULO, Felipe de. *Rito Escocês Retificado - história, conceitos, filosofia*. São Paulo: Ver-sejar, 2022.

URSIN, Jean. *Criação e História do Rito Escocês Retificado*. São Paulo: Madras, 2014.

VERVAL, Guy. *La Specificite du Rite Ecossais Rectifie - réflexion sur ses quatre degrés symboliques*. Trad. de Antonio R. Fadista. Pesquisa de Cleber T. Vianna. Mimeo, 1987.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*. São Paulo: Cultrix, 1990.

ZAJDZNAJDER, Luciano. *Teoria e Prática da Negociação - política de negociação*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

SELOS POSTAIS E CARTÕES TELEFÔNICOS COMO RECURSOS DIDÁTICOS DE DIVULGAÇÃO DA MAÇONARIA NO BRASIL

(POSTAGE STAMPS AND PHONE CARDS AS DIDACTIC RESOURCES FOR THE DISSEMINATION OF
FREEMASONRY IN BRAZIL)

Claubert Wagner Guimarães de Menezes ¹

Resumo

Selos postais e Cartões telefônicos despertam o interesse de colecionadores e pesquisadores. Os objetivos deste trabalho foram caracterizar e analisar o conteúdo de informação registrado em selos postais de uma coleção particular e cartões telefônicos com a temática Maçonaria. Os selos postais foram emitidos pelos Correios do Brasil em edições comemorativas. O conteúdo das mensagens visual e textual dos objetos analisados, é fragmentado e pouco aprofundado, porém, objetivas e de interesse popular. Os selos postais e cartões telefônicos com a temática Maçonaria são fontes de lazer e pesquisa, e de interesse para o uso didático-pedagógico e científico.

Palavras-chaves: Comunicação; Correios; Educação; Mídia.

Abstract

Postage stamps and Phone cards arouse the interest of collectors and researchers. The objectives of this work were to characterize and analyze the information content recorded on postage stamps from a private collection and telephone cards with the Freemasonry theme. The postage stamps were issued by Correios do Brasil in commemorative editions. The content of the visual and textual messages of the analyzed objects is fragmented and little in-depth, however, objective and of popular interest. The postage stamps and telephone cards with the Freemasonry theme are sources of leisure and research, and of interest for didactic-pedagogical and scientific use.

Keywords: Communication; Education; Mail; Media.

¹ Engenheiro Agrônomo formado pela UFVJM (2010). Mestrado em Produção Vegetal pela UFVJM (2012), e Doutorado em Agronomia/Fitotecnia pela Universidade Federal de Lavras (2015). É Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. E-mail: claubertmenezes@yahoo.com.br

1. Introdução

Selos postais e cartões telefônicos são objetos utilizados na comunicação e informação em massa, e que marcaram história no Brasil. Os selos postais começaram a ser emitidos no Brasil a partir do ano de 1843, pela Casa da Moeda do Brasil, e colocados em circulação pelos Correios do Império (GOMES E SALCEDO, 2013). A partir do século XX, os serviços postais se expandiram nacional e internacionalmente, com a criação em 1930 do Departamento de Correios e Telégrafos, que foi substituído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em 1969 (ECT, 2010). Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação, nas últimas décadas do século XX surgiram os cartões telefônicos indutivos, em substituição às fichas metálicas (DA SILVA, 2019). Os selos postais e os cartões telefônicos são notados por sua diversidade de estampas e mensagens informativas.

Colecionar selos postais e ou cartões telefônicos é um hobby comum ao redor do mundo. Qualquer pessoa pode ser um colecionador, com o interesse em temas gerais estampados nos objetos colecionáveis, e ou até séries específicas (DE SOUZA E SILITONGA, 2022). Na segunda década do século XXI o uso de telefones fixos públicos de cartões indutivos, ou o envio de mensagens postais selada pelos Correios foi gradativamente reduzido (FEBRAF, 2022). Por outro lado, a variedade de estampas e assuntos impressos nos cartões telefônicos ou selos postais, tem atraído o interesse de colecionadores, estudiosos e pesquisadores no Brasil. Dentre essas variedades e interesses, inclui-se a Maçonaria.

A Maçonaria é uma instituição mundial que tem atraído a atenção e curiosidade das pessoas por centenas de anos (DE MENEZES E DA COSTA, 2021). No Brasil, a presença da Maçonaria está difundida em todos os Estados, com milhares de Lojas e membros distribuídos em três Obediências regulares: o Grande Oriente do Brasil (GOB), a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB) e a Confederação Maçônica do Brasil (COMAB). Suas atividades são desenvolvidas em locais públicos denominados Loja, e comumente divulgado na sociedade onde atua. Uma dessas formas de divulgação é a impressão de selos postais e cartões telefônicos com estampas relacionadas à maçonaria.

Os selos postais e cartões telefônicos podem ser fonte para pesquisas científicas e históricas, no contexto da época da impressão e distribuição comercial de estampas e mensagens textuais, ou como

objeto de interesse didático-pedagógico, a partir da descrição e análise das informações publicadas (PENEIRO E FERREIRA, 2011; DA SILVA, 2019). Os objetivos deste estudo foram descrever e analisar o conteúdo histórico e a aplicação didática, das informações impressas em selos postais e cartões telefônicos com a temática Maçonaria.

2. Materiais e Métodos

2.1. Local do trabalho

Quarenta e um selos postais brasileiros com a temática Maçonaria, da categoria Comemorativos, foram obtidos de uma coleção particular do autor. A coleção se localiza no município de Januária, Estado de Minas Gerais, Brasil (15° 29' 16" S 44° 21' 43" O).

2.2. Análise dos selos postais e cartões telefônicos

Os selos postais foram separados em quatro subcategorias como a seguir: eventos gerais, aniversário de Lojas, homenagens a maçons e curiosidades maçônicas, conforme o seu conteúdo anverso contendo a imagem (estampa). Foram avaliados o período da emissão de todos os selos postais e descrito especificamente 30 unidades de interesse na coleção. Os cartões telefônicos foram analisados quanto as suas características técnicas, e informativas sobre a Maçonaria. Imagens de selos postais foram obtidas na internet, quando não presentes ou em estado de conservação delicado na coleção particular do autor. As imagens dos cartões telefônicos foram obtidas na internet.

Foi realizada a descrição da informação contida em alguns cartões e selos escolhidos aleatoriamente como: descrição conforme a imagem visual e mensagem textual. As subcategorias de selos, aniversário de Lojas e homenagens a maçons e datas comemorativas da maçonaria, foram escolhidos para a análise da imagem visual e textual, devido a sua variabilidade de estampas, conteúdo histórico e didático das informações. Os cartões telefônicos foram identificados, pelo menos, com seguintes informações técnicas: ET: Empresa telefônica. T: Tiragem. PE: Período de Emissão. U/C: Unidade/Crédito. EI: Empresa que imprimiu os cartões.

3. Resultado e Discussão

O período de emissão dos selos postais da

coleção particular variou entre a década de 1970 a 2020. Para os cartões telefônicos analisados, a emissão foi no ano de 1997. Uma análise da representação temática e descritores na composição técnica dos selos postais e cartões telefônicos foi realizada (Figura 1).



Figura 1A

Fonte: Coleção particular do autor

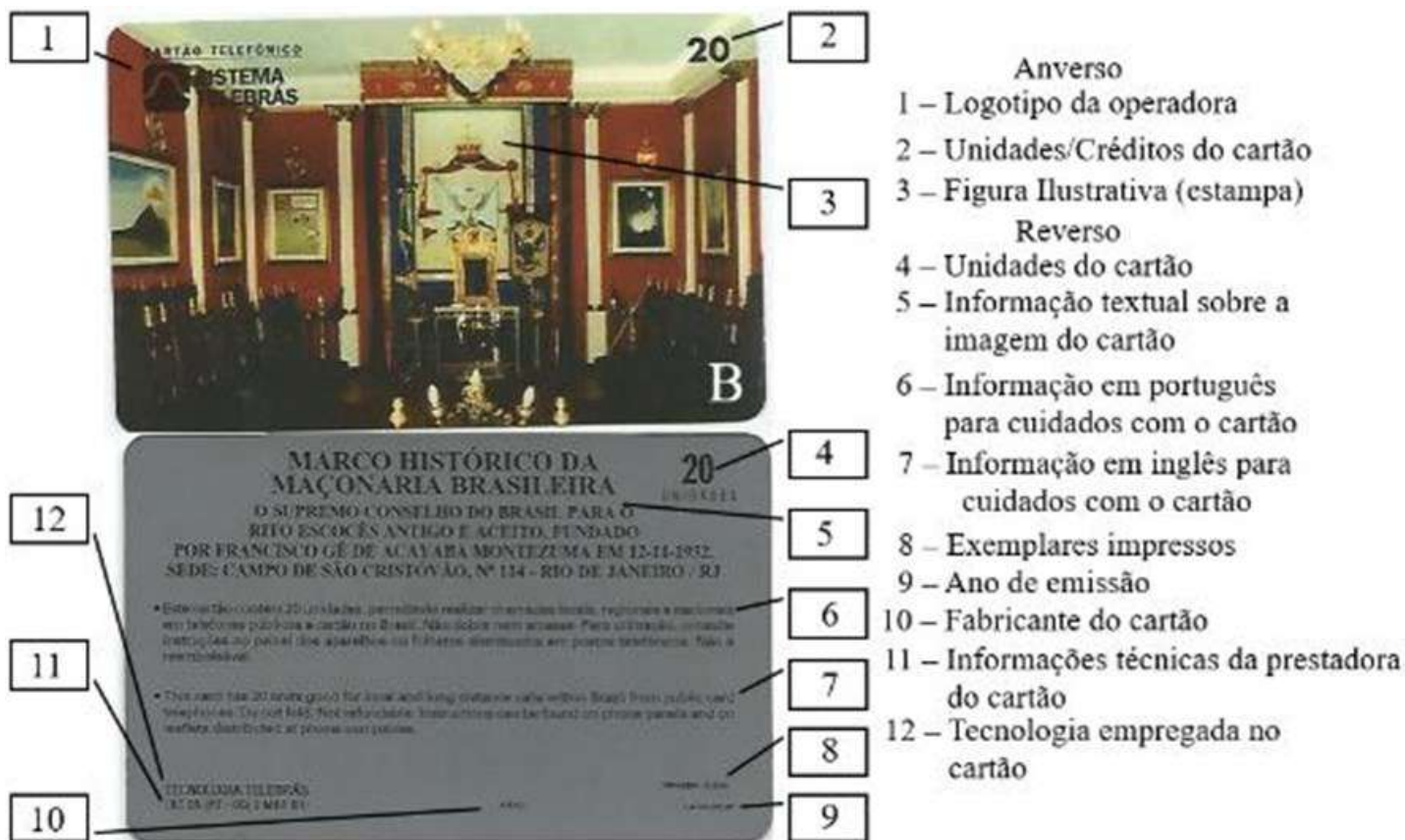


Figura 1B

Fonte da imagem: www.colnect.com

Vê-se descritores da imagem visual e textual dos selos postais (1A) e cartões telefônicos (1B), com a temática Maçonaria.

Cartões telefônicos com estampa sobre a maçonaria são escassos. Os dois exemplos do ano de 1997 são comemorativos à Loja Maçônica Esperança nº 37 e ao Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (Figura 2). As descrições do reverso dos cartões foram registradas (Tabela 1).



Figura 2: Cartões telefônicos indutivos com estampas alusivas à Maçonaria. Comemoração à Loja Maçônica Esperança nº 0037 (A) e ao Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito (B).

Fonte: colnect.com

A autoria da arte do cartão telefônico comemorativo à Loja Maçônica Esperança nº 0037, e maiores detalhes sobre a sua fundação não foi divulgado no objeto. A Loja foi fundada no ano de 1837, e trabalha com o Rito Escocês Antigo e Aceito. É federada ao Grande Oriente do Brasil e jurisdicionada ao Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro. Na década de 1970, parte dos documentos históricos da Loja foram destruídos após serem incinerados:

Em 08/04/1837, reuniram-se 28 maçons na antiga rua Direita, que hoje recebe o nome de Rua Primeiro de Março, no centro do Rio de Janeiro, na residência do Tio José Antônio Maya, e fundaram a Loja Esperança, que veio a ser a segunda a trabalhar no Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) (...). No final de 1972, quando o V.º M.º Milagres faleceu, estava em poder dele, documentos históricos da Loja, que foram incinerados pelo filho, por ordem da viúva (PARAMAÇONARIA, 2018).

Um leilão ocorrido em 26 de maio de 2022 colocou à venda atas da Loja Esperança, compreendidas da fundação em 8 de abril de 1837 a 14 abril de 1842 (LOPES, 2022). Atualmente, exemplares dos cartões telefônicos fazem parte do acervo do Museu Maçônico Ariovaldo Vulcano, do Grande Oriente do Brasil, e sediado em Brasília (DF). Não houve êxito na busca por informações detalhadas sobre a pintura (autoria, história e se ainda existe) estampada em um dos cartões.

A mensagem do reverso do cartão telefônico de comemoração ao Supremo Conselho do Brasil Para o Rito Escocês Antigo e Aceito, apresenta um dado histórico incorreto: a data de fundação (12-11-1932). Em 1829, O Supremo Conselho dos Países Baixos (atual Bélgica), emite uma carta de autorização para instalação de um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil. A carta foi dedicada a Francisco Ge Acayaba de Montezuma (Selo postal Prancha nº 1), então no exílio após a "Noite da Agonia" de 12 de novembro de 1823. Montezuma retornou ao Brasil após a abdicação de Dom Pedro I em 7 de abril de 1831 e instalou em 12 de novembro de 1832, o Supremo Conselho (ISMAIL, 2020).

Outro ponto de discussão, é quanto a declaração da origem do "legítimo Supremo de Montezuma". No Brasil há dois Supremos Conselhos do REAA, o Supremo Conselho de Behring (de Jacarepaguá) e o Supremo Conselho de Kelly (de São Cristovão). O de Behring é o único reconhecido pela Conferência Internacional de Supremos Conselhos, além de ser o maior (ISMAIL, 2022). Ressalta-se que as mensagens veiculadas nos cartões telefônicos possuem conteúdo significativo ao interesse público, mesmo que de forma fragmentada. No entanto, por não haver a referência da informação publicada, a mensagem veiculada pode não ser verídica, ou conter erros. O uso desses objetos como meio de pesquisa, carece de seu usuário uma busca detalhada para além da mensagem veiculada.

Apesar da raridade e baixa tiragem (2000 unidades) dos cartões telefônicos com a temática Maçonaria, esses objetos foram e são importantes veículos de divulgação de informação. Os cartões telefônicos ao circularem entre a sociedade, conseguem atingir diferentes extratos sociais que poderão, além do uso dos créditos, usufruir dos fragmentos de informações das mensagens impressas (MENEZES E SILVA, 2022). Essa democratização da informação foi importante na

época de lançamento desses cartões com a temática Maçonaria, uma vez que, outros meios de alcance em massa da informação como a internet, não era acessível a baixo custo para a sociedade na década de 1990. Mesmo que os cartões telefônicos estejam em desuso na segunda década do século XXI, tornam-se importantes fontes históricas de uma época, sobretudo, quando veiculam informações sobre a Maçonaria.

Desde a sua emissão a partir do século XIX, os selos postais possuem uma importância além do seu uso comum. Eles podem servir como fonte de pesquisa histórica, ações extensionistas, didático-pedagógicas e culturais (CAVALCANTE E SALCEDO, 2018). Estampas com a temática Maçonaria têm sido impressas em selos postais ao redor do mundo (READ, 2006; KRIEGER FILHO, 2011). Colecionadores e entusiastas fundaram clubes, associações e publicaram catálogos com o objetivo de conservar e divulgar a história da Maçonaria de seus países, estampadas nos selos postais. Como exemplo, a Masonic Stamp Club of New York (MSCNY), George Washington Masonic Stamp Club (GWMSC), The Masonic Philatelic Club (MPC), MPC Stock List Stamps e Seals e Masonic Study Unit (MSU) (MSCNY, GWMSC, MPC, MSU, 2022).

No Brasil, entusiastas no colecionismo de selos postais também encontram grupos organizados para a temática Maçonaria. A Associação Brasileira de Filatelia Maçônica (ABFM), foi fundada em 16 de fevereiro de 2004, com sede em Brasília, DF (Distrito Federal). A ABFM é afiliada aos Correios do Brasil e a Federação Brasileira de Filatelia (FEBRAF), uma instituição fundada em 17 de dezembro de 1976 com o objetivo de promover e integrar as atividades filatélicas no Brasil. A ABFM é uma associação cultural e assistencial, com o objetivo de congregar simpatizantes da filatelia temática maçônica. A entidade coleta e classifica emissões postais por Correios Oficiais de todo o planeta, com a temática Maçonaria. Qualquer pessoa pode se associar a ABFM (ABFM, 2022). Outro grupo é o Clube Filatélico Maçônico do Brasil (CFMB) fundado em 1972, em Florianópolis, SC (Santa Catarina) e afiliada aos Correios do Brasil. O CFMB articula mostras filatélicas, e promove a emissão de selos personalizados junto aos Correios do Brasil (RODRIGUES, 2004; FILACAP, 2015).

Selos postais com estampas sobre a Maçonaria do Brasil, são veículos de pesquisa histórico e didático-pedagógico, além de promover a riqueza artística e cultural sobre a temática. Geralmente, o emblema maçônico está presente no quadro da imagem,

na presença de outras imagens tema do selo postal (Figura 3). Apesar da informação fragmentada e não aprofundada impressa nas estampas, seus desenhos conseguem passar uma mensagem objetiva direcionada à sua temática.



Figura 3: Selos postais das décadas de 1970 e 1980, com estampas comemorativas a ícones e entidades de importância à Maçonaria brasileira (subcategorias: eventos gerais e curiosidades).

Fonte: Coleção particular do autor.

O selo postal comemorativo, “Sesquicentenário (150 anos) da morte de José Bonifácio de Andrada e Silva”, lançado no ano de 1988, mostra a figura estampada de José Bonifácio com símbolos da Maçonaria e do Brasil Império (Figura 3 A). A descrição do selo segundo o Edital foi:

O selo mostra a figura de José Bonifácio de Andrada e Silva, O Patriarca da Independência, com elementos que o identificam: o brasão de armas do Brasil independente, envolvido pela cruz da Ordem de Cristo, o martelete e o minério do mestre da mineralogia e, ainda, a faixa, o avental e o emblema maçônico para lembrar o Grão-Mestre de maçonaria. O artista fez o retrato a bico-de-pena e aquarela inspirando-se em uma gravura e uma litografia da época (CORREIOS, 2022a).

Outro selo postal comemorativo, é sobre a “Homenagem ao Grande Oriente do Brasil - 1822/1973” (Figura 3 B). O GOB foi fundado em 17 de junho de 1822, e teve José Bonifácio de Andrada e Silva como seu primeiro Grão-Mestre. Na época da emissão do selo, a Assessoria Filatélica do GOB descreveu a importância da Maçonaria na história política do país, e finalizou o texto da seguinte forma:

(...) pelo destacado papel que a Maçonaria assumiu na história do País, justifica-se a emissão do selo que homenageia o Grande Oriente do Brasil (CORREIOS, 2022 b).

quadra de selos postais em homenagem à Maçonaria (Figura 4 A, B, C e D).

O selo postal comemorativo, "Cinquentenário de Fundação das Grandes Lojas Brasileiras", emitido em 1977 (Figura 3 C), mostra a evolução da história da Maçonaria no Brasil. A descrição sobre o selo foi:

A ideia do artista foi mostrar a grandiosidade do evento por intermédio do símbolo, composto de um compasso e uma régua. Ele o colocou sobre o nosso continente, dando maior destaque ao Brasil. A técnica empregada foi a do guache (CORREIOS, 2022 c).

As Grandes Lojas foram fundadas a partir do ano de 1927, pelo Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. O processo foi conturbado, envolvendo as lideranças máximas do GOB na época, resultando em uma cisma na Maçonaria do Brasil. Atualmente, as 27 Grandes Lojas Maçônicas regulares do Brasil são unidas pela Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), com mais de 3 mil Lojas (CMSB, 2022).

Posteriormente aos selos postais citados acima, os correios lançaram outros dois comemorativos, um ao GOB (Figura 3 D) e outro ao aniversário de 190 anos do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil (Prancha 1 nº 11). A descrição do selo do GOB no Edital (Nº21) foi:

Para ilustrar o selo em homenagem ao Grande Oriente do Brasil a artista utilizou uma composição geométrica em meios tons de azul e amarelo. Dois elementos fazem parte do selo: o símbolo da maçonaria e a maquete do Palácio Maçônico em construção na Capital Federal - Brasília, DF (CORREIOS, 2022 d).

Nos anos de 2004, 2017 e 2019, selos comemorativos foram lançados pelos Correios em homenagem a importantes datas na Maçonaria. Em 20 agosto de 2004 foram lançados pelos Correios, uma



Figura 4: Selos postais comemorativos ao dia do Maçom, 20 de agosto de 2004. Sabedoria, Força e Beleza (A), desbastando a Pedra Bruta (B), Escada de Jacó (C) e Ferramentas de Trabalho (D) (subcategoria: eventos gerais).

Fonte: Coleção particular do autor.

O primeiro selo postal (A) a estampa é de três colunas que representam a Sabedoria, Força e Beleza:

A Sabedoria, que orienta no caminho da vida, a Força, que anima e sustenta o homem em todas as dificuldades, e a Beleza que adorna as ações, o caráter e o espírito Maçom (CORREIOS, 2004).

O segundo selo postal (B) a estampa é de um trabalho em desbastar a Pedra Bruta:

... representa o Emblema do Aprendiz, ao qual cabe a obrigação de desvencilhar-se dos defeitos e das paixões, para poder trabalhar na construção moral da Humanidade, que é a verdadeira obra da Maçonaria (CORREIOS, 2004).

O terceiro selo postal (C) a estampa é a Escada

da de Jacó:

... simboliza a escada da hierarquia Maçônica, na qual ascendem aqueles que, pela fé e pelo esforço, tiverem conseguido transformar a Pedra Bruta em Pedra Polida, apta à construção da vida (CORREIOS, 2004).

O quarto selo postal (D) a estampa é o Nível, o Prumo e o Esquadro:

... simbolizam as ferramentas utilizados pelos Maçons na construção da Ordem. O Nível e o Prumo se completam para mostrar que o Maçom nivela todos os homens e cultua a retidão, não se deixando pender por interesses particulares, desvinculados dos princípios da igualdade (CORREIOS, 2004).

Na mesma data de lançamento da quadra de selos, foi publicada no Diário do Senado Federal (DSF) na 2ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura, um discurso destacando a sua importância como fonte de pesquisa histórica e sociocultural no Brasil:

As peças obliteradas com carimbo da 6ª Exfilma, Exposição Nacional de Filatelia Maçônica, e assinadas pelas autoridades convidadas para o ato passarão a fazer parte do acervo filatélico dos Correios e servirão como fonte de pesquisa e registro de tão importante acontecimento no contexto histórico e sociocultural do País (DSF, 2004).

Salienta-se que não são todos os temas de selos postais, referentes à maçonaria, registrados no acervo filatélico dos Correios do Brasil, não sendo possível rastrear o seu Edital de lançamento e obter informações detalhadas sobre o objeto. Por outro lado, destaca-se a importância da maçonaria na participação e construção da história do Brasil, ao receber homenagens e reconhecimentos, em um veículo de arte e informação como os selos postais ao longo dos anos.

Em 2017 a ABFM e os Correios do Brasil lançaram o selo postal comemorativo à Grande Loja Unida da Inglaterra (1717 -2017), reverenciando os 300 anos de Maçonaria no mundo (Figura 5, A e B).



Figura 5: Selos postais emitidos pelos Correios do Brasil (2017), em comemoração aos 300 da Maçonaria mundial. Fachada (A) e interior (B) do prédio sede da Grande Loja Unida da Inglaterra (Freemasons' Hall, em Londres - UK) (subcategorias: eventos gerais e curiosidades).

Fonte: Coleção particular do autor

No mesmo ano (2017), os Correios da Ilha de Man (Isle of Man), lançaram um conjunto de seis selos postais em comemoração ao tricentenário da primeira Grande Loja da Maçonaria Inglesa (Figura 6). Os selos são preenchidos com símbolos e referências, incluindo um logotipo oculto visível apenas sob luz UV, referências de GPS a lugares importantes para a Maçonaria e uma fita sutil em homenagem ao 50º ano de mandato do atual Grão-Mestre, Sua Alteza Real o Duque de Kent (ISLE OF MAN POST OFFICE, 2017).



Figura 6: Selos comemorativos aos 300 anos da Maçonaria, e da Grande Loja Unida da Inglaterra, lançado em 2017 pelos Correios da Ilha de Man (Isle of Man - Dependência da Coroa britânica).

Fonte: ISLE OF MAN POST OFFICE

A Grande Loja Unida da Inglaterra (United Grand Lodge of England) (GLUI – UGLE), é considerada por vários maçons brasileiros e de outros países, como a principal Obediência Maçônica do mundo. Segundo a GLUI, a sua fundação ocorreu em 24 de junho de 1717, a partir da união de quatro Lojas de Londres e arredor, formando a Grande Loja de Londres e Westminster e elegendo Anthony Sayer como Grão-Mestre (UGLE, 2022). Para muitos maçons a fundação da GLUI em 1717, é o marco inicial da Maçonaria Especulativa no mundo. Por outro lado, a comemoração dos 300 anos de fundação da GLUI no ano de 2017, foi questionada a partir de estudos com base em registro documental, outro período de fundação da Grande Loja.

O registro da fundação da GLUI em 1717, publicado pela primeira vez em 1738 por James Anderson no Book of Constitutions é questionável, devido a falta de rastreio de fontes de informações. Soma-se a esse fato uma busca incessante por Anderson, em reinventar uma origem para o passado da Maçonaria, de forma que a Grande Loja pudesse demonstrar que era a mais antiga entre as demais existentes. Presume-se que a data de fundação da GLUI não seja a atual comemorada, e que Antony Sayer, George Payne e John Desaguliers, não foram os primeiros Grão-Mestres (ISMAIL, 2016; PRESCOTT E SOMMERS, 2019).

Apesar da importância para a maçonaria Britânica e sua contribuição mundial, é necessário ressaltar que não há qualquer obrigatoriedade de as Obediências brasileiras serem ou terem o reconhecimento da GLUI. Maçons brasileiros podem se questionar sobre a necessidade das principais Obediências do país (GOB, CMSB e COMAB), obterem o Reconhecimento da GLUI, de forma a “atestar sua credibilidade nacional e internacional” e sua Regularidade. Tal questionamento é desnecessário, uma vez que a Regularidade se refere se a Obediência/Potência obedecem às tradições, obrigações e regras de origem e de funcionamento, estabelecidas e aceitas pelos maçons antigos e atuais, no mundo. Quanto ao Reconhecimento pela GLUI, o ato não é síncrono, comum e compartilhado pela Maçonaria mundial. No Brasil, é institucionalizada essa crença sobre a necessidade de Reconhecimento em relação a GLUI (ISMAIL, 2012), e pode

ser explicado conforme a conclusão do trabalho de Camargo (2016):

Certamente o reduzido número de historiadores ou de outros cientistas sociais profissionais no seio das potências maçônicas possibilita essa adaptabilidade argumentativa que, curiosamente, é feita em nome da tradição (CAMARGO, 2016).

As estampas em selos postais com a temática Maçonaria, além da história veiculada de forma fragmentada, pode expressar a tradição da nação que os emite. A análise e estudo dessas mensagens visuais é um potencial a ser explorado de forma didático-pedagógico, científico e extensionista, tanto por membros filiados à maçonaria quanto para a sociedade. Esses objetos constituem-se como uma forma de expressão social da maçonaria, porém, seu conteúdo estará à mercê da interpretação de quem o analisa, e carece, de aprofundamento em sua pesquisa na busca por uma interpretação pautada em evidências, e não em crenças.

Selos postais comemorativos foram emitidos pelos Correios do Brasil junto com a ABFM, em celebração a personagens, data ou instituição de importância para a maçonaria brasileira (Prancha 1). Lojas maçônicas também foram homenageadas em postagens de selos (Prancha 2).

(CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA).



Prancha 1: Selos postais comemorativos emitidos pelos Correios do Brasil, com a temática Maçons e Datas Comemorativas da Maçonaria (subcategorias: homenagens a maçons e curiosidades).

Fonte: Coleção particular do autor (imagens retiradas dos sites: <https://www.filateliamaconica.org/> e <https://www.brazilstamps.com.br/>)



Prancha 2: Selos postais comemorativos emitidos pelos Correios do Brasil, com a temática Lojas Maçônicas (subcategoria: aniversário de Lojas).

Fonte: Coleção particular do autor (imagens retiradas dos sites: <https://www.filateliamaconica.org/> e <https://www.brazilstamps.com.br/>)

Os cartões telefônicos podem ser objetos de lazer ou comércio para pessoas e colecionadores, como também uma fonte didática-científica sobre suas informações visuais e textuais. Embora o uso dos cartões telefônicos na segunda década do Século XXI, tenha sido substituído pela telefonia móvel, esses objetos ainda possuem um valor como fonte de informação de uma época, ou como recurso didático em atividades diversas (MENEZES E SILVA, 2022). Cartões telefônicos com estampas sobre a temática Maçonaria no Brasil, são raros. A sua aquisição como objeto de coleção, seja em acervo pessoal ou institucional, é uma forma de conservação histórica tanto da instituição que o lançou quanto da maçonaria no país.

O interesse didático-pedagógico ao se analisar cartões telefônicos com a temática maçonaria, promove o resgate e divulgação das informações contidas nesses objetos de comunicação e mídia. No Brasil, são escassos os trabalhos publicados que analisem e descrevam de forma aprofundada as informa-

ções fragmentas, impressas nos cartões telefônicos, principalmente relativo à maçonaria. Esse conteúdo pode ser explorado em oficinas de estudos sobre a maçonaria, para qualquer Grau, como um incentivo em utilizar os cartões telefônicos como recursos de difusão do conhecimento.

Por outro lado, imagens de selos postais comemorativos foram utilizados como ferramentas de ensino-aprendizagem na área de engenharia. O trabalho analisou selos brasileiros emitidos entre 1843 a 2010, com a temática engenharia, e os autores concluíram que:

(...) Muitas deficiências nas informações e no ensino das engenharias poderiam ser minimizadas com a ajuda de veículos de comunicação menos usuais, como os selos postais, cujo alcance estende-se além das fronteiras meramente comerciais (PENNEREIRO E FERREIRA, 2011).

É notável que tal afirmação dos autores, podem ser estendidas para o processo de ensino-aprendizagem no Brasil, utilizando o recurso dos selos postais em sua variedade de informações sobre a maçonaria. Essa metodologia pode ser adotada em grupos de estudos ou cursos especializados sobre maçonaria, ou até mesmo em cursos comuns em escolas e universidades, caso abordem essa temática.

O registro em trabalhos, livros, artigos entre outros meios, de selos postais com a temática maçonaria tem sido publicado ao longo das últimas décadas no Brasil. Dentre os trabalhos, cabe destacar os realizados por Kurt Prober, um numismata alemão naturalizado brasileiro (Prancha e Tabela N°1 – 7). Kurt Prober publicou em 1984, o Catálogo de Selos de Maçons Brasileiros, contendo a imagem e detalhamento dos selos emitidos sobre maçonaria na época, e uma resumida biografia destes (PROBER, 1984). Hoje, Kurt Prober é considerado o Patrono da Filatelia Maçônica do Brasil.

Outra publicação é o Catálogo de Selos Postais Maçonaria, publicado no ano de 2007. O trabalho contém a descrição de selos com a temática Maçonaria, emitidos de 1936 a 2006. O conteúdo abrange peças filatélicas emitidas por 38 países, com um breve texto sobre a imagem (COSTA, 2007). Outras publicações sobre a descrição de selos postais com a temática Maçonaria é encontrado na internet, sendo a

maioria trabalhos apresentados em Lojas, e geralmente com suas referências a Kurt Prober e Anselmo Costa.

A importância dos cartões telefônico e dos selos postais com a temática Maçonaria vai além de um hobby para colecionadores, e se estende como um objeto de interesse científico, histórico e didático-pedagógico. É grande o potencial na utilização desses objetos de comunicação e mídia como material de estudo escolar e acadêmico, e também como ferramenta na formação e instrução dos membros iniciados na maçonaria. Outros grupos paramaçônicos como os Demolays, Filhas de Jó, Bethel etc, composto na maioria por estudantes do ciclo básico fundamental e médio, podem se beneficiar desse conteúdo, a partir das análises e descrições de forma aprofundada das informações fragmentadas, impressas nos cartões telefônicos e nos selos postais.

4. Considerações Finais

A coleção particular foi composta por selos postais com período de emissão entre os anos de 1970 a 2020, e os cartões telefônicos de 1997. As informações visuais e textuais analisadas, são de interesse para colecionadores e pesquisadores-educadores. O conteúdo das mensagens é fragmentado e pouco aprofundado, porém, objetivas e de interesse popular. As informações veiculadas retrataram temas como pessoas, datas comemorativas e edificações de importância para a Maçonaria brasileira e mundial.

Os selos postais e os cartões telefônicos são fontes de pesquisa de interesse para a história da Maçonaria, além de sua importância no registro da memória artística-cultural de uma nação. Mesmo que os orelhões públicos e a postagem de cartas seladas estejam em declínio desde a última década do século XXI, esses objetos passam a ter um novo objetivo de uso, além do original, sendo uma ferramenta de pesquisa, didático-pedagógico e científica.

Por não possuir impressas as referências das informações veiculadas em cartões telefônicos e selos postais com a temática Maçonaria, é necessário que a interpretação de quem o analisa, careça de aprofundamento em sua pesquisa na busca por informações pautadas em evidências, e não em crenças.

Os selos postais e os cartões telefônicos podem ser utilizados como ferramentas didático-pedagógica, histórica e científica, ao socializar o conhecimento a partir de grupos de estudos, Lojas Universitárias, Academias Maçônicas ou comuns, escolas

ou por qualquer outro meio que queira trabalhar com a temática Maçonaria.

5. Referências bibliográficas

ABFM. *Associação Brasileira de Filatelia Maçônica*. 2022. Disponível em: <https://www.filateliamaconica.org/apresentacao.htm>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

ASTRÉA. Supremo Conselho De Montezuma a Jorge Lins. 190 anos. *Informativo Virtual Astréa News*, Ano VII n.97, pg.1-13, 2019. <https://sc33.org.br/documents/astreanews/Astreanews97.pdf>

CAMARGO, Felipe Côrte Real de. "Protect the integrity": regularidade no discurso das relações maçônicas internacionais entre Brasil e Inglaterra (1880-2000). *Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña*, v.8, n.1, p.131-151, 2016. DOI: 10.15517/rehmlac.v8i1.24276

CAVALCANTE, Carolina Santos, SALCEDO, Diego Andres. Indexação de imagens filatélicas: Aplicação no repositório filatélico. Informe: *Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação Recife*, v.2, n.2, pg.1-8, 2018. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INF/article/download/235838/30866>

CMSB. *Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil*. Disponível em: <https://cmsb.org.br/sobre/>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

COLNECT. *Colecione + conecte-se*. 2022. Disponível em: https://colnect.com/br/phonecards/list/country/30-Brasil/company/4327-Sistema_Telebras_00/series/255050-1997_-_Publicidade/year/1997/page/6 Acesso em: 19 de junho de 2022.

CORREIOS. Sophia Acervo, *Saber + Museu Correios*. 2022. Disponível em: <https://apps.correios.com.br/acervo/asp/> Acesso em: 19 de junho de 2022.

COSTA, Anselmo. *Catálogo de Selos Postais Maçonaria*. 1ª ed. Ilust, 72 pp. 2007.

DSF. *Diário do Senado Federal*. Ata da 114ª Sessão Não Deliberativa, em 20 de agosto de 2004. 2ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura. 2004. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/p/pronunciamento/348567> Acesso em: 19 de junho de 2022.

DA SILVA, Eduardo Cristiano Hass. Cartões Telefônicos como fontes para a Pesquisa Histórica: Possibilidades de pesquisa em Cultura Visual. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v.8, n.1, p.128-145, 2019. <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6591/5312>

DE MENEZES, Claubert Wagner Guimarães; DA COSTA,

- Mario Alves Martins. Simbolismo e matemática para a régua de 24 polegadas (ou dedos?): Uma relação histórica. *Revista Ciência & Maçonaria*, v.7, n.1, pg.7-11, 2021. <http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/view/131/76>
- DE SOUZA, Wagner Tavares; SILITONGA, Rani Uli. Description of 13 rare indonesian phonecard sets in folders from '90s associated to telecommunications. *JADECS (Journal of Art, Design, Art Education & Cultural Studies)*, v.7, n.1, p.1-17, 2022. <http://dx.doi.org/10.17977/um037v7i12022p1-17>
- ECT. Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. *Histórico do selo*. 2010. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/selos/historico.cfm>>. Acesso em: 19 de junho de 2022.
- FEBRAF. Federação Brasileira de Filatelia. 2022. Disponível em: <https://www.febraf.com.br/post/febraf-envia-of%C3%ADcio-aos-correios-relativo-a-utiliza%C3%A7%C3%A3o-de-selos-postais-em-cartas-registradas> Acesso em: 19 de junho de 2022.
- FILACAP. *Boletim Eletrônico nº 150*. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/346505/e-mail--filacap%40bol.com.br> Acesso em: 19 de junho de 2022.
- GWMSC. *George Washington Masonic Stamp Club*. Disponível em: <http://gwmasonicstampclub.com/index.php> . Acesso em: 19 de junho de 2022.
- GOMES, Isaltina Maria de A. Mello; SALCEDO, Diego Andrés. A comunicação pública da ciência por meio dos selos postais: o caso do Brasil no século XX. *Redes. com: revista de estudios para el desarrollo social de la Comunicación*, n.7, p.258-270, 2013. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4498263.pdf>
- ISLE OF MAN POST OFFICE. *Isle of Man Post Office celebrates 300 years of English Freemasonry with hidden secret stamps*. 2017. Disponível em: <https://www.gov.im/news/2017/apr/18/isle-of-man-post-office-celebrates-300-years-of-english-freemasonry-with-hidden-secret-stamps/> . Acesso em: 19 de junho de 2022
- ISMAIL, Kenno. *Vaticano Maçônico*. No Esquadro, 2012. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/vaticano-maconico/> Acesso em: 19 de junho de 2022.
- ISMAIL, Kenno. *O embuste da fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra*. No Esquadro, 2016. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/noticias/o-embuste-da-fundacao-da-grande-loja-unida-da-inglaterra/> Acesso em: 19 de junho de 2022.
- ISMAIL, Kenno. Os 33 primeiros Supremos Conselhos do mundo. *Revista Ciência & Maçonaria*, v.7, n.1, p.49-56, 2020. <http://www.cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/article/view/171/78>
- ISMAIL, Kenno. *QUEM É A MÃE? Encarando os fatos sobre o legítimo Supremo Conselho*. 2022. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/uncategorized/quem-e-a-mae-encarando-os-fatos-sobre-o-legitimo-supremo-conselho/>.
- KRIEGER FILHO, Jorge Paulo. *A maçonaria na história postal. A. 'R. 'L. 'S. ' Brusque Deutsche Loge no. 59*. 2011. Disponível em: <https://www.soficur.org.br/site/arqGrd/POSTAL.pdf> Acesso em 19 de junho de 2022
- LOPES, Alberto. Leilão Lote 223. *Atas da Loja Esperança*. Disponível em: <https://albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?Id=13220719> Acesso em 19 de junho de 2022
- MPC. *Masonic Philatelic Club*. Disponível em: <https://www.masonicphilatelicclub.co.uk/> . Acesso em 19 de junho de 2022
- MSCNY. *Masonic Stamp Club of New York*. Disponível em: <http://www.msccny.org/> . Acesso em 19 de junho de 2022.
- MSU. *Masonic Study Unit*. Disponível em: <http://www.masonicstudyunit.com/> . Acesso em 19 de junho de 2022
- MENEZES, Clauber Wagner Guimarães de, SILVA, Ana Paula Araújo. *Informações em cartões telefônicos como fonte de pesquisa: caracterizando uma coleção particular*. 2022. (In Press).
- MPC. *Stock List Stamps e Seals*. Disponível em: <https://www.glosmasons.org.uk/sites/www.glosmasons.org.uk/files/102-stamps-stamps.pdf> . Acesso em 19 de junho de 2022.
- PARAMAÇONARIA. *Loja Maçônica Esperança 0037 comemora 181 anos: Engrandecimento da Maçonaria Brasileira*. 2018. Disponível em <https://paramaconaria.com.br/noticias/loja-maconica-esperanca-0037-comemora-181-anos-engrandecimento-da-maconaria-brasileira/> Acesso em 19 de junho de 2022.
- PENEREIRO, Júlio César; FERREIRA, Denise Helena Lombardo. Filatelia como mecanismo de divulgação e de ensino para as engenharias no Brasil. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, v.4, n.2, p.84-104, 2011. DOI: 10.3895/S1982-873X2011000200005
- PRESCOTT, Andrew; SOMMERS, Susan Mitchell. *The origins of freemasonry and the invention of tradition*. Harashim, v.85, p.6-24, 2019. <http://eprints.gla.ac.uk/252534/1/252534.pdf>
- PROBER, Kurt. *Catálogo dos selos de maçons brasileiros*. Rio de Janeiro: s.n., 100pp, 1984.

RODRIGUES, Laelson. *Maçonaria*. 2004. Disponível em: https://blog.correios.com.br/filatelica/?page_id=14432. Acesso em 19 de junho de 2022.

READ, Roger W. The Philatelic Freemason. *Journal of the Masonic Study Unit*, v.30, n.6, 2006. http://www.masonicstudyunit.com/content/pfissues/pf_v30-n06_wn172_march-april_2006.pdf

UGLE. United Grand Lodge of England. *History of Freemasonry*. 2022. Disponível em: <https://www.ugle.org.uk/discover-freemasonry/history-freemasonry> Acessado em: 19 de junho de 2022.

A ARTE MAÇÔNICA NO PERÍODO ESPECULATIVO: um estudo sobre os frontispícios das Constituições de Anderson (1723) e Ahiman Rezon (1764)

(THE MASONIC ART IN THE SPECULATIVE PERIOD: a study of the frontispieces of the Constitutions of Anderson (1723) and Ahiman Rezon (1764))

Fernando Souza ¹

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo sobre a arte maçônica no período especulativo da instituição, tendo como principais objetos de análise os frontispícios das Constituições de Anderson (1723) e Ahiman Rezon (1764). A pesquisa foi realizada por meio de revisão de literatura, tendo como objetivo explicar os principais elementos presentes nas ilustrações, realizando uma exposição sobre a presença de elementos mitológicos, filosóficos e religiosos das civilizações grega, romana e hebraica, além de importantes personagens da maçonaria e dos elementos do simbolismo maçônico, bem como seus significados e implicações.

Palavras-chave: Maçonaria; Arte; Música; Filosofia.

Abstract

This article presents a study on Masonic art in the speculative period of the institution, having as main objects of analysis the frontispieces of the Anderson's Constitutions (1723) and Ahiman Rezon (1764). The research was carried out through a literature review, aiming to explain the main elements present in the illustrations, making an exposition on the presence of mythological, philosophical and religious elements of the Greek, Roman and Hebrew civilizations, as well as important characters of Freemasonry and of the elements of Masonic symbolism, as well as their meanings and implications.

Keywords: Masonry; Art; Music; Philosophy.

¹ Discente no Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (PPGCR/UFS); pós-graduado (Lato Sensu) em História das Religiões e Filosofia da Religião; graduado tecnólogo em Gastronomia; licenciando em Ciências da Religião; pós-graduando (Lato Sensu) em Metodologias Ativas na Docência da Educação e em Maçonologia: História e Filosofia. E-mail: fernandordesouza@yahoo.com

1. Introdução

A maçonaria possui um sistema rico em diversidade de significação filosófica e simbólica. Toda essa riqueza está disposta em suas cerimônias ritualísticas que apontam para a necessidade de se compreender o uso constante de símbolos, sendo sua utilização uma forma de transmissão de conhecimento. (MACNULTY, 2007)

Sua história está dividida em três períodos, sendo o primeiro a "maçonaria primitiva", dotado de controvérsia quanto a data de sua origem e posterior desenvolvimento. O segundo período é o da "maçonaria operativa", que possui seu ápice no período medieval e perdura até o final do século XVII. É nesse período que aparecem as chamadas Old Charges, ou "Antigas Obrigações", que são documentos que demonstram as principais práticas dos maçons e das lojas naquele período. O terceiro e atual período da instituição, é a chamada "maçonaria especulativa", também chamada "moderna". É assim denominada por ser o momento onde homens que não estavam vinculados ao ofício de pedreiro passam a ser aceitos nas reuniões. Tais movimentações culminam naturalmente em uma mudança de perspectiva e de atuação da maçonaria.

Desse modo, aos poucos as ferramentas utilizadas nas obras de construção passam a ser ressignificadas e a dar espaço ao simbolismo e à filosofia. Essas mudanças espalharam-se gradualmente em todo o arcabouço simbólico da maçonaria e passaram a ser expressas através de diversas manifestações artísticas, especialmente na música, na utilização de gravuras e pinturas, sendo esse, o principal método pedagógico na formação dos maçons dentro do período moderno da maçonaria.

Como consequência do desenvolvimento dos diversos sistemas intelectuais maçônicos, tudo aquilo que era de conhecimento comum aos pedreiros medievais passa a se tornar símbolo, vindo posteriormente a ser gravado nos aventais, rituais e locais de reunião dos maçons. Sobre isso, Macnulty (2007) aponta que "a atual maçonaria especulativa deriva a

maior parte de seus símbolos da arte operativa". (MACNULTY, 2007, p. 61)

O período operativo da maçonaria deixou um importante legado para a modernidade maçônica, sendo os diversos rituais um importante tesouro oriundo desta tradição. Conforme afirma Sousa (2017), "o ritual maçônico tem o objetivo de sensibilizar o 'eu interior' do homem a respeito dos ensinamentos simbólicos do grau e do rito que a sua loja pratica". (SOUSA, 2017, p. 58)

2. Análise do frontispício das Constituições de Anderson (1723)

Os rituais fazem parte da extensa e controversa literatura maçônica, neles estão dispostos uma importante parte da doutrina maçônica. A outra parte que completa todo o escopo doutrinário da maçonaria está disponível em seus escritos normativos, que servem como base legitimadora da instituição, apontando seus principais pilares, normas e regras.

Dentro desse grupo de escritos estão as diversas constituições maçônicas, sendo a mais conhecida delas 'As Constituições de 1723', a primeira publicação da recém-criada 'Primeira Grande Loja da Inglaterra' que foi estabelecida entre 1717 e 1721,² cujos princípios iluministas fornecem os fundamentos filosóficos da Maçonaria moderna. É documento que substituiu os preceitos tradicionais que regulavam a Maçonaria Operativa, e por isso, veio a ser considerado o principal documento e a base legal da Maçonaria Especulativa. Ele foi escrito pelo maçom James Anderson, Grande Oficial da Loja de Londres em Westminster, e por isso, também é conhecida como 'Constituição de Anderson'.

Dentre os conteúdos contidos na Constituição de Anderson (1723), chama particular atenção o frontispício gravado por John Pine (1690–1756), um importante gravador de Londres.³ Em sua relação com a Maçonaria também produziu os primeiros diretórios das Lojas Maçônicas que detalhavam os nomes, si-

² Conforme aponta Pound (2021) a data tradicional de 1717 foi agora contestada por alguns historiadores maçônicos que propõem uma data posterior de 1721. Cf. Professor Andrew Prescott e Professora Susan Mitchell Sommers, 'Did Anything Happen in 1717?', em John S. Wade (ed.), *Ars Quatuor Coronatorum* (Londres: Quatuor Coronatorum Lodge Nº. 2076, Volume 131, 2018), pp. 43-60.

³ Segundo apontamentos de Martin Cherry (2016), embora Pine seja registrado como o gravador do frontispício, há dúvidas consideráveis de que ele tenha sido o criador do desenho, que vários comentaristas atribuíram a Sir James Thornhill. (cf. H. Sadler, 'The Frontispieces to the Book of Constitutions', *Masonic Illustrated* Vol. 1, No. 7 (London: Spencer & Co., 1901), 153; A. Prescott, 'The Publishers of the 1723 Book of Constitutions', *AQC* 121 (2009), 155.

nais, locais e datas das reuniões das Lojas. Cherry (2016) aponta a importância deste elemento na obra:

Foi um passo significativo de uma organização embrionária impor sua metodologia ao fenômeno cada vez mais popular da Maçonaria. O significado que a Grande Loja anexou à publicação de suas constituições é evidenciada pela inclusão de um frontispício gravado que elevou o preço e o status do livro. Também incluía uma mensagem visual. (CHERRY, 2016, p. 1, tradução nossa)



Fig. 1. Frontispício da Constituição de Anderson de 1723.

Alguns dos personagens e elementos dispostos na imagem são mencionados por Martyn Cherry (2016) em seu artigo *Illustrations of Masonry: The Frontispieces of the Book of Constitutions 1723–1819*. A descrição do desenho demonstra tanto aspectos históricos quanto mitológicos, que de acordo com Derdyk (1994 apud TSUHAKO, 2015, p.2) servem como forma de linguagem expressiva, por meio da qual o homem se apropria das coisas ao seu redor e do mundo, atribuindo-lhes significados.

A compreensão sobre a relação entre o ser humano e a arte é parte imprescindível no estudo da maçonaria moderna e do seu arcabouço intelectual. Sobre isso, Buoro (2000) afirma que, "portanto, entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece" (BUORO, 2000, p. 25).

Desta maneira podemos dizer serem as invenções filhas das épocas em que acontecem, pois não há descoberta científica ou produção artística sem que existam condições materiais e psicológicas favoráveis ao seu aparecimento. Elas sempre se apóiam em acontecimentos anteriores, inscritos em um processo histórico (BUORO, 2000, p. 82, tradução nossa).

Cherry (2016) realiza uma descrição exegética bastante pertinente sobre o frontispício das Constituições de Anderson publicadas em 1723. O autor aponta que

O frontispício de 1723 retrata João, 2º Duque de Montagu, Grão-Mestre da Primeira Grande Loja em 1721, entregando uma cópia das Constituições e um conjunto de bússolas ao seu sucessor, Filipe, Duque de Wharton, cada um acompanhado por seus Deputados e Vigilantes. Um dos membros da comitiva de Montagu carrega aventais e luvas, uma representação inicial de ambos em um contexto maçônico. Uma das comitivas de Wharton é um clérigo, possivelmente Jean Theophilus Desaguliers, que se acredita ter sido Grão-Mestre em 1719 e Grão-Mestre Adjunto de Wharton em 1722. A cena se passa dentro de uma arcada clássica representando as cinco ordens da arquitetura, composta em primeiro plano e Toscana para trás. Através do arco toscano Hélios, o deus sol, voa com sua carruagem sobre uma divisão de mares e o diagrama da 47ª Proposição de Euclides flutua no espaço entre os dois Grão-Mestres (CHERRY, 2016, p. 3, tradução nossa).

Ainda é possível ver entre os pés dos Grãos-Mestres a palavra Eureka, fazendo referência à exclamação 'encontrei!', do matemático Arquimedes. Essa

palavra possui relação com a heurística e descreve técnicas baseadas na experiência e observação para aprendizagem e resolução de problemas, ajudando a encontrar respostas adequadas (KAHNEMAN, 2011).

Acima da palavra Eureka está o símbolo matemático da 47ª Proposição de Euclides, um triângulo retângulo com o quadrado do lado oposto ao ângulo reto igual à soma dos quadrados dos outros dois lados, teorema que é descrito por James Anderson (1679-1739) nas Constituições de 1723 como 'a Fundação de toda a Maçonaria, sagrada, civil e militar...' (POUND, 2021, p. 1). Este símbolo está associado à arquitetura e na maçonaria é usado pelos maçons que alcançaram a qualidade de Past Master.

De acordo com Macnulty (2007), "embora não seja uma religião, é certo que a maçonaria se vale da história e da filosofia religiosas" (MACNULTY, 2007, p.101). Assim como muitos escritos religiosos, é importante ressaltar que nenhuma das 'Histórias Tradicionais' da maçonaria devem ser tomadas como literais, pois não foram destinadas a serem compreendidas desta forma. Elas possuem finalidade alegórica, sendo criadas com noções românticas por seus autores (COOPER, 2002).

Essa ligação pode ser vista na decoração dos templos maçônicos, seus rituais e em sua vasta literatura, onde aparecem elementos religiosos gregos, romanos e hebreus, estando eles também presentes como elementos de segundo plano no frontispício.

Segundo Pound (2021), "as ondas do oceano são representadas como se estivessem sendo contidas por uma força invisível, símbolo da fuga dos israelitas do Egito e da separação do Mar Vermelho por Moisés" (POUND, 2021, p. 1), trazendo como simbolismo a ideia de redenção e obtenção de posse. Por sua vez, em sua análise, Cherry (2016) afirma que "o mar que se abre poderia representar o Antigo Testamento, que a história de Anderson usa como ponto de partida, progredindo até os dois nobres Grão-Mestres representando o Palladianismo e o Iluminismo" (CHERRY, 2016, p. 4).

Os apontamentos e considerações feitos por Ricky Pound sobre o deus sol apresentam uma maior riqueza que os de Martin Cherry, que apenas o menciona como existente na obra. Apolo, filho de Zeus, é um deus da mitologia grega e romana, é considerado o deus da cura, da música e da poesia, o líder das Musas e a divindade padroeira de Delfos. No frontispício ele aparece desenhado em posição central no

céu, nas rédeas de uma carruagem, uma representação alegórica do sol se aproximando de seu meridiano. A intenção é impressionar o espectador com uma sensação de bem-estar filosófico, espiritual e científico, e implicar a aprovação divina. De acordo com Pound (2021):

em primeiro plano, um segundo arco em caixotões emoldura o deus sol Helios ou Apolo (padroeiro das artes) em sua carruagem enquanto ele corre pelo céu. Apolo está aqui provavelmente representando não apenas o corpo celeste do sol, mas também o conceito de iluminação. Os dois arcos podem ser lidos como representando o curso do sol enquanto viaja pelo hemisfério norte entre o equinócio vernal (21 de março) e outonal (21 de setembro). Apolo representa tanto o dia mais longo do ano (21 de junho, comemorado pelos maçons no dia da festa de São João Batista em 24 de junho), quanto o meio-dia, quando o sol está no ponto mais alto do céu (mais tarde declarado como o momento do assassinato de Hiram Abiff) (POUND, 2021, p. 2, tradução nossa).

A questão do sigilo maçônico presente nos conhecidos Landmarks de Mackey (Nº 11) e de Pike (Nº 4), também é trabalhada por Ricky Pound, de modo que, para o autor "as rosáceas do arco de caixotões mais próximo podem indicar a necessidade de guardar sigilo dentro da loja onde toda a conversa é privada, e, portanto, é falado sub rosa (sob a rosa)" (POUND, 2021, p. 2).

Na maçonaria vemos as colunas dórica, jônica e coríntia, representando força, beleza e sabedoria (PUSCH, 1982). Sobre o significado das colunas no frontispício, Cherry aponta que "o posicionamento das Ordens de Arquitetura com a Toscana, a mais antiga, ao fundo e a Compósita, a mais jovem, em primeiro plano, pode representar um avanço." (CHERRY, 2016, p. 4). Pound (2021), por sua vez, afirma que

estas colunas representam as cinco ordens arquitetônicas romanas e estão dispostas em termos de sua importância hierárquica e cerimonial. Começando com a ordem Compósita posicionada mais próxima dos Grão-Mestres, as colunas estendem-se na tela aumentando a distância em progressão do Coríntio, Jônico, Dórico e Toscano (POUND, 2021, p. 2, tradução nossa).

Adams identificou⁵ em 1937 (CHERRY, 2016, p. 6, tradução nossa).

Elas também podem aludir aos cinco monarcas que apoiaram a reconstrução da Catedral de St. Paul, obra realizada pelo arquiteto Christopher Wren (1675-1708), são eles: Charles II, James II, William & Mary e Queen Anne.

3. Análise do frontispício do Ahiman Rezon (1764)

O Ahiman Rezon foi um documento escrito e publicado por Laurence Dermott em 1756, vindo a tornar-se a base constitucional da Maçonaria dos Antigos. Sua popularidade foi tão grande que posteriormente veio a ser utilizado como base para a constituição de diversas Grandes Lojas Estadunidenses. Apesar de sua importância, não era original, se tratava de uma versão adaptada das 'Constituições Irlandesas de 1751', escritas por Edward Spratt, um trabalho baseado nas Constituições de 1723 da Grande Loja da Inglaterra. Nas cinco décadas seguintes, diversas edições do Ahiman Rezon seriam publicadas na Grã-Bretanha, Irlanda e América, incluindo a notável edição de 1764.

Este documento foi responsável pela codificação e divulgação da 'Maçonaria dos Antigos'. O texto em diversos pontos aparece dotado de humor, contudo os principais argumentos são aqueles utilizados por Dermott, em favor da maior antiguidade e ritual superior dos Antigos em relação à forma praticada pelos 'Modernos'.

Os motivos que levaram Dermott a escolher o título Ahiman Rezon são um mistério, contudo sabe-se que as palavras tem sido frequentemente ditas como pertencentes à língua hebraica **אֶחִימָן רֵזוֹן**, que significa "uma ajuda para um irmão". Ahiman e Rezon também são personagens que aparecem na Bíblia.⁴

De acordo com Cherry (2016):

a primeira edição do Ahiman Rezon, as constituições da Grande Loja dos Antigos, impressas e vendidas por James Bedford no adro da Igreja de St Paul a partir de 1756, não tinha um frontispício, apenas uma folha de rosto bicolor muito movimentada, mas a segunda edição publicada em 1764 apresentava um frontispício e uma página de rosto gravados por um gravador chamado Larken, a quem Cecil



Fig. 2. Frontispício do Ahiman Rezon (1764)

A gravura de Larken para Ahiman Rezon é relativamente simples, consistindo em dois brasões, um descrito como 'As Armas da mais Antiga e Honrosa Fraternidade, de Maçons Livres e Aceitos' e o outro como 'As Armas dos Maçons Operativos ou de Pedra'. Laurence Dermott em seu ensaio sobre a Primeira Grande Loja ou Modernos, apresenta uma explicação sobre o design. Ele escreveu: "Entre outras coisas, eles apreenderam as armas dos pedreiros, que aquela companhia de boa índole lhes permitiu usar até hoje,

⁴ Cf. 1 Crônicas 9:17; 1 Reis 11:23-25.

⁵ Cf. C. Adams. 'Ahiman Rezon, the Book of Constitutions' AQC 46 (1937), p. 254.

razão pela qual vários dos irmãos viraram seus aventais à moda antiga e fingiram imitar os maçons operativos". Sobre o relato de Dermott, Cherry (2016) afirma que "em outras palavras, os Modernos roubaram as armas da London Company of Masons". (CHERRY, 2016, p. 8)

O comentário de Dermott segue com a descrição do brasão, mencionando os animais das quatro tribos principais de Israel: "o leão de Judá, o boi de Efraim, o homem de Rúben e a águia de Dã, sustentados por Querubins com rosto de homem, asas de águia, dorso e juba de leão, e pés de bezerro, com a Arca da Aliança, apropriadamente suportada pelos Querubins". (CHERRY, 2016, p. 8)

De forma semelhante aos Modernos, Dermott também se apropriou de um brasão de outros lugares, contudo dedicou parte de sua crítica para justificar a escolha para os Antigos:

Como eram as armas dos pedreiros que construíram o tabernáculo e o templo, não há a menor dúvida de serem as armas próprias da mais antiga e honrosa fraternidade de maçons livres e aceitos, e a prática contínua, formalidades e tradição, em todas as lojas regulares, do grau mais baixo ao mais alto, ou seja, O SANTO ARCO REAL, confirma a verdade aqui. (CHERRY, 2016, p. 8, tradução nossa)

Parte da crítica de Dermott estava ancorada na visão de que os Modernos estavam copiando a London Company of Masons, pois estavam trazendo inovações vistas como modernas e falsas para a Maçonaria, enquanto que, por outro lado, os Antigos mantinham-se fiéis ao caminho estabelecido nos textos bíblicos. (CHERRY, 2016)

Larken não era um gravador célebre e habilidoso quanto Pine, suas obras não aparecem nos catálogos online de nenhum dos museus ou galerias do Reino Unido, contudo conforme aponta Cherry (2016), "sua gravura do brasão de armas dos Antigos ajudou a transmitir o design e torná-lo uma das imagens mais reconhecíveis da Maçonaria do século XVIII, com várias Grandes Lojas Americanas incorporando-o em seus próprios brasões (CHERRY, 2016, p. 8).

4. Considerações Finais

A arte maçônica em seu período especulativo, ou moderno, se apresenta de maneira rica e complexa englobando as multifacetadas da instituição, sendo também expressas em seus documentos oficiais. Sobre isso, as pesquisas de Martin Cherry e Ricky Pound nos apresentam bibliografia bastante considerável para o estudo e desenvolvimento de pesquisas sobre os frontispícios contidos nas diversas constituições maçônicas.

As Constituições de Anderson (1723) em seu frontispício confeccionado por John Pine, apresenta essa riqueza com elementos históricos, filosóficos, religiosos e simbólicos da Maçonaria, que além de embelezar a obra, traz aos maçons um excelente arcabouço sobre a ordem e as influências impressas nela.

O Ahiman Rezon de Dermott, por sua vez, não possuía frontispício em sua primeira edição (1756), entretanto, a sua segunda edição (1764) possui uma ilustração que veio a tornar-se um dos símbolos mais utilizados na Maçonaria anglo-saxônica. Os emblemas religiosos foram utilizados por Dermott como base argumentativa para realizar críticas aos Modernos e legitimar os Antigos, neste caso em específico, é possível constatar uma forma de uso político-organizacional do documento. O frontispício da terceira edição (1778) demonstra claramente essa questão apresentando um desenho que reflete a exclusão e marginalização dos Modernos em favor dos ramos irlandeses, escoceses e Antigos da maçonaria. Essa complexa relação da arte na Maçonaria especulativa demonstra certa complexidade e abre possibilidades para novas pesquisas na área.

Diversos outros frontispícios surgiram em outras edições das Constituições de Anderson e do Ahiman Rezon, bem como de outras constituições não mencionadas nesta pesquisa, que podem vir a ser um solo fértil para aprofundamentos e pesquisas futuras, contribuindo assim para o enriquecimento dos estudos na área da maçanologia no Brasil.

5. Referências Bibliográficas

- BUORO, Anamelia Bueno. *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CARR, Harry. *O Ofício do Maçom*. São Paulo: Madras, 2018.

- CESCON, Juliane Panozzo. A produção azulejar - ensinamentos e aprendizados nas corporações de ofício em Portugal no século XVIII como *muodo di fare*. *Temporalidades*, vol. 9, n. 1, p. 290-309, 2017.
- CHERRY, M. Illustrations of Masonry: The Frontispieces of the Book of Constitutions 1723-1819. *Tercentenary Conference*. London: Quatuor Coronatorum Lodge N°. 2076, 2016. 16 pp. Disponível em: <<<https://www.1723constitutions.com/wp-content/uploads/2020/10/The-Frontispieces-of-the-Book-of-Constitutions-1723%E2%80%931819-Martin-Cherry.pdf>>> Acesso em 27 set. 2022
- COOPER, B. Knights Templar in Scotland – Creation of a Myth. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Quatuor Coronatorum Lodge N°. 2076, Volume 115, 2002.
- DAVIES, Malcolm. Freemasonry and Music. In: *Handbook of Freemasonry*. Leiden: Brill, vol. 8, p. 495-522, 2014.
- DERDYK, E. *Formas de Pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- DERMOTT, L. *Ahiman Rezon, or help to all that are (or would be) free and accepted masons*. 2nd edition. London: Printed for the author and sold by Robert Black Book-binder and Stationer in George Yard, Tower Hill, 1764.
- HAYWOOD, H. L. *Famous Masons and Masonic Presidents*. Chicago: The Masonic History Company, 1944. 328 pp
- KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 134.
- MACNULTY, W. Kirk. *A Maçonaria: símbolos, segredos e significados*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- POUND, R. The Architectural Sources for the Frontispiece of James Anderson's Constitutions of the Free-Masons of 1723. Academia.edu. 2021. 17 pp. Disponível em: <<https://www.academia.edu/85959776/The_Architectural_Sources_for_the_Frontispiece_of_James_Andersons_Constitutions_of_the_Free_Masons_of_1723_1>> Acesso em 27 set. 2022
- PUSCH, Jaime. *ABC do aprendiz*. 2ª ed. Santa Catarina: Tubarão, 1982.
- SOUZA, Kleber Cavalcante de. *A Maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico*. Natal: AMRA, 2017.
- THOMSON, Katharine. Mozart and Freemasonry. *Music & Letters* 57, n°. 1, 1976. p. 25-46. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/733806>. Acesso em 28 set. 2022.
- TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. O desenho como linguagem expressiva: um estudo à luz da teoria histórico-cultural. 2015. (*Apresentação de trabalho/ Comunicação*). Disponível em: <<<https://www.marília.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/o-desenho-como-linguagem-expressiva.pdf>>> Acesso em: 27 set. 2022.

O seminário de Olinda e a participação de Padres-Maçons na Revolução de 1817

(The seminary of Olinda and the participation of Priests Freemasons in the Revolution of 1817)

Kleber Cavalcante de Sousa ¹

Resumo

O presente artigo analisou e discutiu a participação na revolução de 1817 dos padres João Roma, Padre Miguelinho ligados ao Seminário de Olinda, que teria influenciado a formação ilustrada desses sacerdotes, e contribuído para a sua participação na revolução de 1817, movimento de inspiração maçônica. Desse modo, esse trabalho justifica-se em razão das relações desses padres com a maçonaria e a sua importância nesse processo sedicioso do Brasil colônia, visto que esse foi um movimento que antecedeu o processo de independência do Brasil, e visava criar uma república.

Palavras-chaves: Padres; Seminário de Olinda; Maçonaria; Império do Brasil

Abstract

This article analyzed and discussed the participation in the 1817 revolution of priests João Roma and Miguelinho linked to the Seminary of Olinda, which would have influenced the enlightened formation of these priests, and contributed to their participation in the 1817 revolution, a movement of Masonic inspiration. In this way, this work is justified due to the relations of these priests with Freemasonry and their importance in this seditious process in colonial Brazil, since this was a movement that preceded the process of independence in Brazil, and aimed to create a republic.

Keywords: Priests; Seminary of Olinda; Masonry; Empire of Brazil.

¹ Graduado em Administração pela UFRN (1997) e em História pela UFRN (2020). Especialista em Gestão Estratégica de Negócios pela FACEX (2007) e em Maçonologia pela Uninter (2019). Mestre em Engenharia da Produção pela UFRN (2013). Doutorando em História pela UFRN. E-mail: ksnat@hotmail.com

1. Introdução

Este artigo analisa e discute o envolvimento dos Padres e professores do seminário de Olinda João Roma, Miguelinho, do Bispo José Azeredo Coutinho (fundador do Seminário de Olinda) e do Frei Caneca na Revolução de 1817. Esta análise discute o papel do Seminário de Olinda e sobre como as ideias do Iluminismo influenciaram a formação desses padres e do clero brasileiro, principalmente nas províncias do norte no século XIX.

É importante notar que, durante esse período, no Império Português vigorava o regime do Padroado, que concedeu ao rei de Portugal o direito de administrar os assuntos religiosos ultramarinos. O Padroado consistia em um compromisso entre a Igreja Católica Romana e o Estado português. A Igreja fazia concessões ao rei católico português, tais como: nomear escritórios da igreja, construir igrejas e capelas e controlar as finanças da igreja. Por sua vez, o governo português trabalhava para expandir a fé católica e atrair novos crentes em novas terras conquistadas por meio da expansão marítima de Portugal.

No Brasil, com a chegada inicial dos jesuítas e depois com a formação de uma elite nos seminários religiosos (caso do Seminário de Olinda) pode-se afirmar que a Igreja Católica estava subordinada aos interesses do Estado português, podendo, assim, ser considerada uma instituição estatal.

Desse modo, a Igreja Católica no Brasil oitocentista não pode ser considerada uma instituição livre do poder do Império brasileiro, visto que era vista pelo Estado português, e posteriormente pelo Império brasileiro, como parte da ordem institucional básica para a manutenção da paz e do Estado. No Brasil os padres se comportavam mais como funcionários do Estado, e não tanto como representantes da Igreja Romana. Portanto, a igreja e seus membros estavam sujeitos às decisões do governo imperial português.

É sob esse ponto de vista que os padres no Brasil do século XIX atuavam nas províncias como homens representando o Estado e, além da ação como religiosos, muitos deles atuavam como professores e políticos, de modo a terem participação importante em determinados momentos na vida nacional.

Para efeitos deste artigo, destaca-se o papel desempenhado pelos padres já referidos e do Seminário de Olinda, em especial, considerado este como um centro de formação intelectual de padres na pro-

víncia do norte. Argumenta-se que tal formação intelectual (a partir do ideário Iluminista ou Ilustrado) influenciou de alguma forma o encorajamento desses pastores a fim de se juntarem ao movimento de 1817.

Além disso, a historiografia pesquisada, inclusive quanto às pesquisas sobre a História da Maçonaria, indica a participação desses sacerdotes em reuniões nas academias ilustradas existentes em Pernambuco, tais como a Academia Paraíso e o Areópago de Itambé, que eram instituições notadamente de caráter maçônico.

Ainda que não haja documentos comprobatórios sobre a iniciação desses padres em lojas ou instituições maçônicas do período, tendo em vista que a Maçonaria no Brasil ainda estava em sua fase embrionária e que àquela época se viviam tempos de restrições às sociedades secretas, é possível afirmar que os padres referidos participaram de reuniões maçônicas.

A partir dessa análise, sempre sujeita à revisão - seja em função de novos questionamentos, seja face ao surgimento de novas fontes - acredita-se que será possível demonstrar que a formação ilustrada no Seminário de Olinda e a existência de vínculos dos padres referidos com os revolucionários atuantes nas academias, sujeitas às influências maçônicas, contribuíram para fomentar a participação desses mesmos padres no movimento sedicioso.

O presente trabalho inicialmente apresenta como ocorreu a formação do clero brasileiro e o papel dos seminários, em especial o Seminário de Olinda, na formação de religiosos ilustrados no Brasil. E, por fim, analisa o papel dos "padres-maçons" na Revolução de 1817, enfocando as figuras de Padre Miguelinho, Padre Roma, Frei Caneca e o Padre e Naturalista Arruda Câmara.

2. A formação do Clero brasileiro no século XVIII-XIX

A educação do clero e sua formação intelectual dava ênfase ao estudo das ciências naturais até 1777, momento marcado pela queda do governo do Marquês de Pombal, ocorrida após a morte do rei D. João I. Após, as disciplinas relacionadas ao estudo do Direito voltaram a ser predominantes dentro da instituição e, por conseguinte, passaram a contribuir na formação de grande parte dos intelectuais e políticos brasileiros que realizavam seus estudos em Portugal.

É de se destacar que a formação dos mem-

bro da elite brasileira, caso desejassem seguir a carreira clerical, ocorria de forma diversificada e não estava necessariamente atrelada a ter uma formação superior.

É importante destacar que, no Brasil, os jesuítas exerceram um papel importante na formação clerical nacional. Entretanto, sob o governo de pombal (que realizou uma ampla reforma institucional no Estado Português e a expulsão da Companhia de Jesus do Império Português) ocorreu uma decadência e o fechamento de diversos seminários (AZZI, 1977, p. 192-200).

Desse modo, a formação educacional da elite política e intelectual do Brasil ocorreu a partir da estada dessa elite na Europa, com destaque para Portugal e França. Tal situação perdurou até a chegada da família Real ao Brasil, em 1808. A prática do ensino da elite em território europeu ocorria em razão da política portuguesa que impedia a fundação e funcionamento de faculdade ou universidades nas suas colônias. Assim, a Universidade de Coimbra foi um importante centro de formação da elite intelectual brasileira, mesmo após 1822, oferecendo diplomados ao governo brasileiro até a década de 1850 (CARVALHO, 2013).

Françoise de Souza destaca que, durante o período colonial, muitos padres foram ordenados sem terem frequentado um seminário, pois havia apenas a exigência de cumprir o exame de conhecimentos e serem aprovados na diligência de sangue, vida e costumes (prática de investigação sobre a linhagem ou parentesco do candidato). De fato, observa-se que apenas uma pequena parcela de sacerdotes, em geral membros das famílias mais abastadas, tiveram condições de estudar na Europa. No Brasil, havia apenas aulas régias para preparar parte da população que desejava cumprir essa jornada na Europa (SOUZA, 2010).

Estudando na Europa, muitos desses religiosos tiveram contato com doutrinas reformistas e princípios iluministas. Tal contato intelectual - com desdobramento na formação e na ligação com organizações de cunho maçônico - foi um importante fator na constituição de uma mentalidade reformista desses padres.

Outro aspecto que merece nota é o fato de que a Maçonaria era uma instituição atuante no con-

texto social e histórico de ebulição na Europa do século XVIII e XIX, pois ela era vista como detentora de valores filosóficos importantes, além de se constituir em espaço de sociabilidade no qual era possível obter informações, discutir assuntos variados e debater as ideias pungentes do século (BARATA, 1999).

Nessa perspectiva, a historiografia pesquisada no presente estudo indica que muitos membros da elite brasileira, que foram estudar na Europa e tiveram contato com essas ideias iluministas e revolucionárias, iniciaram-se na Ordem Maçônica. Tal foi o caso do bispo de Olinda Dom Joaquim Azeredo Coutinho, fundador do Seminário de Olinda, que foi considerado como destacado centro de formação de religiosos ilustrados durante o século XIX.

3. O Seminário de Olinda: a formação de Padres "ilustrados" no Brasil do século XIX

O Seminário de Olinda foi fundado em 1800 por Dom Joaquim José da Cunha Azeredo Coutinho, regalista e Maçom.² Azeredo Coutinho era Primo do Reitor da Universidade de Coimbra que também era um liberal e regalista. No seminário debatiam-se as ideias liberais e subversivas e tal ambiente de discussão ajudou na formação de todos os líderes eclesiais participantes das revoluções políticas que aconteceram posteriormente. Há que se refletir se esses sacerdotes se afastaram, ou não, do seu papel de evangelização do povo, tendo em vista terem recebido de seus Padres professores uma formação eminentemente liberal, galiciana e regalista, na Universidade de Coimbra (HAUCK, 2008).

O Seminário de Olinda era uma das melhores escolas secundárias do Brasil. Sua inovação pedagógica estava centrada na introdução da filosofia natural, isto é, ensino de ciências, desde a física experimental até o ensino da geografia. Cunha (1980) destaca que no seminário havia uma biblioteca com livreria escolhida, gabinete para física experimental, exemplares para um museu de história natural e desenho, mapas e globos para o estudo da geografia.

O seminário foi organizado sob a influência da reforma da Universidade de Coimbra, na perspectiva iluminista do Bispo D. Azeredo Coutinho. O que pelos seus aspectos inovadores se constituiu em um acontecimento marcante na história da educação em

² Ver: VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. *Estudos Teológicos*, v. 27, n. 3, p. 195-217, 1987.

ciências no Brasil. (DE ALMEIDA, DE OLIVEIRA MAGALHÃES, 2008).

A inovação na formação dos religiosos no Brasil decorria do entendimento de que a filosofia natural, sendo o estudo de tudo o que pertence à «contemplação da natureza», compreendia tanto a reflexão sobre os fatos naturais quanto seu caráter experimental (NOGUEIRA, 1985). Assim, esse tipo de filosofia possibilitava aos seminaristas ter uma visão mais prática e menos idealizada da sociedade. Essa nova educação religiosa propiciava ao clero uma formação intelectual fundada em princípios científicos, o que contribuiu para despertar ideias iluministas, assim como estava acontecendo em Portugal, por exemplo.

Não obstante, é importante destacar que no seminário de Olinda cabia ao

professor de Filosofia ensinar também as verdades de fato da História Natural ávidas pela observação, pertencentes aos três Reinos da Natureza, Animal, Vegetal e Mineral; e sairá a passeio fora da Cidade com os seus discípulos em algumas tardes para os fazer ver no campo a mesma Natureza produzindo e principalmente aqueles produtos sobre que já lhes tiver dado algumas noções, ou houver de lhes explicar imediatamente: mas como a observação por si só não basta sem a experiência, deverá também passar para o conhecimento interno dos produtos da Natureza, em cuja indagação consiste o principal objeto da Química; para o que ensinará aos seus discípulos a indagar as propriedades particulares dos corpos, analisando pelo meio da arte os princípios deles, e examinando os elementos de que eles se compõem e descobrindo os efeitos, virtudes e propriedades relativas, que resultam da mistura, e aplicação íntima de uns aos outros (DE ALMEIDA, DE OLIVEIRA MAGALHÃES, 2008, p. 483).

Observa-se que a formação intelectual desses sacerdotes era mais voltada para a vida política e social, nem tanto religiosa, o que contribuiu para torná-los intelectuais e agentes de seu tempo.

Desses, Arruda da Câmara, padre João Ribeiro e padre Miguelinho irão mais tarde romper com a ideologia de colocar os seus conhecimentos científicos a serviço do domínio colonial português, com o

engajamento de ambos nas lutas pela independência do Brasil, no que foi chamada a revolta dos Padres de 1817.

A influência iluminista e a participação dos membros do Seminário de Olinda nas lutas independentistas foi destacada pelo Cônego José do Carmo Barata, em sua obra *Escola de heróis: o colégio de N.S. das Graças - o Seminário de Olinda*. Nela, o autor afirma que não era de se espantar que nessa época os alunos do Seminário de Olinda gozassem de todas as liberdades, pouco compatíveis com sua formação eclesiástica e científica, e participasse ativamente de todos os movimentos revolucionários e frequentassem as Academias, nas quais seus mestres eram os principais sustentadores.

Pode-se compreender por que a formação iluminista no Seminário de Olinda representa um fator interessante a ser analisado na formação desses religiosos. Ao contemplar a importância da ciência e da razão, a fim de explicar o Universo, o conhecimento científico acaba por se contrapor à tradicional formação religiosa. Além disso, esses futuros líderes religiosos foram influenciados por uma visão liberal e mais ampliada do mundo da época em que viviam, tornando-os homens que se colocaram à frente do seu tempo.

Pode-se inferir que a formação desses religiosos sob o prisma de ideias iluministas e princípios liberais, além da sua participação nas academias em que seus professores (tais como o Padre João Ribeiro e Manuel Arruda Câmara como mantenedores) eram certamente de grande influência, fomentou seu interesse em ingressar nas lojas maçônicas que foram fundadas nas Províncias do Norte, em especial em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, locais de origem de muitos jovens que foram estudar no Seminário de Olinda.

4. A atuação dos padres maçons na revolução de 1817

Ao analisar o papel desses religiosos na vida política do Império, observa-se que muitos deles exerceram certo protagonismo. Essa realidade pode ser explicada tanto pela sua formação intelectual quanto pelo fato de que atuavam como homens religiosos do Estado, sob o regime do padroado.

Nesse contexto, esses homens de batina tornaram-se também homens de avental maçônico. Pro-

punham a si mesmos a construção de um novo mundo, sob os ideais maçônicos e sua liderança religiosa. No caso dos Padres que pertenceram à maçonaria no Brasil Imperial, para efeito deste trabalho, vamos destacar o papel de alguns que exerceram papel relevante em suas províncias na defesa de questões ligadas à causa da Maçonaria,³ e que de alguma forma impactaram a política do Brasil durante o século XIX.

Vieira (1987, p. 202) assevera que esses padres eram

Maçons, liberais, nacionalistas e revolucionários, esses padres foram não apenas partícipes, mas também chefes das revoluções de 1817 e 1824, em Pernambuco. Destacando entre eles, o Cônego Francisco Muniz Tavares, historiógrafo da revolução de 1817, o padre João Ribeiro Pessoa, chefe da "Academia do Paraíso", os padres José Inácio de Abreu e Lima ("Padre Roma") e Miguel Joaquim de Almeida ("Padre Miguelinho"), ambos executados na Bahia, e Frei Joaquim do Amor Divino ("Frei Caneca"), executado no Recife, para citar apenas alguns dos mais famosos. Enfim, 60 padres e 10 frades foram presos, por participarem da revolução de 1817, que foi alcinhada de "a revolução dos padres". Outros tantos participaram da revolução de 1824, liderada por "Frei Caneca". Lutavam pela independência e o "progresso" do Brasil.

De acordo com a literatura maçônica,⁴ além desses padres, o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, deputado do Santo Ofício de Lisboa, no período pombalino, bispo de Olinda e fundador do seminário daquela diocese, também era maçom.

Concordando com Vieira (1987), Hailton Meira da Silva (1999) em sua obra os Padres na Maçonaria, ele afirma que esses padres tinham relações com as associações maçônicas da época, em Pernambuco e que foram participantes desses movimentos sediciosos no Brasil Imperial. Dentre esses destacam-se a

revolução de 1817 e 1824.

Evaldo Cabral de Mello afirma que, em 1817, potências maçônicas⁵ portuguesas, inglesas e francesas influenciaram maçons em Pernambuco de modo a inflamar e promover a revolta.

Mello (2002) destaca que

as lojas pernambucanas tornaram-se exclusivamente brasileiras, excluindo os portugueses, os quais por isso mesmo fizeram a sua à parte. Martins e seus aliados, o mesmo padre João Ribeiro, o negociante Cabugá e o médico Guimarães Peixoto, trataram de conquistar o clero e a oficialidade, empresa tanto mais fácil quanto essas categorias já se compunham majoritariamente de naturais da terra, estando predispostas, portanto, a se constituírem em ponta-de-lança do projeto emancipacionista (MELO, 2002, p. 9)

Nesse contexto, destaca-se o papel dos Padres Roma, Padre Miguelinho e Arruda Câmara, além do Frei Caneca que foram revolucionários e partícipes da revolução de 1817 e formaram um governo provisório, foram presos e alguns condenados à morte.

Com relação ao Padre Roma, cujo nome de registro era José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, nasceu em Recife, em 1768, frequentou o convento do Carmo, em Goiana, na província de Pernambuco. Foi professor de Desenho no Seminário de Olinda. Após a formação básica foi estudar teologia em Coimbra. Foi ordenado padre em Roma. Assumiu uma postura liberal, e em seus sermões defendia suas ideias e tinha um posicionamento anticolonialista (MARTINS, 1975). Ao voltar ao Brasil abandonou a batina e anula seus compromissos sacerdotais, por sentença dos tribunais eclesiásticos, em 1807. Contraiu matrimônio e passou a exercer a função de advogado. Fato curioso é que Padre Roma foi pai de José Inácio de Abreu e Lima, que viria a ser conhecido como General Abreu e Lima, general do exército de Simon Bolívar (SILVA, 2016, p. 78).

Padre Roma foi amigo e discípulo do padre e

³ Ver: BARATA, 2006; SOUSA, 2017.

⁴ Ver: BARATA, 2006; VIEIRA, 1987.

⁵ Potência maçônica refere-se às organizações administrativas de cunho maçônico em um dado território, responsáveis pela organização, regulação e reconhecimento legal das lojas maçônicas e maçons, perante a maçonaria de outras nações, como forma de garantir a legitimidade dessas atividades e evitar a propagação de organizações falsas. Ver: DOS ANJOS, Rodrigo Otávio. Considerações Sobre a Regularidade Maçônica. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 7, n. 1, 2021.

naturalista Arruda Câmara,⁶ chegando a participar das atividades na academia de cunho maçônica, fundada em Pernambuco, no início do século XIX. Foi um dos participantes do movimento revolucionário de 1817, conhecido com a Revolta dos Padres. Participou da instalação do governo provisório e acabou sendo preso na Bahia e depois condenado à morte por fuzilamento (MARTINS, 1975).

Outro religioso Maçom que atuou em Pernambuco e teve um papel decisivo no surgimento dos movimentos sediciosos de 1817, 1824 e contribuiu na formação de homens com ideias ilustradas no Brasil Imperial foi D. Joaquim José da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Olinda e fundador do Seminário de Olinda. Joaquim Azeredo Coutinho era natural de São Sebastião do Rio de Janeiro, nascido em dia 18 de janeiro de 1742. Filho de família abastada e da elite econômica, desde a sua infância já demonstrava o interesse de ingressar na vida religiosa. Seus pais o enviaram à Universidade de Coimbra para estudar (FRAGOSO, 2005).

Essa formação possibilitou a Dom Joaquim Azeredo Coutinho ter acesso a uma educação superior reformada, sob a influência de princípios do iluminismo português, que encarnava "um desejo incontido de modernização do Reino, pobre e atrasado, ainda na segunda metade do século XVIII, cuja justificativa apelava sempre para o estágio das nações europeias mais ricas e evoluídas" (ALVES, 2010). Ele chegou à Universidade de Coimbra, aos 33 anos de idade e recebeu o apoio de seu tio D. Francisco de Lemos, Reitor da Universidade, que o acolheu e deu apoio. Azeredo, além sua formação eclesiástica, também se matriculou nos cursos de Leis, Cânones e Filosofia (CANTARINO, 2012), buscando assim complementar a sua formação, o que foi decisivo para a sua atuação em Pernambuco.

Ao voltar ao Brasil, em 1798, além de assumir a Diocese de Olinda, mas também faria parte da junta administrativa de Pernambuco, a qual seria o presidente e o responsável pela presidência da direção geral de estudos, o que foi decisivo para a sua intenção de fundar o seminário de Olinda, com beneplácito régio, para esse fim (CANTARINO, 2012, p. 74).

O bispo Azeredo Coutinho acreditava que a boa formação dos padres poderia contribuir decisivamente para o sucesso da colonização, pois além deles

serem homens mais preparados para exercer as suas funções com dignidade e educação, e para tanto ele defendeu uma formação além da religiosa no seminário, tornando os seus formandos padres-cientistas. Ele apontava para uma "Igreja divinamente ilustrada", pronta para introduzir os jovens nos estudos "das virtudes e das ciências", fazendo daqueles jovens, perpétuos ministros de Deus (COUTINHO, 2010, p. 74).

Sua principal obra pode ser considerada a fundação do seminário de Olinda, espaço de formação de uma parte da elite imperial do Brasil, especialmente com base em princípios ilustrados, levando um considerável número desses jovens a desejar ingressar na maçonaria e a atuar na política do Império do Brasil, durante o século XIX.

Além destes personagens já elencados, destaca-se o Padre Miguelinho, nascido em Natal, em 17 de setembro de 1768. Miguel Joaquim de Almeida e Casto, filho do capitão português Manoel Pinto de Castro. Foi morar em Recife com sua irmã Clara de Castro, e em 1784, ingressou na Ordem dos Carmelitas da Reforma, tornando-se o Frei Miguel de São Bonifácio. Tornou-se Padre, em 1800, por intermédio do Papa Pio VII que lhe concedeu a secularização. Em 1817 torna-se mestre de retórica do Seminário de Olinda e, no mesmo ano, envolve-se na revolução. Foi preso em 2 de maio de 1817, com outros 72 revolucionários, e condenado pelo crime de lesa-majestade e fuzilado em 12 de junho de 1817 (SILVA, 1999, p. 78-79).

Padre Miguelinho, como professor de retórica do Seminário de Olinda, era o responsável por fazer o discurso de abertura do seminário aos novatos. Sempre exaltava o papel daquele espaço como um "Templo" para as ciências, onde os alunos poderiam exercitar o fundamento da "religião e do Estado", do "sacerdócio e do Império".

Pinto (1908) destaca que a participação ativa de Miguelinho, bem como o Padre Roma, nas academias maçônicas em Pernambuco foi decisiva para que eles pudessem ser protagonistas do movimento de 1817, pois lá as ideias separatistas estavam em ebulição. Ele justifica isso, pois,

Era ahi nesse club de Minerva e de Marte que se iniciavam nos mystérios do patriotismo os crusados dessa legião de mar-

⁶ Arruda Câmara foi cientista, médico e religioso. Fundador do Areópago de Itambé. Academia de estudos de cunho maçônica, que foi precursora das academias Suassuna e Paraíso. Foi um dos primeiros naturalistas do fim do século XVIII. VER: HOLANDA (1970); SILVA (2016).

tyres, que se votaram com stoica abnegação a reclamar o Brasil a cadeia, que lhe cabia no congresso das nações com um povo livre e independente (PINTO, 1908, p. 60).

filiado a Loja Maçônica Academia do Paraíso, que tiveram, elas ambas, suas colunas reerguidas pelo Grande Oriente Independente de Pernambuco (FERREIRA, 2011).

Por fim, destaca-se o papel de Joaquim da Silva Rabelo, o Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, conhecido como Frei Caneca. Membro da ordem carmelita. Ele foi estudante e professor do seminário de Olinda. Exerceu o posto de capitão de guerrilhas participou ativamente na Revolução Pernambucana em 1817, ajudou a organizar o primeiro governo. Ativista apoiou vários movimentos políticos. Em 1824 foi detido nas funções de Secretário das tropas sublevadas e Orientador espirituais, foi preso pelas tropas imperiais e executado por fuzilamento em 1825.

Dos padres citados como maçons, os registros dos discursos e dos escritos do Frei Caneca demonstram o conhecimento maçônico do mesmo e a forte relação dos seus ideais com os princípios maçônicos. Quando escreveu obras políticas e literárias, Caneca destaca a atuação da maçonaria europeia em prol da sociedade:

Depois livres de perseguições, não só continuaram nos seus trabalhos, nos lugares antigos de suas sedes, como estabeleceram [...] e instituíram escolas de caridade na Alemanha, Dinamarca, Suécia, para educar os filhos dos francmaçons, cuja pobreza os privava desta vantagem[...] Em Eisenack se fundaram muitos seminários desta natureza a expensas dos francmaçons, e pouco tempo depois haviam setecentos meninos intruídos nos princípios das sciencias e doutrina christã. [...] São públicos os grandes serviços que ella presta a humanidade na Inglaterra (CANECA, 1972).

Nessa mesma linha, o pesquisador maçônico Antônio do Carmo Ferreira, em cerimônia realizada pela maçonaria de Pernambuco aduz a participação de Frei Caneca nas duas associações de cunho maçônicos existentes em Pernambuco, no período, a Academia Suassusna e Academia Paraíso, que foram tempos depois reabertas como Lojas Maçônicas pelo Grande Oriente de Pernambuco.

Frei Caneca (Joaquim do Amor Divino Rabelo) foi iniciado maçom na Loja Maçônica Academia de Suassuna e posteriormente

Portanto, esses “padres-maçons”, idealistas e líderes desse movimento revolucionário em Pernambuco exerceram um papel importante na história do Brasil, pois, como membros das academias e por meio das suas ações lutaram por bandeiras que a Maçonaria no século XVIII e XIX. Essas bandeiras políticas incluíam a defesa da liberdade, da solidariedade e da fraternidade, com valores imanentes à própria Maçonaria. Tal ideário era especialmente difundido aos irmãos maçons, que debatiam amplamente em seus espaços de sociabilidade (lojas e academias maçônicas), pois se sentiam protegidos para expor ideias e propor as ações que promovessem as transformações sociais necessárias ao progresso da sociedade.

5. Considerações finais

Nesse trabalho, procurou-se analisar o perfil dos padres-maçons participantes da revolução de 1817, destacando o caso dos Padres-maçons que eram professores do seminário de Olinda e do seu Bispo, que foi fundador do Seminário.

A historiografia considera o seminário como centro de formação ilustrada nas províncias do Norte, durante o século XIX, visto que muitos desses padres formados no seminário atuaram na política do Império.

A discussão e trajetória desses membros demonstra que eles foram importantes personagens nessa revolução, tanto por sua participação, como por sua capacidade de influenciar outros sacerdotes em sua aproximação aos demais intelectuais pernambucanos, envolvidos com associações de influência maçônica.

Desse modo, além de contribuir na formação intelectual desses padres com valores ilustrados, a sua aproximação com organizações maçônicas também deve ter contribuído para que muitos desses religiosos tenham ingressado nas lojas, assim como ter tido uma participação ativa na política do Império do Brasil, em suas províncias, durante as décadas seguintes.

A partir desse recorte, foi possível perceber que a maçonaria era para esses padres um espaço de sociabilidade, conforme entendido por Barata (1999),

no qual eles poderiam manter laços com outros homens da elite imperial e das províncias, a fim de poder discutir suas ideias e propostas de construção de um modelo de Estado ideal para a nação em formação.

O ingresso desses personagens destacados na Ordem não ocorreu, necessariamente, pelo ritual ou pela questão litúrgica, mas pela oportunidade de estar em uma rede fraterna e secreta, que lhes garantiu a verdadeira liberdade para expressar suas ideias e pensar como contribuir com o progresso do Brasil.

6. Referências

- ALVES, Gilberto Luiz. Azeredo Coutinho / Gilberto Luiz Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 33-34
- AZZI, Rioldo (1977). A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo (coord.). História da Igreja no Brasil, Tomo II/1. Petrópolis: Vozes, Edições paulinas, pp. 155-244.
- BARATTA, cônego José do Carmo. Escola de heróis: o colégio de N.S. das Graças o Seminário de Olinda. 2. ed. Recife: Fundarpe, 1985.
- BARATA, Alexandre Mansur. Maçonaria, sociabilidade ilustrada e Independência (Brasil, 1790-1822). São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.
- BITTENCOURT, Feijó. Os Fundadores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.
- CANTARINO, Nelson Mendes. A razão e a ordem: o Bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho e a defesa ilustrada do Antigo Regime Português (1742-1821). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. p. 51.
- CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. Obras políticas e literárias. Colecionadas pelo comendador Antonio de Melo, edição fac-símile, Recife: ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 1972.
- CASTELLANI, José e FERREIRA, Cláudio. Amizade: A primeira loja maçônica na História de São Paulo. São Paulo: Amizade ed., 1996.
- COUTINHO, D. José Joaquim da Cunha Azeredo, 1742-1821, "Estatutos". Azeredo Coutinho / Gilberto Luiz Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- CUNHA. Luiz Antônio. A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era Vargas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- DE ALMEIDA, Argus Vasconcelos; DE OLIVEIRA MAGALHÃES, Francisco. Pressupostos do ensino da Filosofia Natural no Seminário de Olinda (1800-1817). REEC: Revista electrónica de enseñanza de las ciencias, v. 7, n. 2, p. 12, 2008.
- FRAGOSO, João. "Elites econômicas" em finais do século XVIII: mercado e política no centro-sul da América lusa. Notas de uma pesquisa". Independência: história e historiografia / István Jancsó, organizador. – São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2005. p. 867.
- HAUCK, João Fagundes [et. al]. História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo, segunda época, século XIX. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. pp. 207-237| "A agitação republicana no Nordeste", 1970.
- MARTINS, Joaquim Dias. Os Mártires Pernambucanos Vítimas da Liberdade nas Duas Revoluções Ensaçadas Em 1710 e 1817. (Dedicatória ... Por Hum Luso-pernambucano, O Padre Joaquim Dias Martins.) Pernambuco: Typ. de F.C. de Lemos E Silva, 1853. ALPE, 1975.
- MELLO, Evaldo Cabral de. Dezessete: a Maçonaria dividida. Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, p. 9-38, 2002.
- NOGUEIRA, S.L. O seminário de Olinda e seu fundador o bispo Azeredo Coutinho. Recife: FUNDARPE, 1985.
- PINTO, Francisco G. de Souza. Biografia do Padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro ou uma página da revolução de 1817. Revista do Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, nº 1 e 2, p. 47-100, 1998.
- SILVA, Hailton Meira da. Padres na Maçonaria: Porque um padre de torna Maçom? 1ª. Ed. Londrina: Ed. Maçônica "A TROLHA", 2016. 232p.
- SOUSA, Kleber Cavalcante de. A maçonaria em 24 lições: introdução ao estudo maçônico. Natal: AMRA, 2017.
- SOUZA, Françoise Jean O. Do Altar à Tribuna: os padres políticos no contexto de formação do Estado Nacional Brasileiro (1823-1841). Tese (Doutorado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. Estudos Teológicos, v. 27, n. 3, p. 195-217, 1987.
- Ver: VIEIRA, David Gueiros. O liberalismo, a maçonaria e o protestantismo no Brasil no século dezenove. Estudos Teológicos, v. 27, n. 3, p. 195-217, 1987.

AS RESSIGNIFICAÇÕES DA #MAÇONARIA NO TWITTER: De direita conservadora, conspiratória e conflituosa com a fé cristã?

(THE IMAGE OF FREEMASONRY IN SOCIAL REPRESENTATIONS OF TWITTER USERS IN BRAZIL:
Conspiracy, conservatism alt-right and inappropriate to cristianity?)

Diego Mota ¹

Resumo

Nesse artigo o autor analisa os sentidos do imaginário associado à ideia de maçonaria que circula em uma rede social. Discute-se o campo representacional de um conjunto de publicações elaboradas na comunicação entre os atores da rede. A leitura dos dados foi referenciada pela análise qualitativa de categorias temáticas. As bases teóricas situam-se no campo da Teoria das Representações Sociais. Os resultados indicam a proeminência da imagem de organizações conservadoras, político-conspiratórias, e conflituosas com a fé cristã. Consolida-se a necessidade de ações que desmistifiquem uma imagem institucional negativada, e que ressaltem os princípios progressistas promulgados nos estatutos dessas organizações.

Palavras-chaves: maçonaria; imaginário social; cibercultura.

Abstract

This paper aims to analyze the meanings of the imaginary about Freemasonry that circulates in social media. The focus of the discussion is the representational field of a set of publications elaborated in the communication between actors in cyberspace. Qualitative analysis of thematic categories was the basis for data interpretation. The Theory of Social Representations forms the theoretical basis of this study. The results indicate the prominence of the image of conservative alt right, political-conspiratorial organizations, and discriminated against by religious segments. It consolidates the need for actions that demystify a negative institutional image, and that emphasize the progressive principles enacted in the statutes of these organizations.

Keywords: Freemasonry; social imaginary; cyberculture.

¹ Professor de Biologia do Colégio Pedro II. Biólogo, especialista em Ensino de Ciências e mestre em Ciências (UFRJ), doutor em Ciências Humanas - Educação (PUC- RIO). E-mail: diegoomota@gmail.com

1. Introdução

A imagem institucional é um elemento valioso que se reflete nas relações que as organizações estabelecem em suas redes de interação na sociedade, indo além das expectativas dos sujeitos que as compõem. No mundo contemporâneo, marcado pela velocidade dos processos comunicacionais, as narrativas e conflitos emergentes na cibercultura expõem e fragilizam a credibilidade das corporações. Nesse sentido, as ações dessas organizações para preservar a coerência e a solidez de sua imagem social tem sido uma necessidade recorrente no presente.

No caso da maçonaria,² há ambivalências quanto a essa questão, dadas suas condições epistêmicas. Trata-se de um conjunto de organizações iniciáticas, discretas e fechadas que, ao mesmo tempo, são capilarizadas e estabelecem relações sociais nas comunidades em que se inserem. De acordo com Ismail (2012), a ideia de uma corporação que guarda segredos e mistérios é um elemento presente no imaginário social, promovido por essas organizações como um aspecto positivo acerca de sua autoimagem, e que atrai o interesse da sociedade.

Contudo, considerando o fenômeno da desinformação e a emergência de "teorias" que associam essa instituição a outras questões polêmicas e conflituosas, questionamos se, no presente, os mitos que gravitam sobre os significados dessas organizações são realmente contributivos à sua reputação. É preciso destacar que a circulação de narrativas ligadas a um fenômeno representacional pode implicar efeitos indesejados sobre os atores de um campo em suas redes de interação. Desse modo, o levantamento das ancoragens do pensamento social que dão sentido a esses objetos é indispensável para que se possam compreender as raízes de possíveis resistências e ideias discriminatórias.

Partindo desses elementos norteadores, este estudo se propõe a trazer uma análise crítica sobre o imaginário social contemporâneo das organizações maçônicas em um espaço específico da cibercultura, a rede social Twitter. Por meio do recorte de publicações de um período específico, discutem-se as representações imagéticas emergentes nas interações entre os atores da rede. Com tal propósito, o presente artigo se organiza em mais quatro seções, além desta introdução. Os potenciais da articulação entre teoria das representações sociais e os estudos da cibercultura são abordados na próxima seção. A seguir, são apresentados os métodos do estudo, o tratamento dos dados e a descrição do ambiente da pesquisa.

Logo após, desenvolve-se a discussão dos resultados. Por fim, são levantados os apontamentos e conclusões desta investigação.

2. A articulação da Teoria das Representações Sociais nos estudos da cibercultura

A popularização das redes digitais tem promovido profundas transformações nas formas de comunicação social. Nessa dinâmica, a internet capilariza-se como um dos principais meios de difusão e circulação de informações de maneira que o ciberespaço se tornou um elemento inerente à cultura contemporânea (MARTINO, 2013).

Esse contexto, marcado pela difusão da produção de conteúdo além do campo profissional da comunicação, constitui um ambiente favorável à circulação de informações muitas vezes defasadas de seus sentidos originais. Esse conjunto de saberes, crenças e imagens é um objeto importante para a pesquisa psicossocial, porque trata-se de um conhecimento "gerado pela comunicação da vida cotidiana com a finalidade prática de orientar comportamentos em situações sociais concretas" (SÁ, 2002, pág.68). Portanto, essas representações sociais (RS) elaboradas e difundidas no ciberespaço são parte dos saberes que os sujeitos utilizam como guias para ação além desse universo de interação.

Os espaços digitais compõem novas redes de relações sociais que se hibridizam nos processos de comunicação e construção do cotidiano, compondo um "movimento geral de virtualização da informação e da comunicação" (LÉVY, 2010, pág.32). Consolidada a era da cibercultura e as novas formas de viver com o digital, muitos pesquisadores têm direcionado suas lentes para as mídias emergentes – como o Facebook, o Twitter e o Instagram – em busca de conhecer os efeitos dessas redes de comunicação sobre diversos fenômenos, como questões políticas, a (des)valorização da imagem pública de pessoas e instituições, além da dinâmica de suas representações sociais no ciberespaço (SIMÕES et al., 2019; RECUERO, ZAGO; 2016.).

De fato, as representações sociais são um fenômeno característico das sociedades modernas, nas quais a elaboração do conhecimento comum é marcada pela ciência e influenciada pelo poder da comunicação de massas (DUVEEN; 2009). Ao analisar a presença das tecnologias digitais em nossas vidas, Serge Moscovici (CASALEGNO, 2006; pág.78) afirma que as novas formas de comunicação, interação e pertenci-

² Nesse texto, o termo 'maçonaria' não se refere a uma única organização, mas ao conjunto de instituições autônomas, plurais e independentes que se denominam "maçonaria".

mento fazem das RS elaboradas no ciberespaço uma "condição de existência e de participação em uma comunidade virtual".

Considerando os potenciais do olhar das RS sobre a dinâmica do pensamento social, este estudo tem como objetivo discutir os significados da maçonaria no contexto cibercultura, a partir da análise de imagens representadas pelos atores da rede sobre essas instituições. Isso posto, o estudo se justifica pela urgência ampliar a discussão de episódios de intolerância sobre esse objeto no ciberespaço (ISMAIL, 2022), além da necessidade de superar preconceitos associados a essa e outras instituições, especificamente em tempos de propagação de notícias falsas e crescimento do negacionismo científico.

3. O campo de investigação (Twitter), os métodos e os processos da pesquisa

Criado em 2006, o Twitter é uma rede social que funciona como um microblog de compartilhamento de imagens, links, vídeos e pequenos textos entre seus usuários. Nessa plataforma, é possível interagir com outros atores, pesquisar fotos, vídeos e publicações sobre assuntos variados. Além disso, os usuários também podem seguir mensagens públicas de outros sujeitos, comentar, curtir ou compartilhar essas informações. Desse modo, configura-se uma tipografia eminentemente social e interativa para todos os atores dessa rede (MYERS, 2014).

A natureza dessa plataforma tem levado diversos pesquisadores a analisar a circulação de opiniões subjetivas de seus usuários para monitorar diversos temas, como problemas de saúde coletiva, questões políticas, conflitos sociais e catástrofes naturais (WANG et. al., 2012; LLORENTE, 2015; KRYVASHEYEU, 2016). De acordo com Parmelee e Bichard (2012), o Twitter é um campo pertinente para se explorar a "atmosfera da opinião pública" em determinado momento já que seu algoritmo sinaliza os temas mais discutidos em determinado momento. Nesse sentido, anuncia-se como um espaço fecundo para a investigação de determinados fenômenos sinalizados pela cibercultura. Importa destacar que essas análises restringem-se ao universo comunicacional dos atores dessa rede em um recorte temporal estrito; portanto, não traduzem um espelho da percepção de outras populações.

A produção dos dados da pesquisa ocorreu nessa rede social, que é utilizada por cerca de 15 milhões de brasileiros (STATISTA, 2021). Ao acessar a interface da plataforma, visualizam-se as publicações mais recentes, as interações das pessoas seguidas e os assuntos mais comentados em tempo real. Foi esse últi-

mo recurso que chamou a atenção do autor da pesquisa na manhã de 20 de agosto de 2020. Às 11:00 horas, um dos assuntos mais comentados na rede era o tema "maçonaria". Naquele momento, havia cerca de seis mil publicações relacionadas ao objeto nessa mídia social.

Cabe destacar que o "20 de agosto" é uma data oficialmente reconhecida e celebrada por diversas organizações maçônicas, que realizam solenidades e homenagens públicas em alusão ao "dia do maçom". De acordo com Ismail (2012), a escolha da data está relacionada a processos históricos que sucederam a independência do Brasil no século XIX e envolveram personagens da maçonaria.

Naquele contexto, o fato das interações emergentes na rede social extrapolarem os sentidos relacionados às comemorações da data despertou o interesse do autor deste estudo. Observou-se que outros elementos imagéticos eram evocados ante o tema "maçonaria" como um dos assuntos do momento. Quais significados sobre essa instituição que os atores da rede estavam discutindo? Partindo da dinâmica do processo comunicacional e representacional sobre maçonaria do Twitter, o estudo se anuncia como uma análise qualitativa que se propõe a interpretar os sentidos imagéticos das ideias que circulavam na rede social naquele momento específico.

A obtenção de dados procedeu-se com o suporte de um software rastreador da internet, que operou por 24 horas a coleta de informações sobre o termo #maçonaria, a partir da Interface de Programação de Aplicativos (API) do Twitter. Esse mecanismo é uma porta de acesso a outros programas utilizados para analisar dados da rede, como textos e imagens.

A obtenção dos dados ocorreu durante os dias 20 e 21 de agosto, registrando um corpus de links relativos a 6.845 publicações, das quais foram filtradas 492 imagens. Para analisar o material obtido, recorreu-se ao método qualitativo de análise de conteúdo popularizado por Bardin (2011), efetuando-se a categorização temática das publicações (imagens). Nesse processo, o conteúdo dos microtextos das publicações também foi utilizado como referencial para a classificação do material.

Nesse processo, sucedeu-se a triagem das imagens obtidas. Foram desconsideradas as publicações sem conexão com o tema, sem curtidas ou compartilhamento, além daquelas que apenas anunciavam uma menção à data comemorativa. Importa destacar que algumas representações imagéticas organizadas na mesma categoria sinalizavam variações meméticas próprias da cibercultura. As imagens idênticas foram contabilizadas apenas uma vez.

Embora o grau de interações entre os atores da rede não sejam o foco da análise desse estudo, consideramos a ausência de interatividade como um elemento categórico de exclusão porque o estudo dos objetos sociais tem como elemento simbólico indissociável os processos de comunicação entre os sujeitos. Trata-se, portanto, de um método interpretativo do material obtido pelo autor do estudo, no qual aquelas mensagens com conteúdo representacional convergente foram agrupadas na mesma classe. Os resultados serão discutidos na próxima seção.

4. Resultados e discussão

As 216 imagens selecionadas, a partir das 492 filtradas da base de dados, foram categorizadas em três classes, que se ancoram em elementos do pensamento social relacionados a teorias conspiratórias (classe 1- 122), aos movimentos político-conservadores contemporâneos (classe 2-39) e a estigmas imputados por segmentos religiosos católicos e protestantes (classe 3- 45). O quadro 1 evidencia algumas imagens representativas para apresentar uma visão geral da análise proposta pelo estudo.

Figura 1 – Nuvem de imagens compartilhadas pelos atores da rede entre 20-21 de agosto de 2022



Fonte: elaborado pelo autor

Observa-se que a distribuição espacial das imagens foi elaborada de acordo com a proposta das temáticas identificadas. Sendo assim, as representações da 'classe 1' foram organizadas na parte superior direita; da 'classe 2' na parte superior esquerda; da

'classe 3' na parte inferior. No presente estudo, o conteúdo compartilhado pelos sujeitos é tomado como manifestações espontâneas das interações na rede e considerado a expressão do seu imaginário, que constitui "um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, constroem para si, dando sentido ao mundo" (PESAVENTO; 2005; pág. 45).

As três classes identificadas revelam elementos cujos sentidos se aproximam em diversos aspectos e, ao mesmo tempo, manifestam ambivalências em suas ideias centrais. O pensamento social pode ser anacrônico, dissonante e incoerente porque não é um espelho dos fatos históricos e sociais, mas o fruto da complexa dinâmica das sociedades para compreender e lidar com a realidade. Considerando essas contradições, apresentaremos a discussão das classes sequencialmente, a fim de analisarmos o núcleo de sentido de seus campos representacionais.

As imagens que compõem a 'classe 1' têm como referencial temático a relação entre maçonarias e "teorias conspiratórias" que circulam no imaginário social. As representações imagéticas compartilhadas na rede manifestam a presença de políticos, líderes religiosos e atores de diversos poderes do sistema republicano em eventos ou que fazem parte dessas organizações. A ideia central sinalizada pelas imagens

se ancora em uma suposta "influência das instituições maçônicas sobre a dinâmica da estrutura da sociedade", por isso foi identificada como a temática "político-conspiratória".

A circulação de narrativas conspiratórias sobre a maçonaria não é uma questão recente ao longo de sua história. Diversos autores argumentam que houve um processo de construção desse pensamento social. De acordo com Costa (2009), a difusão de ideias antimaçônicas pelo mundo foi um desses elementos,

muito influenciada por uma literatura fictício-tendenciosa que semeou o "mito do complô" e se popularizou no mundo. Consequentemente, plantou-se o imaginário de que "por trás de cada fato, cada decisão política, cada guerra, cada calamidade, estaria a Maçonaria planejando, maquinando, manipulando" (COSTA, 2009, pág.53).

Ainda de acordo com Costa (2011), novos ele-

mentos foram incorporados a essa narrativa ao longo do século XX, principalmente por causa de conflitos políticos, ideológicos e xenofóbicos que deram origem à narrativa da “conspiração judaico-maçônica-comunista”. Para Vinhola (2021) a natureza discreta e seletiva de uma instituição que guarda segredos também foi um elemento importante para dar sentido a esse imaginário sustentado por informações rasas e difusas sobre o que a maçonaria é.

Além disso, devem-se considerar as narrativas que associam as maçonarias aos destinos da humanidade porque essas ordens (ou seus membros) se envolveram em significativos processos históricos de transformação social (BARATA; 1999). De fato, a historiografia do século XIX reconhece a maçonaria como elemento “organicamente ligado aos movimentos políticos de seu tempo” (AZEVEDO, 1996, pág.183). De acordo com Souza (2006), esse mito que alimenta o imaginário social é visto com certa nostalgia dentro dessas instituições. Desse modo, a presença de políticos, militares e intelectuais em seus quadros se configurou como um aspecto positivo para a imagem dessas instituições ao longo dos últimos 300 anos porque lhe confere um suposto status de influência e poder.

Por outro lado, pode-se refletir que essa vitrine também contribuiu negativamente com sua imagem ao fortalecer o imaginário da conspiração mundial. O que é contraditório na construção dessas narrativas é a constatação de que a difusão de ideias detratoras da maçonaria foi prejudicial a sua imagem e ao mesmo tempo consolidou a crença do suposto poder manipulatório sobre os destinos sociedade (COSTA, 2009).

Com essa dinâmica o pensamento social ganha objetividade por meio de ancoragens presentes no imaginário que ajudam a dar sentido às experiências vivenciadas pelos sujeitos, possibilitando a compreensão daquilo que é desconhecido e ameaçador, especialmente em tempos de tensões sociais. Desse modo, direcionamos nossas lentes para as representações de maçonaria, a fim de compreendermos o imaginário de uma organização que trama para influenciar a sociedade.

Nesse sentido, a ‘classe 2’ anuncia elementos contributivos para a interpretação desse fenômeno. As ideias apropriadas dos movimentos políticos contemporâneos da direita conservadora são evidentes nessa categoria de imagens compartilhadas pelos atores da rede naquele momento. Nesse material, os usuários da rede destacam a aproximação entre símbolos maçônicos e tais ideais reacionários e sugerem

uma provável identificação entre os dois campos.

Cabe marcar que o renascimento de ideologias de extrema-direita e a expansão do pensamento reacionário constitui um fenômeno global que também se manifesta no Brasil no tempo corrente (DEMIER, 2016). A ascensão desses movimentos tem sido observada nos espaços de comunicação e interação digitais, que constituem o palco dos confrontos ideológicos das questões políticas da atualidade. Para Eugênio Bucci (2021), esse contexto consolida um cenário no qual múltiplas narrativas se fortalecem nos debates das redes.

Desse modo, as representações imagéticas da ‘classe 2’ trazem marcas que incluem a maçonaria nesses fenômenos da contemporaneidade. A partir da interpretação do material associado à categoria “conservadora” podemos anunciar sentidos que apontam a autoidentificação de supostos movimentos ligados à maçonaria com ideologias neoconservadoras. Isso nos leva a levantar a hipótese de uma possível identificação de sujeitos dessas organizações com esses valores.

Nessa lógica, alguns autores do campo têm chamado a atenção para tal hipótese: destacam a manifestação de instituições maçônicas em apoio a segmentos políticos mais conservadores na última década (ISMAIL, 2017). Na visão de Filardo (2018, s.p), são “manifestações de maçons absolutamente incompreensíveis à luz do ideário teórico da maçonaria, quando cerraram fileiras com grupos que apresentavam reivindicações contrárias a seus princípios”.

Dessa maneira, a classe 2 apresenta um conteúdo representacional que não se limita à atmosfera do imaginário social. Muito além disso, aponta para questões ligadas a fenômenos contemporâneos, dos quais essa instituição não está deslocada. Chama atenção nesse debate que “o conservadorismo tem tido voz forte na organização” (SALEH, entrevistado por SANCHES, 2022). E que a representação imagética da ‘classe 2’ se aproxima da constatação de Minozzi (2020), segundo o qual “eventos dentro de lojas, manifestações oficiais de entidades ligadas à ordem e o uso de símbolos por grupos radicais tornaram-se comuns”.

Soma-se a isso, a evidência da emergência de vozes insurgentes dentro da própria maçonaria, no sentido de comporem coletivos e minorias ativas³ que buscam afirmar os seus valores progressistas ante a onda conservadora que também parece forte nessas organizações. Sendo mais objetivo, há um debate no ciberespaço entre membros da própria instituição para que “princípio da universalidade ideológi-

³ Coletivos ativos nas redes sociais como a Irmandade Progressista e os Maçons pela Democracia.

ca na Maçonaria não seja ferido de morte”, já que os fundamentos de muitas dessas organizações marcam que “nem em uma Loja, nem a qualquer momento em sua qualidade de maçom, lhe é permitido discutir ou fazer promover seus pontos de vista sobre questões teológicas ou políticas” (ISMAIL, 2017, s.p).

A “classe 3” reúne um conjunto de representações imagéticas cuja ideia central ancora-se em um discurso aversivo por parte de segmentos religiosos cristãos. São imagens que remetem a argumentos negativados em relação a essas instituições. Quais seriam os sentidos relacionados a esses possíveis estigmas imputados à maçonaria?

A associação da maçonaria como uma instituição incompatível com princípios teológicos cristãos é uma marca presente nas imagens compartilhadas pelos atores da rede. Referências a bulas papais de excomunhão e o culto a entidades mitológicas consideradas hereges por essas religiões são mensagens identificadas nessas representações imagéticas.

A ideia de que a maçonaria é uma organização discriminada por certos segmentos religiosos tem suas raízes ancoradas em disputas de interesses dessas organizações ao longo da história (DE CAMARGO OLIVEIRA, 2019; GONÇALVES, 2022). Nos anos 1800, a Questão Religiosa foi um desses eventos que envolveram a maçonaria em conflitos entre a monarquia brasileira e a igreja católica (VIEIRA 1999).

Nos primeiros anos da república, a defesa da laicidade e do ecumenismo por organizações maçônicas também fomentou respostas daqueles segmentos religiosos contra essas ideias divergentes de seus princípios. Silva (2013), reitera que “esse tipo de vinculação do Estado laico com a irreligião, com a descristianização e, invariavelmente tendo a Maçonaria como mentora intelectual, alimentava as teses clericais dos complôs destinados a abalar os altares e os tronos” (SILVA, 2013, pág.18). De acordo com Caes (2017, pág.204), todas essas questões que divergiam os interesses dos dois campos contribuíram para a consolidação do imaginário de uma ordem com “o potencial para mudar a história e para corromper a sociedade através de práticas consideradas satânicas”.

A igreja romana ainda mantém a defesa de que “a presença de católicos nessas organizações é um pecado grave” (CURY, 2017, pág.43). Além disso, alguns segmentos protestantes acreditam que “os maçons são adoradores do demônio, envoltos em uma doutrina sombria, mística e longe de Deus” (CADORE, MODES, JAGMIN, 2018, pág.11). Portanto, existe uma orientação dessas denominações a seus fiéis para que se mantenham distantes da maçonaria porque ela

remete a uma espécie de “mal”.

Como se estabeleceu um terreno fecundo semeado por disputas políticas e ideológicas, esses mitos negativos sobre a maçonaria criaram raízes no imaginário social. No caso da “classe 3”, que sinaliza repulsa e estigmas imputados à maçonaria, parece que os embates ideológicos e políticos com autoridades clericais contribuíram para o fortalecimento dessas narrativas contrárias a essa organização, como já sinalizado por Costa (2011). Essas narrativas permanecem sendo difundidas por determinados grupos para reafirmar sua própria identidade e seus valores porque atuam como um instrumento que ajuda a legitimar sua autoridade e seu poder, ecoando no pensamento social no tempo de longa duração (BACZKO, 1984).

Sob o ponto de vista da interpretação dessa pesquisa, foram ressaltadas as diversas associações dos usuários do Twitter à ideia de maçonaria. Esses posicionamentos são ancorados no imaginário social decorrente de questões do presente e de fenômenos representacionais do passado que enredam conflitos dessas instituições com outras organizações.

Nas três classes de representações imagéticas sobre a maçonaria, foi possível observar condutas e discursos que podem superestimar o seu poder político, valorar a crença de que guarda mistérios e alimentar certa curiosidade na sociedade em geral. Os dados também apontam para uma identificação das organizações maçônicas com ideários políticos mais conservadores da contemporaneidade, cujas ideologias são divergentes dos princípios dessas organizações. O estudo também evidencia representações desfavoráveis à imagem institucional porque remetem a preconceitos e estigmas que podem desencadear eventos discriminatórios em outros espaços de atuação.

Ante esses resultados, é preciso reiterar que a presente discussão é fundamentada por um processo de análise qualitativa de conteúdo a partir de representações imagéticas selecionadas pelo estudo. Por tal princípio, o autor reconhece outras potenciais interpretações das imagens, dada a polissemia de sentidos presentes nessas manifestações da cibercultura e a natureza dinâmica das representações sociais.

5. Considerações finais

Os apontamentos sinalizados por esse estudo trazem elementos do imaginário social fundamentais para ampliar o debate e compreendermos como a maçonaria é vista no espaço da cibercultura na contemporaneidade. Desse modo, buscou-se estreitar a discussão entre os estudos da cibercultura e da imagem institucional, que constitui um patrimônio ima-

terial para as organizações.

A pesquisa destaca elementos do pensamento social que supostamente valorizam sua imagem e constituem um capital simbólico – ao atribuir uma força institucional muito além de seu alcance real, elementos de suspeição, além de preconceitos potencialmente discriminatórios para tais corporações e seus sujeitos. Também é possível considerar que a imagem institucional da maçonaria nesse espaço da cibercultura parece distante e pouco coerente com as autodescrições apresentadas por essas organizações de serem “um sistema de moralidade e de ética social” (ISMAIL, 2013, pág.7).

Esses indicativos são fundamentais para que se pense em estratégias de ação e comunicação que possam evitar ou minimizar possíveis conflitos identitários e ideológicos internamente ou com outros atores em suas redes de atuação social. Efetivamente, essas organizações dependem da associação voluntária para se manterem ativas e funcionais. Por esse motivo, compreender como as informações relacionadas à ‘maçonaria’ são representadas e circulam nas mídias digitais pode trazer alguma contribuição ao desenvolvimento de estratégias que aspirem transformações dessa imagem institucional. Cabe marcar que o acesso a novas práticas sociais (e sua materialidade) é um caminho eficaz para transformar uma representação.

Desse modo, o estudo evidenciou os sentidos das mensagens comunicadas sobre o objeto da pesquisa no espaço investigado: a ideia de maçonaria se aproxima de uma organização conspiratória com forte influência política na sociedade, que não é compatível com as doutrinas de certos segmentos cristãos e que remete a movimentos políticos da direita mais conservadora. Por fim, concluímos esse panorama interpretativo provocando outros pesquisadores do campo ao contraditório e ao aprofundamento das seguintes questões emergentes: é essa imagem estereotipada que se espera perpetuar no pensamento social contemporâneo? Essa descrição é um espelho que reflete o que seus membros pensam e esperam das maçonarias?

6. Referências

- AZEVEDO, Celia M. Marinho de. Maçonaria: história e historiografia. *Revista USP*, n. 32, p. 178-189, 1996.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopédia Einaudi*, v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
- BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo* (1971). São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.
- BUCCI, Eugênio. *A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CADORE, Danielli Meiri; MODES, Josemar Valdir; JAGMIN, Mara Regina. Maçonaria e a falsa percepção do ser humano como realizador das mudanças em si e no mundo. *Revista Ensaios Teológicos*, v. 4, n. 2, 2018.
- CAES, André Luiz. Maçonaria na modernidade tardia: mitos e imaginários. *Revista Sapiência*. 2017.
- CASALEGNO, F. (2006). Entrevista com Serge Moscovici - Memórias, rituais e ciberrepresentações. In F. Casalegno. *Memória cotidiana: comunidade e comunicação na era das redes* (pp.70-83). Porto Alegre: Sulina.
- COSTA, Luiz Mário. A consolidação e a transformação do mito da “conspiração maçônica” em terras brasileiras. REHMLAC+, Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña plus, 2011.
- COSTA, Luiz Mário. Maçonaria e Antimaçonaria: uma análise da ‘História secreta do Brasil’ de Gustavo Barroso. 2009. Dissertação. UFJF (Mestrado em História) — Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- CURY, Samir. A liberdade religiosa na berlinda: as relações da maçonaria com a igreja católica e sua implicação no processo de secularização do estado brasileiro por ocasião da questão religiosa. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 4, n. 1, 2017.
- DE CAMARGO OLIVEIRA, Paulo Ferraz. Fé e razão: a liberdade de consciência na maçonaria e a religiosidade. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 6, n. 1, 2019.
- DEMIER, Felipe (Ed.). *A onda conservadora*. Mauad Editora Ltda, 2016.
- DUVEEN, G. (2009). Introdução - O poder das ideias. In S. Moscovici. *Representações sociais: investigações em psicologia social* pp. 7-28, Petrópolis: Vozes.
- FILARDO, Juan José. Maçonaria Conservadora vs. Maçonaria Progressista. *Bibliot3ca*. Blog. 2018. <https://bibliot3ca.com/maconaria-conservadora-vs-maconaria-progressista/> acesso: 12\11\2022
- GONÇALVES, Arnaldo. *Por quem os sinos não dobram: A Maçonaria e a Igreja Católica*. Mário Brito Publicações, 2022.
- ISMAIL, Kenno. *Basta de discriminação à maçonaria no Brasil*. No Esquadro. Blog. 2022. <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/basta-de-discriminacao-a-maconaria-no-brasil/> acesso: 08/10/2022.
- ISMAIL, Kenno. *Desmistificando a maçonaria*. Universo dos Livros, 2012.
- ISMAIL, Kenno. *Em defesa da maçonaria*. No Esquadro. Blog. 2017. <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/>

em-defesa-da-maçonaria/ acesso: 10/11/2022

ISMAIL, Kenno. Influência da Liderança na Identidade e Comportamento Maçônico. 2013. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro, EBAPE-FGV.

KRYVASHEYEU, Yury et al. Avaliação rápida de danos causados por desastres usando a atividade de mídia social. *Science advances*, v. 2, n. 3, p. e1500779, 2016.

LLORENTE, Alejandro et al. Impressões digitais de desemprego nas redes sociais. *PLoS um*, v. 10, n. 5, p. e0128692, 2015.

MARTINO, L. M. Repensando a(s) teoria(s) da Cibercultura: articulações e tensões com as teorias da Comunicação. *Questões Transversais*, v. 1, n. 2, julhodezembro/2013

MINOZZO, Leandro. *Por que bolsonarismo é incompatível com a ética maçônica?* Opera Mundi. 2020..<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/63308/por-que-bolsonarismo-e-incompativel-com-a-etica-ma-ç-o-n-i-c-a-?fbclid=IwAR0NPsnQTDgYRXDy1XxANf4sEPPUy9fdnsupZs2H9XCpu5Lrz3J1mhddA> acesso 14\11\2022

MYERS Sharma, GUPTA P., LIN J., Rede de informação ou rede social? A estrutura do gráfico de seguidores do Twitter, Anais. *Proceedings of the Companion Publication of the Twenty-Third International Conference on World Wide Web Companion (WWW'14)*, Nova York, NY, 2014.

PARMELEE, John H.; BICHARD, Shannon L. *Politics and the Twitter Revolution: How Tweets Influence the Relationship between Political Leaders and the Public*. Maryland: Lexington Books, 2012

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História cultural*, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIERRE Lévy. *Cibercultura*. Editora 34, São Paulo. 2010.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. Em busca das "redes que importam": redes sociais e capital social no Twitter. *Libero*, n. 24, p. 81-94, 2016.

SÁ, Celso Pereira de. Núcleo central das representações sociais. In: *Núcleo central das representações sociais*. 2002.Petrópolis, Vozes. 2002.

SILVA, Marcos José Diniz. Maçonaria e laicismo republicano na imprensa católica cearense entre os anos de 1910 e 1920. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 1, n. 1, 2013.

SANCHES, Pedro Alexandre. extrema direita é incompatível com princípios maçons. *Opera Mundi*. Blog. 2022. <https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/77079/amir-saleh-extrema-direita-e-incompativel-com-principios-macons>. Acesso: 22\11\2022

SIMÕES, Paula Guimarães et al. Mapeando os estudos de novas mídias no Brasil. *Eco-pós*, v. 22, n. 3, p. 231-258, 2019.

SOUZA, Patrícia Inês Garcia de. Buscadores do Sagrado: as transformações da maçonaria em Belém do Para. *Tese (doutorado)* - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese, 2006.

STATISTA. *Twitter: Statistics & Facts*. 2021. Disponível em: www.statista.com/topics/737/twitter/. Acesso em: 11 de abril de 2022.

VINHOLA, Bruno. Maçonaria, do secreto ao discreto: gestão da informação e da visibilidade nas organizações fechadas. *Tese de Doutorado*. FURGS. 2021.

WANG, H., CAN, D., KAZEMZADEH, A., BAR, F., and Narayanan, S. (2012). A system for real-time twitter sentiment analysis of 2012 u.s. presidential election cycle. In *Proceedings of the ACL 2012 System Demonstrations*, ACL '12, pages 115–120, Stroudsburg, PA, USA. Association for Computational Linguistics. 2012.

Sobre a Revista

Foco e Escopo

A Revista “Ciência & Maçonaria” é a primeira revista acadêmica no Brasil dedicada a contribuições acadêmicas em um campo de pesquisa cada vez mais estudado: a Maçonaria. Seu formato é exclusivamente eletrônico e com publicações semestrais. Sua finalidade é publicar produção multidisciplinar relacionada à Maçonaria de especialistas, professores e alunos de diversas universidades. O objetivo é disponibilizar conhecimento sobre Maçonaria e democratizar a produção acadêmica sobre esse objeto de pesquisa: a Maçonaria.

A Revista “Ciência & Maçonaria” destina-se à publicação de textos inéditos na modalidade de artigos, ensaios e resenhas. Trata-se de um espaço aberto para professores, pesquisadores e estudantes que desejam publicar suas análises, reflexões e resultados de pesquisas realizadas. A revista também está aberta ao público maçônico em geral para suas contribuições. Considera-se ainda, como principal requisito para publicação na Revista “Ciência & Maçonaria”, que a produção apresente conteúdo analítico-interpretativo, de maneira coerente com rigor científico na área de estudo das ciências humanas e sociais.

Processo de Avaliação pelos Pares

O processo de avaliação da Revista Ciência & Maçonaria consiste nas seguintes etapas: O artigo original será analisado pelo editor responsável da revista, de modo a se analisar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área de avaliação o qual será direcionado. Com a etapa de definição, o artigo será enviado a dois avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores e entre os avaliadores (*peer blind review*), sendo necessária a aprovação de ambos os avaliadores para que o artigo seja publicado.

Periodicidade

A Revista “Ciência & Maçonaria” apresenta volumes anuais com periodicidade semestral; sendo dois números por ano. A RC&M apresenta-se em formato digital, onde o leitor pode facilmente efetuar buscas por temas, títulos, autores, além de possibilitar salvar os artigos quando necessário, sem a necessidade de autorização prévia. Os volumes serão divididos em: N.1: Jan/Fev/Mar/Abr/Mai/Jun/ - publicado em Julho; N.2: Jul/Ago/Set/Out/Nov/Dez - publicado em Janeiro.

Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Seções

A Revista Ciência & Maçonaria é dividida nas seguintes seções, nas quais os artigos a serem submetidos devem ser enquadrados: 1. Linguística, Filosofia e Simbologia; 2. História; 3. Sociologia, Antropologia, Administração, Ciência Política, Pedagogia e Direito; 4. Teologia; 5. Psicologia e Pedagogia.

Diretrizes para Autores

A submissão de trabalhos deverá ser feita por meio do website da revista e seguindo estritamente o formato exigido pela mesma, respeitando ainda as condições para submissão e de acordo com os termos relativos a direitos autorais publicados no website: www.cienciaemaconaria.com.br

Atenciosamente,

Conselho Editorial

CEAM



**Revista
Ciência &
Maçonaria**

Realização:

NP3

CEAM | UnB